



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

FAGNER JOSÉ DE ANDRADE

“É TUDO MILAGRE DO PADRINHO”:

Materialidades Sacralizadas na Cidade Santuário de Juazeiro do Norte-CE

Recife

2020

FAGNER JOSÉ DE ANDRADE

“É TUDO MILAGRE DO PADRINHO”:

Materialidades Sacralizadas na Cidade Santuário de Juazeiro do Norte-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof. Dr. Mísia Lins Vieira Reesink.

Recife

2020

Fagner José de Andrade

“É TUDO MILAGRE DO PADRINHO”:

Materialidades Sacralizadas na Cidade Santuário de Juazeiro do Norte-CE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: 30/11/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Mísia Lins Vieira Reesink (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwin Boudewijn Reesink (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Joaquim Izidro do Nascimento Junior (Examinador Externo)
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB4-1291

A553e Andrade, Fagner José de.
“É tudo milagre do padrinho” : materialidades sacralizadas na cidade santuário de Juazeiro do Norte-CE / Fagner José de Andrade. – 2020.
135 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Mísia Lins Vieira Reesink.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2020.
Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Juazeiro do Norte (CE). 3. Peregrinos e peregrinações. 4. Santuários. I. Reesink, Mísia Lins Vieira (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-025)

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor, princípio e fim de todas as coisas;

Ao Padre Cícero, santo ainda não canonizado, pela ajuda em momentos de luta;

Aos meus pais José Ferreira de Lima (in memoriam), Dasdores Helena de Andrade e minha irmã Camila Andrade pelo o apoio, em tudo;

A Minha Orientadora Professora Dra. Mísia Reesink por toda disponibilidade, paciência e dedicação nesses anos de mestrado;

Aos meus avós Martins Ferreira e Josefa Filomena (Vó finfa), por terem desde pequeno me apresentado o Juazeiro do Padre Cícero;

Aos meus interlocutores (romeiros) que se dispuseram a gastar um pouco de tempo de suas romarias a me ajudar a compreender que “tudo é milagre do Padrinho”;

Ao amigo Francisco Mário por ter sido irmão, amigo e confidente, sempre disponível a me escutar, aconselhar e ajudar;

A Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, na pessoa do Padre Cícero José da Silva que com seu acolhimento, amizade e hospedagem colaborou com meu trabalho de pesquisa;

Aos amigos: Professor Zé Carlos, Irmã Annett Dumoulin, Renato Casimiro, Renato Dantas, Francisco Bastos, Rozélia Costa, Mauro Cordeiro, Alex Campelo, Walter Arruda, Pe. Josemar e Ricardo por todo apoio e incentivo;

À família Melo pelo carinho e preocupação de sempre;

À Thaís de Aguiar, Elias Silva, Rodrigo Ludermir, Clara, Jefferson e Elisângela pela amizade e companheirismo, ao longo dos anos de graduação e mestrado;

À Rogério, por ser essa pessoa especial, e que mesmo de BH tem me mandado boas energias, nesses momentos de finalização do mestrado;

Ao Programa de Pós-Graduação de Antropologia da UFPE, importante espaço de produção acadêmica;

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) pelo financiamento dessa pesquisa.

RESUMO

O presente trabalho, trata-se de um estudo etnográfico com romeiros que fazem peregrinação a Juazeiro do Norte-CE. A partir de aspectos teóricos e metodológicos, a pesquisa investiga o fenômeno das romarias, em volta da figura do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934), sacerdote católico que, mesmo não canonizado pela Igreja é considerado santo pelos seus romeiros, os quais, anualmente acorrem a esta cidade, a fim de realizarem seus diversos rituais. Entre os rituais, está a compra de “bens materiais sagrados” e os que se tornam sacralizados, através do contágio com esta espacialidade que, marcada por intensas ritualidades é considerada pelos romeiros, uma terra sagrada. Diante disso, a materialidade corresponde a um elemento singular na constituição deste universo simbólico dos romeiros, que advindos dos diversos lugares do Nordeste, sentem-se impulsionados a levarem de Juazeiro do Norte, vários tipos de objetos, que mesmo não compondo o cenário religioso, sofrem o contágio por esta mesma sacralidade.

Palavras-chave: Juazeiro do Norte. Materialidades. Ritualidade. Romaria.

ABSTRACT

The present work is an ethnographic study with pilgrims who make a pilgrimage to Juazeiro do Norte-CE. From theoretical and methodological aspects, the research investigates the phenomenon of pilgrimages, around the figure of Father Cícero Romão Batista (1844-1934), a Catholic priest who, even if not canonized by the Church, is considered holy by his pilgrims, who, annually they flock to this city in order to perform their various rituals. Among the rituals, there is the purchase of “sacred material goods” and those that become sacred, through contagion with this spatiality, which, marked by intense rituals, is considered by the pilgrims to be a sacred land. In view of this, materiality corresponds to a singular element in the constitution of this symbolic universe of pilgrims, who, coming from different places in the Northeast, feel impelled to take from Juazeiro do Norte, various types of objects, which even not composing the religious scene, they are contagious for this same sacredness.

Keywords: Juazeiro do Norte. Materialities. Rituality. Pilgrimage.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Chapada do Araripe.....	23
Figura 2 – Demarcação da Flona Araripe.....	24
Figura 3 – Mapa da Localização de Juazeiro do Norte-CE.....	25
Figura 4 – Localização de Juazeiro, entre os principais municípios do Cariri.....	26
Figura 5 – Vista Panorâmica de Juazeiro do Norte-CE.....	27
Figura 6 – Imagens de Juazeiro na época do Padre Cícero	27
Figura 7 – Padre Cícero Romão Batista	28
Figura 8 – Beata Maria de Araújo	30
Figura 9 – Beato José Lourenço, líder do movimento do Caldeirão do Beato e ligado ao Padre Cícero.....	32
Figura 10 – Padre Cícero atendendo romeiros e afilhados	34
Figura 11 – Juazeiro em tempos de romaria.....	36
Figura 12 – Mapa com a densidade territorial dos principais Bairros de Juazeiro do Norte....	45
Figura 13 – Principais ruas que dão acesso aos locais de visitação dos romeiros.....	52
Figura 14 – Multidão de romeiros no largo do Socorro, reunidos para a Missa em sufrágio da alma do Padre Cícero	54
Figura 15 – Mapa do roteiro da fé de Juazeiro do Norte.....	60
Figura 16 – Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores	61
Figuras 17 e 18 – Lar de idosos que já foi residência do Padre Cícero à esquerda e residência onde faleceu o Padre Cícero à direita	62
Figura 19 – Capela do Socorro onde está sepultado o Padre Cícero.....	62
Figura 20 – Igreja dos Salesianos de Juazeiro (Coração de Jesus).....	63
Figura 21 – Igreja dos Franciscanos de Juazeiro (São Francisco).....	64
Figura 22 – Caminho do Horto do Padre Cícero.....	65
Figura 23 – Horto do Padre Cícero.....	66
Figuras 24 e 25 – Pedras e Capelas do Santo Sepulcro	67
Figura 26 – Romeiros rezando ao redor da cama que “pertenceu” ao Padre Cícero.....	71
Figura 27 – Romeiros em ritual diante do túmulo do Padre Cícero	72
Figuras 28 e 29 – Romeiros em ritual na pedra do joelho na subida do Horto	76
Figura 30 – Cruzeiro com fitas e pedras deixadas pelos romeiros no caminho do Santo Sepulcro.....	78

Figura 31 – Romeiros enfileirados para deitarem na pedra "cama de Nossa Senhora" no Santo Sepulcro.....	79
Figura 32 – Monumento do Padre Cícero na Serra do Horto.....	81
Figura 33 – Romeiros no Santo Sepulcro passando pela pedra do pecado	82
Figura 34 –Penitente remanescente dos "Aves de Jesus" no momento de seu Sermão pra os romeiros após a missa na Basílica Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte.....	86
Figura 35 – Diversidade de Objetos nas feiras das romarias.....	111
Figura 36 – Típico comércio de panelas e outros alumínios de Juazeiro	113
Figura 37 – Tradicionais fitinhas das romarias de Juazeiro	121

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	ASPECTOS METODOLÓGICOS	13
1.2	TÉCNICAS DE PESQUISA E RECORTE.....	18
1.3	ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	20
2	DADOS HISTÓRICOS, JUAZEIRO DO NORTE, GEOGRAFIA, PADRE CÍCERO E A CIDADE	22
2.1	PADRE CÍCERO E A CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE	27
2.2	JUAZEIRO DO NORTE - TERRA SAGRADA DO PADRINHO.....	32
2.3	CONSEQUÊNCIAS DO MITO NA URBANIDADE.....	36
2.4	JUAZEIRO “TERRA DE ORAÇÃO E TRABALHO”	39
3	ROMARIA, ROMEIROS E SUAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS	48
3.1	AS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE.....	48
3.2	OS ROMEIROS DO PADRE CÍCERO/QUEM SÃO?	56
3.3	LOCAIS SAGRADOS E PRÁTICAS DEVOCIONAIS	59
3.4	A ROMARIA E SEUS IMPACTOS	85
3.5	COMPREENDENDO A ROMARIA.....	89
4	MATERIALIDADE, CONSUMO E DÁDIVA NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE	97
4.1	MATERIALIDADE E SIMBOLISMO.....	97
4.2	A MATERIALIDADE DOS ROMEIROS.....	102
4.3	CONSUMO, RITUAL, MERCADORIA E DÁDIVA	109
4.4	MATERIALIDADE E EXPRESSÃO DO SAGRADO.....	118
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	128
	REFERÊNCIAS	133

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação de Mestrado é resultado de um amplo estudo, realizado com os romeiros do Padre Cícero, na cidade de Juazeiro do Norte-CE. A proposta de pesquisa teve como objetivos, investigar as dinâmicas práticas simbólicas das sociabilidades religiosas e a materialidade entre os romeiros, bem como, investigar e analisar os processos sociais que produzem as transformações dos objetos profanos em sacralizados, através do contágio com a espacialidade percebida como sagrada desta “cidade santuário”, portanto, fazendo compreender o universo simbólico que atribui todo o movimento social e material, a uma ação milagrosa “É tudo Milagre do Padrinho”¹.

A literatura sobre Juazeiro do Norte (BARBOSA, 2007; PAZ, 2011; BARROS, 2008) já tem discutido que, do ponto de vista desses romeiros, Juazeiro é uma cidade santuário, pois ali está o sagrado em sua atmosfera, em seu ambiente e em toda a sua constituição, tudo isso devido a figura mítica do Padre Cícero e os milagres que são atribuídos a sua pessoa, como um santo que não apenas viveu, mas realizou prodígios naquele espaço. Além de toda a experiência de gozo e penitência que se interconecta a dinâmica cultural, social e econômica dessas pessoas. Diante disso, esta pesquisa procura responder a questão construída de saber se toda e qualquer materialidade que é tocada, ou venha a ser oriunda desta espacialidade é sagrada, ou torna-se sacralizada, e isto, através das dinâmicas e práticas rituais desenvolvidas pelos romeiros que, conseqüentemente possibilitam contagiar esses objetos adquiridos dentro do espaço ritual.

Para compreensão desse processo três categorias levantadas pelo nosso estudo são fundamentais. A categoria nativa de “lembrança”, atribuída a todos os objetos que os romeiros adquirem em Juazeiro para doarem a seus parentes e amigos; a categoria materialidade sagrada que é atribuída a todos os objetos destinados ao culto religioso e devocional e a categoria materialidades sacralizadas que, definimos como os objetos que os romeiros adquirem para o uso cotidiano. “Ao longo da pesquisa, procuramos analisar ainda, a presença do estabelecimento de uma hierarquia entre os objetos sagrados e sacralizados.

Como recorte empírico, focamos em fazer a etnografia e observação participante em algumas romarias específicas do calendário de Juazeiro. Entre elas, a romaria da morte do Padre Cícero que ocorre no mês de julho; a de Nossa Senhora das Dores realizada no mês de setembro e a das Candeias que acontece entre o final de janeiro e o começo de fevereiro. Tivemos a possibilidade de estar com romeiros que nos concederam entrevistas e nos ajudaram a entender

¹ O título da Dissertação nasce a partir de uma das falas de um de nossos interlocutores o Seu Eloy de Monte Alegre de Sergipe.

a sua ritualidade, desenvolvida entre os três a quatro dias que permanecem na cidade de Juazeiro, em romaria. Durante esses dias, nossos interlocutores visitam igrejas, pagam promessas, assistem missas e fazem caminhadas a determinadas pontos considerados sagrados.

Dentro da peregrinação, os romeiros desenvolvem outra espécie de movimento que atribuímos também, ao contexto ritual, pois não estão dissociadas de sua experiência religiosa. Trata-se do consumo de objetos não apenas tidos como religiosos, mas outras materialidades que transcendem os rituais católicos, vão desde panelas, canecas de alumínio, lençóis, redes até bijuterias, relógios, roupas, calçados, e tantas outras “bugigangas” que acabam se tornando componentes materiais deste ritual. Dificilmente o romeiro não volta para casa com muito mais bagagem, do que foi para Juazeiro, os ônibus voltam “abarroçados” de caixas, sacas, bolsas e tantos outros pacotes repletos de coisas materiais que, mesmo não estando no catálogo religioso são incorporados ao contexto ritual, através de suas práticas simbólicas.

Muito já se escreveu sobre as romarias de Juazeiro do Norte nos diversos campos das ciências sociais e humanas, desde os aspectos históricos e culturais até os sociais e religiosos. Estudos célebres como os de Ralph Della Cava (1976) que, através de uma perspectiva histórica trata do fenômeno do “milagre da hóstia” que desembocou em todo o movimento religioso e político em torno da figura do Padre Cícero. O texto de Della Cava é de fundamental importância, a qualquer pesquisador que venha a tratar sobre Juazeiro. Sendo uma obra publicada em meados da década de setenta ela é chave no processo de estudo sobre os movimentos de Juazeiro, pois rompe com toda uma tradição enviesada, ou seja, “apaixonada” de intelectuais orgânicos que simplesmente apresentavam sua própria visão sem os rigores científicos necessários para se defender uma tese bem fundamentada a respeito do fenômeno.

Até a década de setenta, todas essas obras que tratavam da temática de Juazeiro e o Padre Cícero, foram textos que muitas vezes, apenas mostravam de forma negativa o fenômeno. Por esse motivo, acabaram deixando de lado aspectos relevantes, tanto sobre a história do religioso, como da própria cidade de Juazeiro do Norte que desde suas fundações é palco de diversas tensões políticas, religiosas e culturais. É importante ressaltar que, esta tensão não denota algo negativo do ponto de vista antropológico, até porque, não é intenção nossa posicionarmos sobre veracidade dos mitos ou sobre a personalidade do Padre Cícero.

Outros autores, também fizeram parte de nossos estudos, como Lira Neto (2009). Para o autor, diversas questões são pertinentes para compreensão deste processo histórico, tanto da figura do Padre Cícero, como da cidade de Juazeiro do Norte, a leitura que o autor nos propõem se aproxima bastante das discussões de Della Cava (1976), ao apresentar o fenômeno do “milagre” sem desconsiderar aspectos relevantes como os impactos deste movimento na cidade

e no campo político também, já que o movimento das romarias em si, desembocaram num processo muito mais complexo.

Este movimento vai ser analisado por Renata Paz (2011). Para a pesquisadora as romarias têm uma dinâmica própria, que ocasionou redirecionamentos em todos os âmbitos, até mesmo, no eclesiástico. Desta autora é que utilizamos, em nossas discussões, a categoria de “gozo e penitência”, na qual ela define o misto de sentimentos que perpassa a experiência desses romeiros, em Juazeiro do Norte, em sua cíclica ritualidade. Esse movimento, Diane Nobre (2011) analisa do ponto de vista das beatas, seriam elas que desenvolvem o contexto desse espaço sagrado, uma espécie de “teatro”, pelo qual todo o desenrolar do fenômeno gerou outros impactos, como se fosse um “espetáculo”.

O mesmo protagonismo dessas beatas e romeiros, Luitgarde Barros (2008) analisa ao discutir que, seriam esses que, através de suas práticas popularizaram o fenômeno de Juazeiro para outros recantos e ao mesmo tempo, constituíram um conjunto de elementos simbólicos na cultura religiosa de Juazeiro. Quem melhor analisa esse conjunto de elementos é Roberta Campos (2013), (2008) ao tratar do “*ethos* de misericórdia”, categoria que emerge da sua experiência com os penitentes, figuras que são fundamentais na constituição de toda a identidade religiosa de Juazeiro do Norte e das tradições dos romeiros.

A partir dessas tradições, que são repetidas anualmente pelos romeiros é que conseguimos fazer uma leitura tal qual a de Antônio Braga (2007) ao tratar da presença dessas pessoas, já desde o fenômeno do milagre impactando diretamente toda uma urbanidade de Juazeiro, gerando dentro dela, um processo que vai categorizar Juazeiro como um local sagrado. Esse universo sagrado é peculiar, devido os aspectos culturais da tradição sertaneja que são incorporados. Sobre isso, Gilmar de Carvalho (1998) versa de forma muito específica, ao trazer em debate tais aspectos e sua relevância na compreensão do todo.

Juazeiro do Norte por ser sagrada tem dentro de si, os componentes necessários para sacralizar, Francisco Barbosa (2007) apresenta esses componentes, que na realidade, estão intrinsecamente dentro das práticas dos romeiros, seja no ritual, seja na prática cotidiana. Essas práticas por sua vez, que atribuem a este local uma importância fora de série, geralmente por constituir na sua cosmologia características que diretamente estão associadas à sua cultura local.

Esses autores nos ajudaram na compreensão do fenômeno de Juazeiro, a partir de diversas perspectivas. Revisitar essas obras é uma necessidade que a pesquisa requer constantemente, para que os resultados não sejam apenas explorações sem os fundamentos. Diante disso, a compreensão referente ao campo de estudo se dá de forma mais clara, embora

o que nos diferencia enquanto pesquisadores, são as perspectivas etnográficas que contemplamos.

1.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Após este preâmbulo, faz-se necessário apresentar alguns aspectos metodológicos que embasaram o trabalho de campo, o qual resultou no presente texto. Um autor referencial acerca da pesquisa de campo e sua metodologia na contemporaneidade é Roberto Cardoso de Oliveira (2006). Suas reflexões acerca do trabalho antropológico são muito pertinentes, quando nos deparamos com um problema etnográfico que necessita cognitivamente, de um esforço mais apurado. Lidar com pessoas e suas culturas; requer uma inserção “completa”, a fim de compreender os sistemas culturais que embasam as práticas humanas de uma sociedade, inserção e processos cognitivos, compreensão da subjetividade ou mesmo, localiza-la em um sistema cultural/religioso. “Olhar, ouvir e escrever- atos cognitivos, mas que trazem em si responsabilidades intelectuais específicas, formam pela dinâmica de sua interação uma unidade irreduzível” (OLIVEIRA, 2006, p.12).

Levando em consideração que o campo de pesquisa se deu em Juazeiro do Norte, local muito visitado e repleto de expressões do sagrado que se interconectam a outras dimensões, esses três atos foram como, “o maior norte” para a pesquisa, tendo em vista a multiplicidade de questões que o campo nos apresenta, isso ficará mais claro no decorrer do texto e suas inferências. O exercício próprio da observação participante é mais uma vez refletido como, um mecanismo fundamental para compreensão do fenômeno estudado, nesse caso, a romaria e nela, os elementos antropológicos que encontramos, os quais só podem ser compreendidos, à medida em que, a inserção no campo se dá de forma mais interativa. Gilmar de Carvalho (1998) chamou a atenção para este “emaranhado”, vasto e complexo: cheiro, sons e objetos que compõem o cenário das romarias em Juazeiro do Norte.

Mesmo tratando-se de um trabalho antropológico, não podemos nos esquivar de atestar determinadas questões, uma delas é a de colocar-me no texto como uma pessoa que já realizou, por diversas vezes o “ritual de romaria”. É interessante não se referir aoromeiro especificamente como um informante, mas a partir de Roberto Cardoso (2006) acredito que, o termo interlocutor, seja mais justo, para que uma relação dialógica seja estabelecida a certos rigores que muitas vezes, pesam assimetricamente sobre os nativos, colocando-os em posição inferior ao pesquisador.

Para que a construção do conhecimento possa, ao menos ocorrer sobre uma certa reflexão que, não esteja simplesmente preocupada com os conceitos, é interessante que

experiências sejam apresentadas como uma proposta de reflexão que se interconectam com as demais ferramentas, ou seja, não podemos conceber um trabalho de campo dissociado das ferramentas teóricas e metodológicas. “Se o olhar possui uma significação específica para um cientista social, o ouvir também goza dessa propriedade (...). Evidentemente tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação” (OLIVEIRA, 2006, p. 21).

Vale salientar que, a questão do campo não se trata de recuar das formas interpretativas, como a de Geertz (2008), mas perceber essa hermenêutica própria da escrita antropológica não dissociada do campo e das experiências vividas. Os afetos que nesses momentos religiosos são muito expressivos e fortes, em todos os aspectos, tanto da exteriorização como da interioridade/subjetividade. “É o reconhecimento dessa intersubjetividade que torna o antropólogo moderno um cientista social menos ingênuo. Tenho para mim que talvez seja essa uma das mais fortes contribuições do paradigma hermenêutico para a disciplina” (OLIVEIRA, 2006, p. 31).

Dentro do trabalho de campo, o tema da relativização tem sua importância antropológica que é “inquestionável”. Vivemos tempos difíceis no contexto político e relativizar parece ser algo muito complicado para se discutir, quando tratamos de temas que envolvem o social. Para essa discussão acerca da neutralidade que é muito enfatizada, principalmente na antropologia, recorro a experiência da escuta dos interlocutores, possibilitando que a voz desses sujeitos seja o maior norte da pesquisa e de seus resultados. Para autores como Favret Saad (2005) a categoria de ser afetado é a possibilidade mais eficaz para se fazer um estudo mais consistente de algum ritual, podemos afirmar, a partir das experiências que os resultados aqui apresentados é expressão de uma intensa vivência com os protagonistas de toda ritualidade que ocorre em Juazeiro do Norte, ou seja, os romeiros.

Essas pessoas demarcam lugares, sacralizam espaços e objetos, criam mapas mentais e retroalimentam toda uma cosmologia que dá sustentação a um dos maiores fenômenos do catolicismo no Brasil, que são as romarias. Esses movimentos geralmente nascem à revelia da instituição, como foi em Juazeiro (PAZ, 2011; NETO, 2009), mesmo se utilizando dos ritos tradicionais do catolicismo, os romeiros muitas vezes, acabam ressignificando sua metodologia e aplicando a sua realidade prática, esses mesmos elementos que estão ancorados nos dogmas da Igreja. Um desses elementos é a utilização das relíquias (GEARY, 2008) que durante muito tempo foi para a Igreja, a principal fonte de todo seu patrimônio material e simbólico, embora que ainda hoje sejam utilizadas no seu contexto ritual.

Diferentemente dessa realidade, o fenômeno de Juazeiro nos apresenta uma questão que transcende o objetivo das relíquias. Agora não são apenas imagens e santos, medalhas, ou pedaços de crânios, dedos ou roupas dos santos que se tornam objetos sagrados, existem outras categorias como, os objetos sacralizados, ou seja, coisas que não estão nas listas das relíquias ou dos objetos passíveis e de devoção que são incorporados a uma dinâmica sacralizadora. O espaço ritual que é uma cidade inteira tem a capacidade de contagiar os diversos elementos sacralizando-os, a partir da dinâmica ritual que é desenvolvida neste local.

Nesse processo investigativo a hermenêutica² aparece, a partir da etnografia e das coletas de dados. Estamos abordando um fenômeno social que envolve muitas questões, as quais, necessitam ser revisitadas constantemente nas entrevistas ou audiovisuais, para não correr o risco de uma interpretação errônea dos processos, inclusive os subjetivos, que são empregados nos discursos. A produção do texto antropológico requer em sua constituição, dados fundamentados na experiência de campo. A observação participante favorece a captação desses dados que posteriormente, darão corpus ao texto final.

Reitero o paradigma da hermenêutica, pois o retorno para a interpretação é a possibilidade para que não haja, o que Roberto Cardoso de Oliveira (2006) define como, “uma dose de autoritarismo”, mas uma “maior atenção na elaboração da escrita” (OLIVEIRA, 2006). Reconsiderando sempre os antigos modelos (CLIFFORD, 1998), tão fundamentais ao discurso etnográfico, mas sempre viabilizando um transcurso mais original possível.

Os discursos etnográficos não são, em nenhuma circunstância falar de personagens inventados. Os informantes são indivíduos específicos com nomes próprios reais-nomes que podem ser citados de forma modificada quando necessário. [...] Os antropólogos terão cada vez mais de partilhar seus textos, e por vezes as folhas de rostos dos livros, com aqueles colaboradores nativos para os quais o termo informante não é mais adequado, se é que algum dia foi. (CLIFFORD, 1998, p. 55)

Para Cardoso de Oliveira:

O certo é que tanto o estar no campo como estar no gabinete fazem parte de um mesmo processo de busca de conhecimento. Nesse sentido a separação nunca é tão nítida como parece pretender Geertz, porque sempre levamos o “gabinete” conosco quando realizamos a “pesquisa de campo” como quando voltamos ao nosso lugar de trabalho. [...] Geertz, no entanto está certo quando ao separar as duas instâncias que bem articuladas

² Ciência que tem como objetivo o estudo e interpretação de textos.

criou o produto antropológico-acentua esse processo como duas faces da mesma moeda (OLIVEIRA, 2006, p. 66).

Nessa pesquisa com os romeiros, optou-se por uma inserção mais aprofundada, a fim de estar em contato direto com os discursos, rituais, formas de fazer, arte, musicalidade e todas as demais expressões que são elaboradas no transcorrer dos dias da romaria. Uma dificuldade nesse processo é a compreensão, se existe alguma espécie de filtro ou parâmetro para o desenvolvimento dessa comunicação. A princípio, o que nos foi aparente na inserção de campo é que, toda a metodologia empregada pelos nativos na comunicação entre os seus, varia de uma realidade a outra. O que mais se assimila trata-se da utilização de elementos simbólicos que são transmitidos, através das histórias que compõem o ritual desenvolvido à medida que as socializações vão incorporando-se, ou seja, o próprio ato de fazer o ritual, seja ele qual for, emprega um esforço de comunicar o rito, moral, dogma e mitologia.

As ideias centrais que embasam as determinadas motivações sejam elas afetivas, subjetivas ou mesmo de ordem prática, só podem ser compreendidas à medida que se experimenta, ou melhor dizendo, “deixa-se afetar” (FAVRET-SAAD, 2005) pelo campo. Em determinados momentos da pesquisa é quase que natural o sentimento de aridez por parte do campo e a partir disso, é preciso buscar outros meios, sem deixar de lado o legítimo método antropológico da etnografia. Acerca disso, James Clifford (1998) já desenvolveu sobre a observação participante:

Ainda que entendida de formas variadas, e agora questionado em muitos lugares, esse método continua representando o principal traço distintivo da antropologia profissional. Sua complexa subjetividade é rotineiramente reproduzida na escrita e na leitura de etnografias” (CLIFFORD, 1998, p. 33).

Embora Favret-Saad (2005) não considere o seu trabalho como um método tradicional, utilizamos de seus argumentos como uma das formas variadas que Clifford (1998) apontou em sua obra. A autora afirma que, o etnólogo muitas vezes, é “um ser a cultural”, ou seja, detentor de determinadas “proposições contra qualquer contaminação pelo seu objeto” (FAVRET-SAAD, 2005, p. 157). Levando em consideração tais perspectivas, assumimos uma participação mais assídua no campo, tendo em vista a aproximação com o fenômeno, optamos desta forma em observar o objeto, através de diversas formas, sejam com grupos distintos de romeiros, fretantes, pesquisadores e até mesmo memorialistas que detém um acervo de informações importantes, acerca do campo.

Assim portanto, sem se diluir em tensões que bloqueiam a percepção de determinados aspectos que estão entranhados na experiência comunicativa, e essas experiências podem ser

grandes demonstrações performáticas e de materialidade ou até mesmo, pequenos gestos, como já apontou Geertz (2008), sem necessariamente ser um discurso verbalizado. Sobre esses meandros, Favret-Saad aponta que: “Ora eu estava justamente no lugar do nativo, agitada pelas sensações, percepções e pelos sentimentos de quem ocupa um lugar no sistema da feitiçaria” (*Idem*, p. 158).

Por mais que estar no lugar do interlocutor seja algo difícil, só em estar numa postura de aceitação do campo e do que ele propõe, tudo flui numa direção que aos poucos vai apontando os caminhos que o trabalho deve percorrer. Dessa forma, o posicionamento do pesquisador em circunstâncias como a da romaria, torna-se um trabalho rico por dois aspectos, de um lado a riqueza do campo em si: todos os elementos, dados e o conteúdo elaborado propriamente dito, por outro, a própria experiência metodológica. Tudo está ali, todas as forças motivadoras e geradoras. Entra em cena um “garimpo” antropológico. Sobre essa questão a autora afirma que, “o próprio fato de que aceito ocupar esse lugar e ser afetado por ele, abre uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, e que pode ser verbal ou não” (FAVRET-SAAD, 2005, p. 158).

As colocações da pesquisadora são aproximações muito pertinentes, ao ponto de que a mesma, não se apresenta como elaborando uma nova metodologia, também não se trata de uma participação comum no campo, mas um afetar-se pelo meio, viver o meio e ser do meio. As elaborações teóricas fornecem elementos centrais para pensar a própria postura de quem já esteve em contato com o campo, ao mesmo tempo sabendo que a romaria é uma categoria que podemos pensá-la, como um ritual, pois tem sua liturgia própria, tem dinâmicas que são repetidas e socializadas por todos, variando de acordo com a influência do grupo e região. A inserção no campo se deu, antes mesmo das atividades do mestrado, esse trabalho vem de todo um processo já iniciado na graduação, porém a temática que será aqui discutida, parte de elementos que foram surgindo no desenvolver da pesquisa.

Com relação aos nossos interlocutores, tivemos todo o cuidado para não apenas utilizar de suas falas, para elucidar o que previamente já foi preparado. Referente a isso, que tanto Geertz (2008), como Oliveira (2006) e Clifford (1998) apontaram como eficazes no processo de construção do conhecimento. Nessa discussão é preciso chamar atenção para o que Jeanne Favret-Saad (2005) já refletia sobre os aspectos citados acima. Para a autora, essas falas não são apenas proposições ilustrativas do texto. “A atividade da fala-enunciação-é escamoteada, não restando mais do discurso nativo que seu resultado, isto é, os enunciados são impropriamente tratados como proposições e a atividade simbólica reduz-se a emitir

proposições falsas” (FAVRET-SAAD, 2005, p. 156). Em um fenômeno como as romarias, as expressões de comunicação são importantes no processo de compreensão do todo.

Nosso estudo não pretende abordar especificamente sobre a antropologia urbana, mas compreender esse fenômeno, como também o urbano que se interconectam. A cidade de Juazeiro assume dentro da cosmologia dos romeiros e de muitos moradores, determinados aspectos transcendentais que a elevam a uma categoria de “sagrada”. Pretendemos compreender esse processo, também a partir dos estudos urbanos da antropologia, conseqüentemente a isso como essa religiosidade tem se expressado nesses espaços urbanos. A premissa básica é que a cidade de Juazeiro do Norte é o santuário, passível de receber rituais dos mais diversos em vários lugares, os quais transcendem os espaços da própria Igreja.

Nesse trabalho a descrição/etnografia possibilita a elucidação dos principais conceitos e suas categorias mais expressas na dinâmica estudada. O que percebemos na observação é que, existem elementos que são constantemente citados e que só reafirmam ainda mais, a necessidade da interpretação do contexto espacial. Quando tratamos especificamente de afetos, o processo interpretativo só pode ocorrer à medida que, as categorias são confirmadas no campo mediante uma intensa experiência.

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceituais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertence a elas [...] Em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo- isto é sobre o papel da cultura na vida humana (GEERTZ, 2008, p. 19).

1.2 TÉCNICAS DE PESQUISA E RECORTE

Por ser um trabalho etnográfico, utilizamos da observação participante, junto a nossos interlocutores, vivenciando os rituais, as celebrações caminhadas e visitas aos espaços sagrados, além da oportunidade de perceber as dinâmicas com mais clareza, sabendo que muitos dos seus aspectos só podem ser analisados à medida em que, vamos nos inserindo e vivenciando-os com profundidade. Diante disso, realizamos entrevistas com nossos interlocutores, os romeiros, que fomos tendo a oportunidade de conhecer e estabelecer o contato para outros momentos de diálogo, até mesmo, em outras romarias, como fizemos com alguns, que fazem romaria mais de uma vez por ano.

Nesta pesquisa realizamos doze entrevistas com romeiros que nos possibilitaram uma leitura bem específica do movimento das romarias, suas experiências e perspectivas, bem como, da problemática de estudo. Além desses, tivemos a oportunidade de conversar e observar o casal de comerciantes Socorro (49 anos) e Cícero (48 anos) que a mais de quinze anos, trabalham com o comércio de romaria, com eles, obtivemos uma visão do fenômeno que já nos tinha de certa forma se apresentado, através da observação participante realizada em outros momentos de forma não tão direcionada.

Além de romeiros entrevistados, tivemos a possibilidade de conversar com alguns pesquisadores, religiosos e memorialistas de Juazeiro do Norte que detém um certo conhecimento referente a história do fenômeno das romarias, do Padre Cícero, bem como seu impacto na cidade de Juazeiro do Norte e no contexto religioso como um todo. Essas entrevistas foram muito importantes para compreender outras visões referente a questão das romarias e suas múltiplas perspectivas. Tais pesquisadores são citados em determinados momentos deste texto, não apenas como ilustração, mas como fonte de dados, são homens e mulheres que se dedicam ainda hoje, nos estudos históricos sobre o Padre Cícero, ao mesmo tempo que possuem, um extenso conhecimento referente a própria dinâmica da cidade.

Nosso trabalho de campo se deteve nas principais romarias do ano, onde o número de expressões e de romeiros são muito mais significativas. Nosso primeiro trabalho de campo ocorreu na romaria de Morte de Padre Cícero, entre os dias 14 a 21 de julho de 2018. O segundo momento ocorreu na festividade de Nossa Senhoras das Dores (Padroeira da cidade) entre os dias 10 a 15 de setembro de 2018. O terceiro momento, realizamos entre os dias 16 a 21 de novembro de 2018; o quarto, de 27 de janeiro a 02 de fevereiro de 2019, na romaria das Candeias. Voltamos novamente entre o período da romaria da morte do Padre Cícero em 2019 e depois, novamente na romaria das candeias de 2020.

Sobre o recorte espacial, tentamos observar os principais santuários de Juazeiro que são constantemente visitados pelos romeiros, principalmente o entorno da Igreja Matriz da cidade. Todos esses locais são considerados como sagrados pelos romeiros. É importante frisar que, eles estão espalhados pela cidade e marcam cada região e se pontificam nas expectativas que os romeiros atribuem a cada um. Esses espaços marcam profundamente toda a dinâmica urbana da cidade. Podemos afirmar que, o centro de Juazeiro do Norte, mais especificamente as ruas que estão próximas a Matriz (Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores) como recorte espacial. Hoje, tais lugares são espaços dedicados basicamente às romarias, isso foi possível de ser observado em momentos de romaria, como também, após esses períodos, devido ao esvaziamento que o centro da cidade sofre, quando são encerradas as festividades.

Para este estudo, utilizou-se os métodos próprios da antropologia, a etnografia, afim de descrever com propriedade e clareza as características, tanto das romarias de Juazeiro, como sua espacialidade sagrada. Essas compostas por santuários, igrejas, museus, estátua do Padre Cícero e todo o complexo formado pelo Horto e Santo Sepulcro, locais de intensa ritualidade e que descreveremos com profundidade no segundo capítulo da dissertação. Posteriormente, a etnografia versou sobre a constituição do comércio local das romarias, os produtos oferecidos e a disposição dos mesmos, pelas ruas centrais de Juazeiro.

1.3 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Como estrutura de nosso trabalho, delimitamos três capítulos que tentam abordar de forma clara e coerente o fenômeno das romarias de Juazeiro, bem como, nosso recorte empírico, levando em consideração a própria etnografia como central no desenvolvimento do trabalho. No primeiro capítulo, apresentamos a cidade de Juazeiro do Norte, seus principais dados geográficos e localização, sua história e a do próprio Padre Cícero que se fundem, a partir de sua chegada e depois, com a sua ação pastoral e como os fenômenos ocorridos em 1889, desembocam em todo um processo político e religioso que faz com que a cidade venha crescer e desenvolver, o movimento das romarias como sua principal “marca”.

O segundo capítulo aborda a experiência dos romeiros, quem são eles, os principais eventos que compreendem o calendário das romarias, seus rituais, visitas e espaços sagrados/santuários e as características desses espaços. O capítulo apresenta uma leitura bem específica das ritualidades, performances dos peregrinos, em Juazeiro, além de uma leitura desse universo simbólico constituído a partir da cosmologia dos romeiros que entra em prática, através do contato com esse território “sagrado”. Isso só foi possível graças a experiência de campo que tivemos, através da participação com os interlocutores de suas caminhadas, penitências e visitas a esses espaços sagrados. Ao término do capítulo, apresentamos um pouco dos impactos na dinâmica da cidade e uma compreensão mais específica do fenômeno, a partir do que foi visto no próprio capítulo.

O terceiro capítulo vem discutir especificamente a questão da materialidade, dentro do ritual da romaria. Embora já tenhamos dado alguns indicativos no segundo capítulo. O terceiro capítulo vai tratar diretamente dessas materialidades, a princípio apresentamos um quadro que vai distinguir os tipos de objetos que encontramos dentro da ritualidade dos romeiros e diante disso, tecer toda uma discussão acerca das três categorias: “lembrança”, “materialidades sagradas” e “materialidades sacralizadas” que elaboramos a partir das falas dos próprios

romeiros e de suas experiências com esses objetos que identificamos durante a pesquisa e que, fundamentam as categorias apresentadas.

2 DADOS HISTÓRICOS, JUAZEIRO DO NORTE, GEOGRAFIA, PADRE CÍCERO E A CIDADE

Buscamos, com este capítulo, contextualizar os pontos históricos que envolvem a constituição da Cidade de Juazeiro do Norte, município localizado na região do Cariri cearense. Essa região é circundada pela Chapada do Araripe, espaço mítico, repleto de elementos mitológicos, dos quais, também se alimenta o fenômeno das romarias de Juazeiro do Norte e do próprio Padre Cícero.

O capítulo, também pretende apresentar, como a história do Padre Cícero foi se interconectando com a da própria cidade e como a história da cidade, conectou-se com a do padre, constituindo dessa forma, uma relação quase que simbiótica. Os fenômenos míticos embalados pela própria cosmologia da região, juntos foram aos poucos, elaborando um santo e uma terra santa para os romeiros, através de um processo dialógico que perpassa por diversos âmbitos: históricos, biográficos, geográficos e mitológicos.

2.1 JUAZEIRO DO NORTE E SUA GEOGRAFIA

A cidade de Juazeiro do Norte é repleta de aspectos sociais, culturais, religiosos e econômicos. O município está localizado no sul do Ceará, na região do Cariri Cearense, que se encontra dentro do complexo da Chapada do Araripe³, observada como Parque Nacional, desde seu reconhecimento como patrimônio, em 1946. Uma região que tem importância atribuída desde os antigos kariris,⁴ basta consultar a obra clássica de Ralph Della Cava “Milagre em Joazeiro (1976). O autor não deixou de explorar com propriedade as características, físicas, culturais e econômicas da região e sua importância para o sul do Ceará e para o Nordeste do Brasil.

A Chapada do Araripe era considerada sagrada, devido a abundância em água, alimento, fauna, flora e as características geológicas que de certa forma, se entrelaçaram a toda a tradição cultural que é marca desta região. Esse território era um “oásis nos sertões” (DELLA CAVA, 1976), por ser uma localidade rica em água e de solo fértil.

Graças a esses recursos naturais, constituía o Vale do Cariri um verdadeiro oásis cercado por todos os lados por infinitas extensões de terras planas, assoladas ciclicamente pelas secas e que quase nada produziam. Devido, ainda aos recursos do Vale,

³ Sobre a Chapada e seus nove Geossítios que juntos formam o Geopark Araripe ver o site disponível em <<http://geoparkararipe.urca.br>>. Acesso em 05/11/2019.

⁴ Índios que habitaram a região, do que hoje se reconhece por Região do Cariri cearense. Esses índios viviam nos territórios próximos a chapada do Araripe, devido sua grande riqueza em água, flora e fauna. (DELLA CAVA, 1976).

veio a agricultura, especialmente a cana-de-açúcar, a predominar sobre as atividades pastoris (DELLA CAVA, 1976, p. 25).

Figura 1 Chapada do Araripe



Fonte: Gazeta do Cariri.com, 2020.

Até os dias atuais, a região do Cariri cearense é conhecida por diversos traços sociais e culturais que fazem, com que se constitua, uma região de visibilidade nacional e internacional. Considerando esse preâmbulo, Juazeiro do Norte se encontra localizada nessa região de fortes tradições culturais e religiosas, as quais constituem uma gama de relações. A religiosidade é uma marca profunda desta região, onde a relação mítica se constitui no espaço, na memória e nas tradições e histórias que envolvem: sacralidade, milagres e contos “fantásticos”⁵. Nos Povoados e Sítios desta localidade, fortes expressões do sagrado se constituíram durante a história: os penitentes, rezadores, beatos, reisados, bandas cabaçais e tantos outros.

⁵ Sobre esse debate, o filme/documentário “Juazeiro a Nova Jerusalém” de Rosemberg Cariry (FILMOW, 2001) procura abordar tais questões a partir das narrativas de devotos e beatos do Padre Cícero.

Figura 2 – Demarcação da Flona Araripe



Fonte: Wikiaves, 2020.

Juazeiro do Norte está localizada no Sul do Ceará, na antiga terra dos kariris e faz limites com outros municípios, são eles, o Crato, de onde Juazeiro emergiu, Caririaçu, Missão Velha e Barbalha. Tais municípios tiveram importância significativa na formação histórica dessa região. O Crato, historicamente é conhecido pelas oligarquias e famílias tradicionais, sendo um dos centros urbanos mais importantes desta região; Barbalha famosa pelos engenhos e pelo cultivo de cana de açúcar para fabricação de açúcar e rapadura (DELLA CAVA, 1976) e Missão Velha, conhecida por ser uma das cidades mais antigas do Cariri cearense, com grande área de terras férteis e produção agrícola.

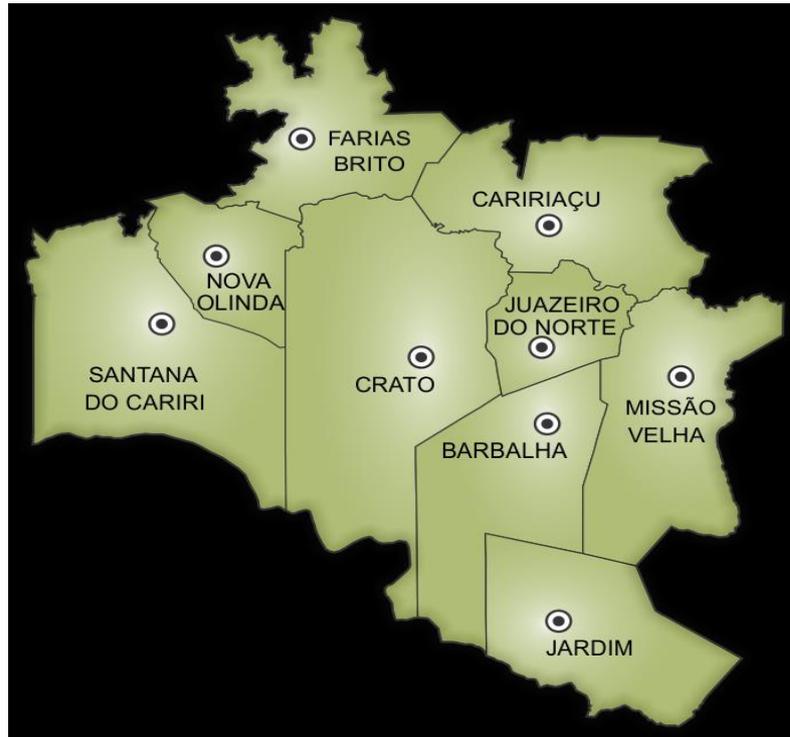
Figura 3 – Mapa da Localização de Juazeiro do Norte-CE



Fonte: Google imagens, 2019.

Abaixo, apresentamos um mapa dos municípios que compõem a Região Metropolitana do Cariri. Com a ilustração, percebe-se, o quanto Juazeiro é menor, em extensão territorial, quando comparado as demais cidades. Porém, está centralizado entre os principais municípios que compõem essa região.

Figura 4 – Localização de Juazeiro, entre os principais municípios do Cariri



Fonte: Cidades.Ce.gov.br, 2020.

Atualmente, Juazeiro do Norte conta com uma população de aproximadamente 276 mil habitantes, possuindo intensa atividade comercial e industrial. A cidade conta com um PIB per capita, que gira em torno de R\$16.375,01 e o seu território corresponde a 258,788 km². Mesmo pequeno, em território, Juazeiro é um município populoso e complexo em sua dinâmica urbana. O IDH de Juazeiro é de 0,694.⁶ Nesse município, a produção comercial é muito pujante, fazendo com que, seja referência para as demais cidades da região. Entre os instrumentos urbanos do município, estão: universidades, indústrias, fábricas, aeroporto, rodoviária com ônibus disponíveis para as principais cidades do Nordeste, shoppings center e outros serviços que a destacam dos demais municípios do Cariri.

⁶ Dados disponíveis no site: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/juazeiro-do-norte>.

Figura 5 – Vista Panorâmica de Juazeiro do Norte-CE



Fonte: Gazeta do Cariri.com, 2020.

2.1 PADRE CÍCERO E A CIDADE DE JUAZEIRO DO NORTE

A história da cidade de Juazeiro do Norte está intrinsecamente ligada a história do Padre Cícero, tendo em vista a sua influência religiosa e política na criação do município. O Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) nasceu em Crato-CE, porém foi na Vila Tabuleiro Grande que desenvolveu seu trabalho pastoral e que, desembocou na formação, da que hoje é conhecida como “Juazeiro do Norte”.

Figura 6 – Imagens de Juazeiro na época do Padre Cícero



Fonte: Google imagens, 2019.

Nessa localidade, o Padre Cícero Romão desenvolveu um trabalho pastoral, construindo entre outros serviços, a Matriz da Cidade, a qual, era apenas uma capela. A ação pastoral e política do padre, fez com que, o antigo povoado se desenvolvesse e aos poucos, se constituísse uma cidade. Todavia, o grande salto do território, se deu especialmente, devido ao fenômeno do “milagre da hóstia” que concomitantemente, desembocou em toda a mitologia sobre a cidade, chegando aos tempos atuais, através da oralidade e outras manifestações, como as expressões artísticas: no artesanato, danças, musicalidade, cordel ou mesmo, nos ritos religiosos, como as grandes romarias.

Embora com tantas referências, a maior “fama” de Juazeiro do Norte, se dá pelo fenômeno das romarias, em volta da figura do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934) que se tornou, não apenas na cosmologia dos seus devotos, mas no folclore nordestino, figura central junto a outras, como: Lampião, Luiz Gonzaga e Antônio Conselheiro. O Juazeiro que hoje se conhece é resultado de um movimento religioso e cultural muito complexo, onde se misturam diversos elementos da cultura sertaneja, dos milhares de romeiros que se sentiram atraídos pelo fenômeno, o qual abordaremos de maneira específica, mais adiante.

Figura 7 – Padre Cícero Romão Batista



Fonte: Portal Juazeiro, 2020.

É preciso perceber como o espaço territorial de Juazeiro foi se definindo, a partir do fenômeno do milagre da hóstia e com o advento das primeiras romarias, atraídas pela notícia

do milagre. O padre que era um sacerdote católico, chega a Juazeiro para morar definitivamente, em 1872, atraído por um “sonho” no qual, Jesus Cristo pede para ele permanecer naquele lugar e ajudar as pessoas. O padre fica conhecido por fatos tidos como milagrosos, como o chamado “milagre da hóstia”, onde a hóstia entregue por ele à beata Maria de Araújo⁷, em março de 1889, teria se transformado em sangue, para o espanto do sacerdote e todos os presentes, na Capela do Juazeiro, naquela primeira sexta-feira do mês.

Já a partir do milagre, os romeiros foram se tornando parte essencial da vida e paisagem urbana do Juazeiro. E nesse processo, a emergência e desenvolvimento da figura do santo padrinho Cícero foi dando seus primeiros passos. Isso de tal forma, que a partir de então ocorreu uma simbiose com a emergência e desenvolvimento do Juazeiro sagrado, sendo que esse processo se deu com tal intensidade que quando o Padre Cícero morreu foi como se tivesse ocorrido um processo osmótico no qual ele na condição de santo padrinho-de modo categórico tivesse se “misturado” a um Juazeiro encantado. Assim sendo, o Juazeiro sagrado, o padrinho Cícero e o Juazeiro encantado tornaram-se pontes um do outro, definitivamente (BRAGA, 2007, p. 320).

Esse fenômeno, desde então, mudou completamente a vida do Padre. Por esse fato, o sacerdote envolveu-se em problemas com o Bispo de Fortaleza⁸ (bispo da época), o qual, o afastou das ordens sacerdotais. Afastado das ordens sacerdotais, Padre Cícero ingressou no campo da política partidária, sendo o primeiro prefeito de Juazeiro do Norte, período no qual fez grande campanha por sua emancipação política, desligando-o do município de Crato-CE (DELLA CAVA, 1979; NETO, 2009). A cidade que antes era apenas uma vila, até os anos de 1872, passou por processos de transformações, à medida em que a influência do Padre Cícero ia crescendo, tanto no âmbito político como no religioso, tendo em vista que, grande quantidade de peregrinos chegavam constantemente a cidade, atraídos pela fama do Padre e do “milagre” que se popularizava pelos Sertões e faziam com que Juazeiro aos poucos, fosse se tornando uma “Terra Prometida”⁹ para os sertanejos.

⁷ Os beatos constituíam grupos de homens e mulheres que vivam uma vida de oração e de serviço a Igreja, imitando uma vida religiosa consagrada nos seus diversos âmbitos. Esse movimento se consolidou a partir das missões do Padre Ibiapina pelos sertões, que fortemente influenciou o trabalho pastoral do Padre Cícero, o qual adotou esse modelo em Juazeiro, direcionando esses para diversas funções no lugarejo, dentre esses, estava Maria de Araújo que ficou conhecida na história local e na literatura como a “beata do milagre”.

⁸ Dom Joaquim José Vieira, bispo do Ceará e que suspendeu as ordens sacerdotais do Padre Cícero alegando desobediência e outras acusações devido o “milagre da hóstia”.

⁹ A utilização desse termo é empregada aqui fazendo referência a passagem bíblica do Êxodo na qual o povo de Moisés, caminhou quarenta anos em busca da “Terra Prometida”.

A prova da missão divina do arraial estava nasavas infundáveis de romeiros que chegavam a Joazeiro. Aí maçons brasileiros e protestantes buscavam absolvição e retornavam à Igreja. Saravam-se os enfermos e os fiéis refortaleciam a sua fé. Ao partirem de volta, os romeiros levavam consigo um talismã, uma fita ou um pedaço de fazenda que tinham sido esfregados no vidro da redoma onde se guardavam os panos e as toalhas do altar manchados de vermelho pelo que creditava ser o Precioso Sangue de Cristo (DELLA CAVA, 1976, p. 51).

Figura 8 – Beata Maria de Araújo



Fonte: Portal Juazeiro, 2020

Para Domingos Cordeiro (2011) são amplos os fatores que desembocam na formação de uma cidade, mesmo sendo essa, definida pela mídia com ‘uma marca’ apenas. Nessa direção, Juazeiro ficou conhecida como cidade das romarias do Padre Cícero, e que alguns autores definem como, a “nova Jerusalém” (DELLA CAVA, 1976), a “Meca dos Sertanejos” (CAMPOS, 2013). Porém, o aspecto que aqui está sendo abordado (os movimentos que se estabelecem na dinâmica religiosa e social) vão ficar mais claros, nas próximas discussões.

A origem de uma cidade pode ser a culminância de amplos aspectos: econômicos, políticos sociais, culturais, jurídicos, de direito, morais, religiosos, domésticos, infra-estruturais e estéticos, onde se dá a preponderância de um ou mais de um desses aspectos sobre os demais. Ao se localizar a origem de um grupo de fatos na substância da memória ou numa síntese histórica, isolando-os destacando-os ou pondo em ordem secundária os demais, tem-se um processo de construção de mitos de origem (CORDEIRO, 2011, p. 41).

Dessa forma, a constituição de Juazeiro do Norte ocorre por fatores culturais e religiosos que caminham basicamente, pelo âmbito da figura do Padre Cícero. O sacerdote, a partir de uma ótica cosmológica, torna-se um mito, o qual, entrelaçado as histórias de milagres e tempos sagrados, formam uma narrativa que transforma o espaço urbano de Juazeiro do Norte, em local “fantástico”, ou mesmo, o constitui assim. Dessa forma, até o âmbito político pelo qual viveu o religioso Cícero, torna-se um elemento importante, seja para a popularização do próprio Padre, seja para popularização da cidade, enquanto espaço onde habita o sagrado, o que a professora Luitgarde resgata, a partir dos beatos do Juazeiro “Terra da Mãe de Deus” (BARROS, 2008).

Os beatos e beatas tiveram importância fundamental na constituição desta territorialidade sagrada. Foram homens e mulheres que atuaram diretamente com o Padre Cícero na sua ação pastoral e catequética, junto ao povo local (NOBRE, 2011). Por sua vez, esses beatos carregavam uma forte influência da religiosidade local, sem os “refinamentos” do catolicismo romanizado, o que de certa forma, foi primordial para que, determinados aspectos culturais se associassem a prática religiosa. Os beatos também, são importantes, nesse contexto devocional por terem sido os principais protagonistas, junto aos romeiros, de toda a devoção que se constituiu ao redor, tanto da pessoa do Padre Cícero, como de todas as tradições religiosas que fazem com que Juazeiro do Norte seja conhecido como, um espaço ou território sagrado (CAMPOS, 2008) até os dias de hoje.

Figura 9 – Beato José Lourenço, líder do movimento do Caldeirão do Beato e ligado ao Padre Cícero



Fonte: Blog Fortaleza em Fotos, 2020.

A origem do município e sua instalação (1911), assim como, a carreira política de seu primeiro prefeito (Padre Cícero), foi extensa. Cícero Romão, chegou a ser vice-governador do estado do Ceará (na época, vice-presidente do estado). Essas relações do Padre Cícero com a política, dificultaram o caminho de volta as suas ordens religiosas, o que não o impediu de manter proximidade com o povo, que o aclamava como um santo (CARVALHO, 1998) ao mesmo tempo, em que, era fortalecida a crença desses devotos, que iniciaram suas peregrinações, atraídos pelo “milagre da hóstia” (DELLA CAVA, 1976). Aos poucos, grande massa de nordestinos, começaram a peregrinar a Juazeiro, referenciados pela figura mítica do Padre Cícero que representa, quase que em sua totalidade, um santo cheio de relações que se entrelaçam, seja no âmbito religioso, seja pelo âmbito social e político.

2.2 JUAZEIRO DO NORTE - TERRA SAGRADA DO PADRINHO

Para os historiadores, pesquisadores e memorialistas como, Renato Casimiro (entrevista concedida em 16/07/2018) Juazeiro desde seus primórdios, demonstra forte vocação

para os movimentos de peregrinação, diretamente associadas à figura do Padre Cícero. Para Casimiro, trata-se de uma apropriação histórica do Juazeiro que, passa até mesmo pela comercialização que encontrou neste local, um espaço propício para o alargamento do que seria originalmente a romaria. Não podemos jamais deixar de lado que, a relação mítica, amplia as diversas possibilidades, seja a da cidade enquanto espaço pujante e propício ao crescimento, seja pelas romarias, que desde sua origem munícipe, esteve atrelada a sua formação social e cultural.

É preciso deixar claro que, esse estudo não pretende versar sobre o tema do mito, na perspectiva de comprovar se é “verdade ou não” o que se estabeleceu como mito fundador dos fenômenos de Juazeiro. Uma compreensão é fatídica, após esses acontecimentos “miraculosos”, as dinâmicas do lugar e a vida do Padre Cícero mudaram completamente. O tema hora iniciado, abordamos de forma mais geral. O foco é, lidar com a consequência do conjunto de fenômenos que formam o que se conhece como “o milagre de Juazeiro”, tanto pela literatura, já produzida desde Della Cava (1976); Carvalho (1998) e Cordeiro (2010), como pelas falas de tantos interlocutores.

No que tange ao “milagre”, não é possível deixar de perceber suas implicações diretas no contexto político da época. Esses impactos culturais, não difere do que a teoria sociológica sobre o sertão já tenha discutido, principalmente no que se refere às questões sociais e familiares que envolviam a política nacional, de maneira particular no sertão nordestino. Voltando aos textos de Della Cava (1976) e mais recentemente o de Lira Neto (2009), os mesmo fazem um apanhado sobre a política no Cariri cearense, com ênfase em Juazeiro, onde a religiosidade, política e demais fenômenos sociais, de certa forma se entrelaçaram, formulando a cosmologia que reafirmou ainda mais, a importância do Padre Cícero e de Juazeiro do Norte nas identidades políticas do Sertão.

Com o afastamento e a suspensão de suas ordens religiosas, o Padre Cícero que já estava inserido no meio político, intensifica sua atuação neste meio, também gozava de grande influência entre as principais famílias. Aos poucos é tomado por muitos amigos como padrinho de seus filhos, logo em seguida, esse modelo de parentesco também é assumido por muitos romeiros sertanejos. Essa relação “parental” sem dúvida, foi a responsável pela popularização do termo “meu padim” que gradativamente, foi se firmando e se configurando como uma terminologia quase que obrigatória de tratamento de seus afilhados e depois, seus romeiros e devotos (NETO, 2009; BARROS, 2008).

O compadrio sempre foi, na história do sertão, uma marca nas relações familiares sociais e religiosas, além de política, como marca originária do próprio coronelismo (LEAL,

2012). No caso de Juazeiro do Norte, isso ficou mais evidente à medida que, os romeiros enviavam cartas com pedidos de bênçãos, conselhos e solicitando indicações de medicamentos à base de plantas medicinais para tratamento de males comuns (NETO, 2009). Isso por sua vez, originou certa relação do sertanejo com a cidade de Juazeiro do Norte, a partir de seu representante mais famoso.

Essas correspondências eram todas respondidas à mão pelo Padre (*Ibid.*) que, tendo as prerrogativas de “autoridade geral”, carregando as duas categorias necessárias (religiosa e política), conseguia sanar a ausência do Estado, em meio as populações mais pobres. Assim sendo, os sertanejos que viviam desprovidos do aparato público, tinham um ser ‘divino’ que agia ao seu favor. Conseqüentemente, esse processo desencadeou certo grau de familiaridade dos sertanejos com a cidade e do Padre Cícero com os romeiros, que aos poucos, foram se firmando numa constante chegada a Juazeiro, ainda com o Padre Cícero vivo, sua morte só vai ocorrer em julho de 1934 (DELLA CAVA, 1976).

Figura 10 – Padre Cícero atendendo romeiros e afilhados



Fonte: Google imagens, 2019.

Quando alguém usa a expressão meu padrinho, é porque identifica nesta pessoa a capacidade muito pronunciada de se responsabilizar por seus afilhados. Milhares de pessoas identificarem essa qualidade em uma mesma pessoa, equivale a uma afirmação do lugar privilegiado por ela ocupado, entre os membros da comunidade. (...) O Padre Cícero foi o padrinho de milhares de sertanejos, “meu padrinho” para milhões de nordestinos. Antes de tudo ele foi o sertanejo que viveu os códigos de sua cultura, encarnou o protótipo, o modelo do padrinho protetor, reivindicando até a interferência divina para sê-lo (BARROS, 2008, p. 187).

A obra de Luitgarde Barros (2008) possibilita uma leitura clara de como essa relação vai se constituindo, em Juazeiro e com o Padre Cícero, utilizando de ferramentas teóricas e metodológicas. A partir de uma leitura gramsciana do fenômeno, a autora analisa a importância dos outros atores neste processo. Para ela, a santidade do Padre e conseqüentemente de Juazeiro, é resultado da ação de elementos como, os devotos romeiros e até as relações entre ideologia e sociedade, a partir da análise da cultura nordestina sertaneja e as relações sociais próprias da época. Tal compreensão difere da leitura de Della Cava (1979), que aborda a temática, por uma perspectiva mais histórica e política.

Para o autor, na obra “Milagre em Joazeiro” (1976) até mesmo o “milagre” é visto como um fenômeno que tem implicações políticas diretas na vida, tanto do Padre como, na própria constituição do espaço sagrado de Juazeiro, que ele denomina de “atmosfera de Meca”. É importante levar em consideração, o contexto em que a obra é produzida e os termos que são utilizados pelo autor, termos quase que ultrapassados, mas compreensíveis. Torna-se pertinente destacar que, mesmo para uma abordagem histórica, os elementos subjetivos e simbólicos são apontados pelo autor em seu estudo.

De um centro de “fanatismo” religioso, a uma importante força econômica e política do Vale do Cariri, foi essa a transição que se operou no Joazeiro, de forma quase imperceptível. Ainda hoje, sente-se que não se evaporou, de todo, aquela atmosfera de Meca; ela se encontra nas festividades de setembro em honra de Nossa Senhora das Dores, padroeira de Joazeiro, e nas comemorações de todos os santos (DELLA CAVA, 1979, p. 117).

Analisando as ideias do autor, não se trata simplesmente de um “fanatismo”, é de se levar em conta os limites históricos e conceituais da época da pesquisa, além de todo o contexto político que se vivia no Brasil. Porém, a questão que nos é fundamental é essa “atmosfera” que o pesquisador identificou e categorizou dessa forma, e que constitui a espacialidade que Gilmar de Carvalho (1998) denomina como “atemporal” ao contexto social e cultural da contemporaneidade. Esse retorno à ideia de Della Cava (1979) é necessário para se perceber que essa constituição cosmológica se perpetua ao longo do tempo, ideias que são reanalisadas como “Meca”, “Nova Jerusalém”, (DELLA CAVA, 1979); (CAMPOS, 2013) e assim por diante.

Figura 11 – Juazeiro em tempos de romaria



Fonte: Diário do Nordeste. Verdesmares.com.br, 2020.

Assim, portanto, toda a relação e influência social constitui a paisagem de Juazeiro que recebe diretamente do Padre Cícero e ele dela, uma carga muito forte da cultura religiosa e social. Com tudo isso, é importante ressaltar que o local se constitui como um espaço vivido (DUMOULIN, 2018), onde as relações sociais e religiosas se interconectam com vários sentimentos e vão dando sentido prático a toda cosmologia. Para que as características mitológicas do Padre Cícero e conseqüentemente, de Juazeiro, se firmassem eram necessários que determinados acontecimentos se interconectassem as histórias da formação urbana e social da região.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DO MITO NA URBANIDADE

A compreensão acerca da formação de Juazeiro do Norte, enquanto cidade, tem implicações em diversos contextos, até do ponto vista subjetivo, considerando que, ideias como milagre, santo e mito são constantemente utilizados para especificar a constituição urbana de Juazeiro do Norte. O principal fenômeno que deu origem a tudo foi o “milagre da hóstia” (DELLA CAVA, 1976), com ele, podem-se entender todas as conseqüências reais que desembocaram na pessoa do Padre Cícero e na urbanidade de Juazeiro, já que, toda a cidade bebe fortemente desse movimento de romaria que se retroalimenta de forma gradativa, por tanto, a ideia do milagre está na base central dessa compreensão.

Se perguntarmos a qualquer devoto, quais as motivações da peregrinação, quase sempre são atreladas a milagres ou mesmo, histórias que lhes foram socializadas desde a infância, com

vários direcionamentos e atores, porém um ponto lhes é comum, a figura do Padre Cícero que assumiu através do tempo, dos acontecimentos e pessoas, uma identidade de santo, mesmo ainda não canonizado (CARVALHO, 1998; PAZ, 2011).

Ao tratar do ‘milagre’, enquanto categoria associada ao tema, não se pode apenas analisar a partir da figura do Padre Cícero, até porque, não é a única nas questões relacionadas a Juazeiro do Norte, enquanto espaço “fantástico”, seja pela literatura, seja pela própria cultura. Este espaço é compreendido assim, através das manifestações devocionais, ou mesmo, pelo próprio *ethos* de misericórdia (CAMPOS, 2013) que permeiam as relações da piedade religiosa e social do local. Segundo Mircea Eliade “o mito conta uma história sagrada, ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo falando do princípio” (ELIADE, 2006, p. 11). Portanto, o mito se insere num contexto muito mais extenso já que, diversas relações o foram constituindo e transformando o local, através dessas identidades.

No que concerne a outros autores como Cordeiro (2011) esse mito está intrinsecamente ligado a todos os fatos que se desenvolvem. Nesse processo é impossível deixar de entender, o quanto as narrativas são fundamentais na constituição do mito, ou desses mitos, sabendo que muito do que foi socializado na história, passa por reconfigurações, basta recordar que diversos agentes foram se conectando nesse processo, desde os beatos e beatas a romeiros que foram se associando as histórias de Juazeiro.

Em contextos assim, as narrativas se estabelecem em torno de um personagem central e seu enredo está para além da atuação do corpo de colaboradores que participaram nas obras criadas. O mito pode ter várias funções específicas: pode abrir o mundo para uma dimensão de mistérios; pode construir uma imagem sagrada do universo; pode ter uma função sociológica, no sentido de validar ou conservar uma sociedade, ditando formas de interação de acordo com os valores vigentes; e pode ter uma função pedagógica ensinando como viver em qualquer circunstância (CORDEIRO, 2011, p. 40).

Portanto, para falar desse milagre, é necessário citar vários atores, como as beatas e beatos, que na visão de Luitgarde Barros (2008) são como os “intelectuais orgânicos” nesse processo de construção dessa “sacralidade”, a partir da utilização das ferramentas que lhes eram próprias: as rezas, os sermões, novenas e as próprias relações de amizade comunitárias como, o caso do caldeirão do Beato José Lourenço, que foi uma experiência tida por muitos como, uma aproximação ao modelo de Canudos, no qual, de certa forma, mesmo distante territorialmente de Juazeiro, fez com que, se popularizasse a figura do Padre e os “mistérios de

Juazeiro”. Os beatos e seus seguidores ao caminharem pelo Nordeste foram se tornando grandes divulgadores dos fenômenos relacionados a Juazeiro do Norte, como terra de milagre.

Com a popularização do fenômeno da “hóstia em sangue”, de 1889 em diante, as “nuvens” de romeiros começam uma caminhada interminável que perdura até hoje, atraídos pelo que podemos definir como “regime de milagres” (REESINK, 2005), ou seja, um sistema que ressignificou a espacialidade urbana da cidade de Juazeiro e conseqüentemente, seu *ethos* local, transformando-a em um grande santuário no meio do vale do cariri cearense. Os milagres que foram atribuídos a ação do Padre Cícero, aos poucos vão sendo uma marca registrada deste local que toma o status de uma “terra santa”, a mesma dos tempos bíblicos (CAMPOS, 2013) o que de certa forma aproxima ainda mais uma realidade subjetiva, ao contexto social e cultural desses que recorrem a Juazeiro do Norte.

O que esse regime de milagre – que se fundamenta no regime de salvação – exprime é o pertencimento moral, racional e emocional desses católicos à sua própria história, demonstrando, assim, que não existe uma ruptura entre tempos bíblicos, tempos medievais e tempos modernos, mas continuidades que se atualizam e atuam nos contextos e nos tempos do catolicismo e dos católicos (REESINK, 2005, p. 279).

Para Lévi-Strauss, os mitos despertam nas pessoas, pensamentos desconhecidos (LÉVI-STRAUSS, 1978) e conseqüentemente, são criadas as narrativas que se diversificam a partir das diversas realidades práticas e perspectivas de cada romeiro ou devoto. São histórias que narram graças, milagres e acontecimentos sobrenaturais (ELIADE, 2006) todas elas, vinculadas não apenas a pessoa do Padre Cícero, mas a própria cidade, enquanto espaço diferenciado, porque na ótica desses devotos, o que foi traduzido nos textos bíblicos se aplicam aquele lugar especificamente, por isso que, muito do que foi constituído ao longo do tempo como locais de visitação, em Juazeiro do Norte, de certa forma se aproxima a lugares específicos de acontecimentos bíblicos.

As imagens bíblicas perpassam a geografia e a história local; afinal todos os eventos bíblicos, desde a criação, passando pelo nascimento e crucificação de Cristo até o segundo testamento, aconteceram nas redondezas do Sertão. Muitos romeiros e devotos de Padre Cícero especificam, por sua vez Juazeiro do Norte como sendo o cenário da narrativa bíblica (CAMPOS, 2013, p. 120).

Referente a essa discussão, basta recordar que diversos locais de Juazeiro, como o Horto, onde está a estátua do Padre Cícero e o Santo Sepulcro, local em que muitos beatos faziam suas penitências, são entendidos pela cosmologia dos romeiros como os locais onde Cristo viveu

seus últimos momentos de vida, paixão morte e sua ressurreição. Neste meio, como mediador de todo esse universo simbólico, está a figura do Padre Cícero que carrega em sua constituição todas as categorias necessárias para ser considerado santo, mesmo que não canonizado (CARVALHO, 1998; PAZ, 2011; BARBOSA, 2007) “um santo que se sustenta na dualidade e que é ao mesmo tempo, sobrenatural e humano, provedor e disciplinador, herói e santo” (CARVALHO, 1998, p. 84).

Para que o Padre Cícero tenha se constituído enquanto mito, na literatura e nos discursos populares, foi necessário alguns fatores muito peculiares, o religioso e o político. No âmbito religioso está o catequizador, sacerdote e padre. No âmbito político, por sua vez, se encontra o prefeito, líder e padrinho. Porém, não quer dizer que essas duas linhas não sejam fluídas. Para Luitgarde Barros, o Padre numa freguesia é a figura mais importante, pregando uma ideologia e ordenamento, através das relações com o sobrenatural e com o social (BARROS, 2008).

2.4 JUAZEIRO “TERRA DE ORAÇÃO E TRABALHO”

Com o crescimento da cidade e a influência do Padre Cícero em todos os âmbitos, a cidade foi assumindo uma identidade religiosa própria, a partir de uma cultura muito arraigada nas tradições devocionais dos beatos. Essas tradições, geralmente comportavam novenas, procissões rezas e renovações do Sagrado Coração de Jesus (PAZ, 2011) aos poucos esse *ethos* religioso foi sendo ainda mais reforçado pelo seu líder político e religioso maior, através de sua forte doutrinação, em cima da ideia de “uma terra de oração e trabalho”.

Se levarmos em consideração as reflexões que Domingos Sávio (2011) levanta em seu texto, sobre as regras que o Padre apresentava como itinerário de vida “Cada casa uma oficina de oração e trabalho”, trata-se de uma característica que, o religioso fazia questão de passar para os habitantes de “sua” cidade. Segundo o autor, essa oficina é um meio de socialização e canal de inserção dessas pessoas na sociedade (CORDEIRO, 2011). “O trabalho quando feito com as mãos anima o trabalho da mente, torna-se uma forma de pensar por meio do fazer, e, na oficina dos que fizeram do preceito uma prática, acontece uma academia de narradores” (*Idem*, p. 90).

Na visão do autor, existe um movimento cíclico que se direciona do “**indivíduo** (Expressão de conjunto cultural = Construção Social) - **mito** (Expressão do mundo imaginal, líder, santo, altar = Coesão Social) - **A cidade** (Expressão de geração social, território habitado, casa = Ação Social)” (CORDEIRO, 2011) gerando a cosmologia local. Essa vivência prática da cosmologia religiosa é uma explicação que se necessitava, para compreender o início de tudo (CARVALHO, 1998). Como palavra de ordem quem fala é a autoridade incontestável do

sacerdote, que para a época, é a principal figura de todos os sistemas sociais que os indivíduos vivenciavam socializavam e introjetavam. Dessa forma, o que ocorre, seria uma “tessitura de narrativas” que são transmitidas oralmente, que constituem um “*corpus* de tradições” (*Ibid.*) e faz com que a cidade assuma essa identidade.

Na oficina é que se instala de forma mais prática os mecanismos de configuração e reconfiguração das cosmologias, assim, portanto, seja ela no Juazeiro ou nos territórios desses romeiros, as oficinas são espaços de socialização, no qual, esse *habitus* é apresentado e, conseqüentemente orientado para desempenhar seu papel. “O trabalho quando feito com as mãos anima o trabalho da mente, torna-se uma forma de pensar por meio do fazer, e na oficina dos que fizeram do preceito uma prática, acontece uma academia de narradores” (CORDEIRO, 2011, p. 90).

A oficina representa também a aliança do indivíduo com os aspectos de liderança e santidade do mito. No primeiro caso, a oficina faz parte na trajetória de relacionamento do adepto com o líder, em que o espaço de trabalho surge em resposta a uma indicação de direcionamento da ação apontada pelo líder. No segundo aspecto, é na oficina que o artífice tomou conhecimento das histórias sobrenaturais de santidade e virtudes do santo e a elas adere como narrador, inserindo a sua experiência pessoal, trazendo-as presentes na memória, que sendo uma memória de muitos, torna-se expressão de um conjunto cultural e prática do mito (*Idem*, p. 91).

O indivíduo e o mito geram essa ação. A ação do indivíduo em sociedade produz o espaço urbano, as obras materiais, as instituições e todos os bens imateriais da cultura. O mito gera a ação social como líder que dirige os indivíduos e como santo que inspira a cidade. O indivíduo elege o líder, constrói o santo, cujo ingrediente é o mito. A cidade origina o líder e o santo mantendo o mito. É pois, um circuito cíclico fundamentado num trinômio, cujos extremos oscilam, mas sem haver demasiada preponderância de um sobre outro a ponto de fazer qualquer um deles perder a importância. A ordem dos elementos não importa. A ocorrência de um subentende a ocorrência dos três. Assim acontece o Nordeste como cidade de Juazeiro do Norte, Padre Cícero e os indivíduos adeptos, devotos e seguidores (*Idem*, p. 95).

Assim, portanto, o que ocorre com a dinâmica urbana social de Juazeiro é que poderíamos definir como um fato social total¹⁰ que, origina determinadas questões fundamentais, desde tradições, manifestações culturais e religiosas, até a própria forma de lidar com o econômico. Ele é a própria ação social, que os indivíduos adeptos/devotos desenvolvem,

¹⁰ Atividade que tem efeitos em toda a sociedade, sejam nos âmbitos religiosos, econômicos, políticos ou jurídicos. No plano social ou psicológico (teorias de Marcel Mauss).

porque estão inseridos no mesmo contexto social/cultural com suas práticas, tradições, devoções, narrativas e discursos que lhes são próprios. Se pensarmos a oficina como o meio social, em que o plano religioso e as demais práticas sociais estão interconectadas, a vida do devoto/romeiro é uma constante oficina, pois são esses romeiros e devotos que, ao chegarem em Juazeiro, atraídos pelo fenômeno religioso vão formando a cidade e configurando a paisagem.

Juazeiro do Norte que já ultrapassou a marca de 250 mil habitantes (CORDEIRO, 2010), torna-se hoje uma cidade moderna, de certa forma, faz com que a sua dinâmica urbana tenha fortes influências e impactos que são próprios do contexto contemporâneo, novas tendências culturais e religiosas, bens e serviços que são ofertados. Uma cidade que é central para a economia do interior cearense, com uma vasta atividade comercial (NETO, 2009) que a torna uma das mais importantes para essa região do cariri cearense, com universidades, aeroporto e tantos outros serviços.

Para o Professor, memorialista e pesquisador Renato Dantas, em entrevista realizada (17/07/2018) “existem dois Juazeiros que se diferem em sua essência”, para o professor, um Juazeiro urbano e um Juazeiro dos romeiros, que é totalmente diferente do primeiro. Porém o que nos pareceu sobressair nesta espacialidade urbana, com relação a presença dos peregrinos nesta cidade não é uma divisão engessada que não possibilita uma comunhão por parte dos visitantes romeiros, talvez as perspectivas possam divergir, porém nossa reflexão se alinha ao raciocínio de Gilmar de Carvalho (1998). Para o autor esses não se confundem, porque “outros são os motivos que movem os que vêm tangidos pela fé” (CARVALHO, 1998, p. 89). O autor ainda acrescenta:

Para o romeiro, a visão de Juazeiro é epifânica, por isso, todos os reveses são superados e o sofrimento se inscreveria como purgação diante do prêmio que é pisar este chão sagrado, marcado por tantas histórias piedosas, indiferente ao trânsito caótico, ao sobrevoou do avião, aos signos da modernidade de uma cidade paralela, que não é aquela que o romeiro busca (CARVALHO, 1998, p. 89).

Para Carvalho (1999) essa diferença é perceptível pelos mecanismos que mobilizam os visitantes, já que estão ali para visitarem igrejas, museus e participarem de missas. Porém esses romeiros não dividem a cidade. Essa questão, aqui nesta pesquisa é fundamental, para que seja possível ter uma compreensão mais ampla, dos sujeitos que compõem o recorte etnográfico na qual, se deram os estudos aqui elaborados. Dessa forma, esses primeiros levantamentos bibliográficos aqui apresentados, pretende demonstrar claramente esse painel de fundo, do qual

emerge o problema de pesquisa, basicamente seriam as experiências dos grupos de romeiros (CORDEIRO, 2011) nesse espaço “sagrado”.

Os quadros na memória resultam de práticas do espaço, individuais ou coletivas, interações ou experiências grupais. Nessas relações, as referências memoriais marcam o tempo, falam de figuras, entes, coisas de sociedades visíveis e invisíveis (CORDEIRO, 2011, p. 47).

Partindo dessas primeiras discussões, é possível analisar Juazeiro do Norte, a partir de duas perspectivas distintas, a primeira, no que tange a formação de uma cidade que teve origem a partir da ação religiosa, social e política do Padre Cícero, que foi o primeiro prefeito, se envolvendo inclusive em contendas no processo de emancipação da primeira vila. A segunda é a que, leva em consideração toda uma diversidade de mitos, símbolos, significados e significantes que permeiam a região, antes mesmo da fundação da Cidade, ou seja, anterior a colonização da região (DELLA CAVA, 1976) e ao próprio milagre (1889).

Não podemos deixar de considerar que outras perspectivas podem existir, os usos que se fazem do espaço urbano, são distintos para os diversos grupos que formam o contexto urbano. Para autores como Jeudy (2005), a cidade ultrapassa essas representações que estão vinculadas aos contextos particulares que muitas vezes podem ser “vendidos” para a sociedade.

A cidade excede a representação que cada pessoa faz dela. Ela se oferece e se retrai segundo a maneira como é apreendida, uma certa nostalgia parece nos fazer acreditar que a cidade não corresponde mais ao signo porque se teria tornado excessivamente percebida graças aos símbolos de sua monumentalidade exibida nos centros históricos (JEUDY, 2005, p. 81).

Portanto, o que parece transparecer numa formação urbana, como a que estamos analisando, são os símbolos, ou seja, uma representação simbólica da cidade (*Ibid.*). Infelizmente, o que se sobressai numa lógica de patrimonialização é uma espécie de estetização, isto é, uma espetacularização da cidade. No Documentário “Juazeiro a Nova Jerusalém” (2001) de Rosemberg Cariry¹¹, o cineasta faz uma ampla abordagem de como esses elementos citados se entrelaçam, como eles são incorporados e assim, constituindo uma cultura local, onde as práticas sociais e religiosas são pautadas a partir desses símbolos, conseqüentemente formulando uma grande teia de relações que desemboca no fenômeno das romarias e na própria identidade da cidade.

¹¹ Documentário biográfico produzido pela Cariri Filmes, 2001, Juazeiro do Norte, Rosemberg Cariry.

Tratando dessa questão cosmológica da cidade é preciso aprofundar o debate no sentido de que, a própria formação do município, possibilita esse ajuntamento de ideias e expressões. Quando tratamos da questão dos espaços de peregrinação é necessário levar em consideração, que a forma como as pessoas se colocam no local, influencia diretamente a formação de comunidades, grupos e espaços que são assegurados para tais expressões, isso não foi diferente em Juazeiro do Norte que teve durante sua história, além de influências políticas, religiosas as quais, estão configuradas nas suas construções e romarias que foram aos poucos modificando os usos e a estética arquitetônica e cultural do centro da cidade.

Segundo os Professores Renato Casimiro e Renato Dantas (2018) a cidade viveu e tem vivido nos últimos tempos um esvaziamento de seu centro. Basicamente o centro de Juazeiro do Norte tem deixado de ser habitado por residências e tem se tornado um espaço apenas para pousadas e lojas de objetos que podem ser adquiridos nas romarias como artigos religiosos, suvenires entre outros usos, que geralmente se associam estritamente a dinâmica das romarias.

Para esses pesquisadores (2018) é possível afirmar que a cidade de Juazeiro do Norte constituiu em seu tempo histórico e social a formação de diversas comunidades, advindas das mais diferentes regiões do Brasil. São os mais de dois milhões de romeiros (CORDEIRO, 2010) que além de peregrinar, expressam em uma espécie de “cenários” suas socializações distintas no que tange a religiosidade, as práticas sociais e familiares que são configuradas ao modo do exercer a prática romeira, ou seja, os papéis desempenhados dentro do espaço religioso de Juazeiro são resultados de uma junção de vários outros elementos sociais que se interconectam numa grande teia de relações simbólicas e sociais.

Portanto, o espaço urbano está impregnado por essas expressões, tornando-se uma cena comum a todos que circulam por aquelas ruas, nos períodos de romaria. O que transparece a partir de observações já realizadas é que, o centro se torna um espaço totalmente distinto ao se encerrar o período da romaria, ou mesmo antes de começar. Isso ocorre devido a abertura de uma comunicação com duas regiões, terra e céu (ELIADE, 2008). Gilmar de Carvalho (1998) já definiu como “atemporal”, a cidade se reveste ou se transforma se levarmos em conta os aspectos comerciais, para dessa forma atender a “clientela” que durante os dias de romaria tomarão de assalto o espaço urbano central de Juazeiro.

Desta forma, a cidade assume papéis diversos para cada público, os usos que são feitos de suas ruas e “becos” são diferentes à medida que, cada ciclo é vivido e isso tem lógicas diferentes para cada um. De um lado, uma parcela de habitantes que se utilizam dessas ruas de forma mais prática e objetiva e por outro, os romeiros que nelas encontram os locais sagrados e junto a eles, alguns habitantes que tem em si essa reverência. Entretanto, o que parece fixar-

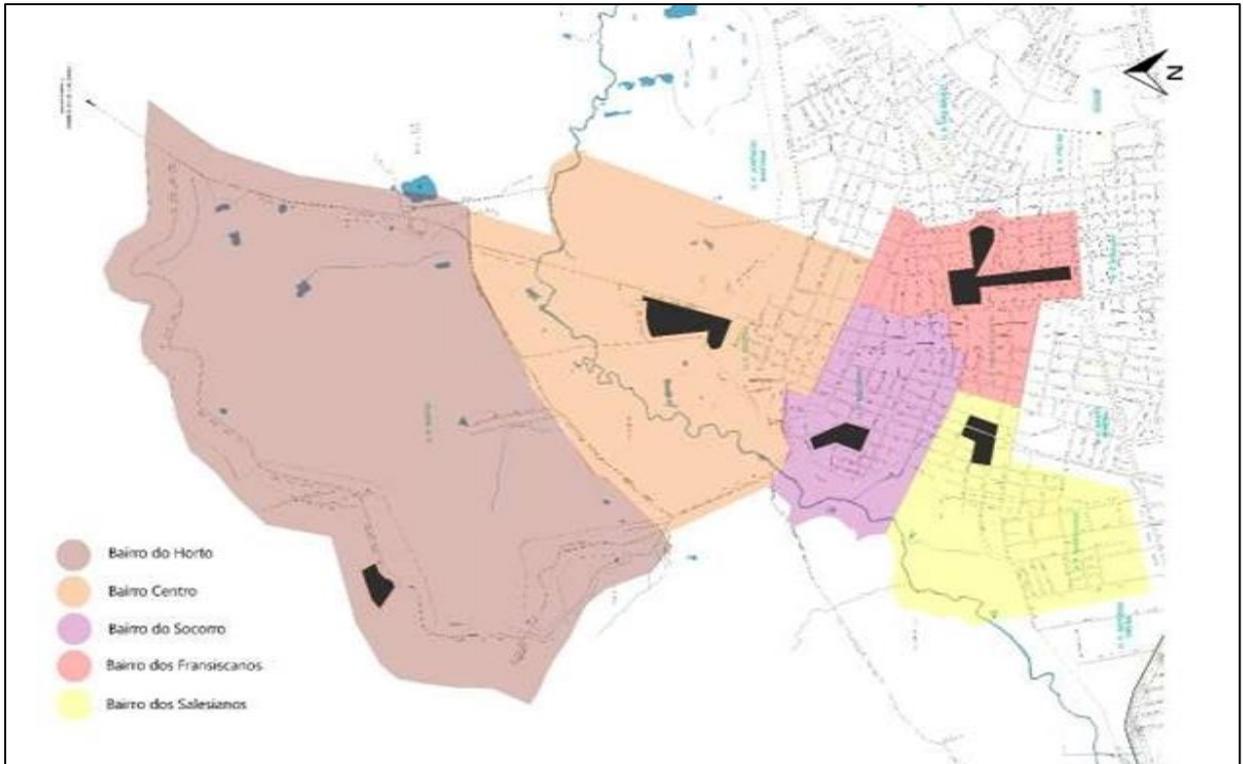
se é a unidade que é remodelada (JEUDY, 2005). “A representação comum do que faria a unidade da cidade, unidade que conserva, é claro as diferenças específicas de suas partes, depende de deslocamento. É por isso que a cidade é tratada como uma paisagem a ser remodelada” (*Ibid.*, p. 99).

No deslocamento de vila Tabuleiro Grande, DELLA CAVA (1979) aponta que, para sua urbanização enquanto vila e depois, a própria constituição mais atual, as ruas são pensadas e repensadas a partir da própria ótica religiosa que permeou a formação social da cidade. A visão socioreligiosa do seu primeiro prefeito, o Padre Cícero, projetou uma espacialidade já com essa configuração “santa”, todo o centro de Juazeiro do Norte, foi denominado por nomes de santos (as principais ruas que compõem o centro da cidade).

Como já tratamos, a cidade assume essa característica de santuário, porém algumas ruas são muito mais destacáveis, no sentido de maior concentração de expressões da piedade religiosa, são elas: As ruas Padre Cícero, Matriz, São Pedro, São José, Doutor Floro e a São Paulo (Localizadas no Bairro Centro), além do largo do Socorro, São Francisco, Coração de Jesus (Salesianos) e a própria rua do Horto, a qual dá acesso a estátua do Padre Cícero. Assim sendo, essas vias tornam-se caminhos que os romeiros percorrem em direção aos locais tidos como sagrados. Sobre essa identidade religiosa é que se define as diretrizes pelas quais a cidade se constitui, o que Carvalho (1998, p. 94) especifica na sua obra, ao tratar dos círculos “concêntricos que o sagrado gera em torno de si”.¹²

¹² O Mapa pretende demonstrar a densidade em tamanho dos principais Bairros de Juazeiro por onde circulam um maior quantitativo de romeiros.

Figura 12 – Mapa com a densidade territorial dos principais Bairros de Juazeiro do Norte



Fonte: SANTOS, Igor Vieira. 2019.

A concepção da cidade foi pensada com esta marca simbólica do religioso, que carrega como lema, “terra de oração e trabalho”¹³. Para os devotos do Padre Cícero, Juazeiro é uma “Meca” (CAMPOS, 2013) uma terra “santa”, em que a religião permeia os diversos espaços, além dos “sagrados”, existem também os “profanos”, dois polos que na dinâmica de Juazeiro do Norte se entrelaçam e formulam novas percepções em que, essas dicotomias demonstram uma certa ambiguidade interconectadas, como Carvalho (1998) questiona: “cidade do sonho e da redenção” bem como, uma identificação com a espacialidade, através da própria noção católica de criação do mundo (REESINK, 2005) e de seus significantes.

O próprio título do livro de Barbosa “Juazeiro Celeste” é muito interessante nesta discussão, ao apresentar o Juazeiro como “celeste”. Nisto está ancorado uma relação entre os devotos do Padre Cícero e a cidade santa (BARBOSA, 2007), isso faz voltar à ideia inicial desta seção, que não se pode desmembrar a figura do Padre com a da cidade, ou seja, tratando de cosmologia, as duas figuras crescem juntas, numa relação quase que simbiótica, onde sonhos e milagres são acessados para ancorar a crença no “fantástico” que explica o mito (ELIADE, 2006). Isso, conseqüentemente, reverbera nas práticas sociais que são desenvolvidas pelos

¹³ Nos sermões do Padre Cícero aos seus romeiros, o religioso sempre enfatizava esses dois pilares como um lema para a dinâmica municipal.

devotos a partir da cultura bíblica (VELHO, 2007) que é incorporada dentro do processo que a própria cosmologia abarca nos principais atores que são os devotos, geralmente ocultados (BARBOSA, 2007) por todo o processo mais complexo que envolve a Igreja institucional e os outros órgãos, próprios do Estado.

E essas visões e comportamentos práticos são o modo de ser, estar e participar desses atores, romeiros, seguidores do Padre Cícero num drama, em cujo enredo estão implicados juntamente com o Padre Cícero e a cidade santa do Juazeiro. Por isso é que o foco será deslocado da pessoa do Padre para o Juazeiro e para os romeiros, observando o ritual da romaria e seus protagonistas que sempre foram marginalizados e ocultados (BARBOSA, 2007, p. 21).

Essa questão é apresentada a fim de elucidar ainda mais, a importância desse protagonismo popular, atrelada a essa relação do “santo ainda não canonizado (CARVALHO, 1998) e a cidade”, uma figura que é conhecida no meio daqueles que claramente não são a instituição, por isso, que essa massa protagonista é tão importante na construção de tudo que hoje é a cidade de Juazeiro do Norte e o fenômeno das romarias, que cresceu à revelia da própria Igreja local, desembocando num movimento intenso que formou uma cidade.

A sacralidade de Juazeiro do Norte está, para além dos espaços fechados como igrejas, museus ou monumentos. Esta sacralidade que muito é constatada pelos devotos e interlocutores tanto nas entrevistas, como nas observações, são sentidas na própria espacialidade das ruas, feiras, ou mesmo, nos próprios veículos de transportes de romeiros e nas relações que são constituídas pelos mesmos, durante a viagem e na estadia, com outros romeiros e até mesmo com habitantes ou religiosos locais, tornando-se uma “nova Jerusalém” (*Ibid.*). A Juazeiro do romeiro é invisível ao olhar apressado do homem contemporâneo, com seus compromissos inadiáveis, seu medo da violência e seu projeto de futuro (*Idem*, p. 89).

Essas relações são constituídas, através da socialização de histórias, contos e mitologias que permeiam tais cosmovisões. Esses significados são dados, através de muitos elementos, um deles é a comunicação, a qual perpassa diversos espaços no cotidiano, na própria romaria, através dos ritos e sons (*Ibid.*) ou mesmo nas performances, que são elaboradas no decorrer da romaria, nas pausas da viagem ou no descanso do dia de caminhadas pelos santuários e outros locais específicos que compõem o “roteiro da fé”,¹⁴ ou seja, os locais que são visitados pelos

¹⁴ O roteiro da fé é uma espécie de itinerário de “visitas”, ou seja, locais específicos que marcam a história religiosa de Juazeiro do Norte que fora demarcado pelo poder público como ambientes específicos do roteiro de romaria, vão desde as Igrejas, monumentos, santuários e museus que compreendem a vida do Padre Cícero.

romeiros durante as romarias. Como já citamos anteriormente e que foi reforçada pela fala de Renato Dantas (2018) e reforça ainda mais, a discussão de Gilmar de Carvalho (1998).

Por fim, o que se destaca é que a concepção de Juazeiro, pode ser distinta em sua cosmovisão. O momento de catarse¹⁵ experimentada, leva os romeiros a uma experiência epifânica (CARVALHO, 1998) que ressignifica a cidade populosa (CORDEIRO, 2010). Essas nuances pretendem ser discutidas no decorrer do trabalho, num processo analítico de algumas categorias específicas, encontradas durante a pesquisa. Esses primeiros pontos, vem diretamente numa linha de provocação teórica/antropológica referente à cosmologia que entremeia essa cidade e sua relação com o romeiro, principal personagem nesse processo, o qual analisaremos no próximo capítulo.

¹⁵ Alívio, liberação do que está reprimido, sejam sensações, traumas e medo. Liberdade dos sentimentos e emoções.

3 ROMARIA, ROMEIROS E SUAS PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Este capítulo pretende descrever etnograficamente as romarias de Juazeiro e também, nossos interlocutores: quem são, de onde vem e que papéis desenvolvem no contexto religioso estudado, suas práticas devocionais, rituais e sacralidades atribuídas. Também, apresentamos os principais pontos de visitação, ou seja, a espacialidade sagrada da cidade e aspectos da ritualidade que é vivida pelos romeiros, nesse contexto, bem como, os impactos deste fenômeno no movimento urbano da cidade.

3.1 AS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE

Após o “milagre de Juazeiro”, em 1889, as pessoas atraídas pelo fenômeno, começaram a peregrinar até Juazeiro, advindos dos diversos recantos do Nordeste. A primeira romaria ocorreu em 07 de julho de 1889, incentivada pelo Padre Monteiro do Crato-CE, onde mais de três mil pessoas foram a Juazeiro para reverenciar o milagre (NETO, 2009). A partir desse primeiro movimento, a notícia foi se espalhando e, tanto a fama do Padre Cícero, como do “milagre” foram crescendo e mudando a dinâmica urbana de Juazeiro e constituindo as romarias que aos poucos, foram entrando no calendário da cidade, na vida cotidiana dos romeiros e Juazeirenses.

A dinâmica das romarias foi aos poucos se fortalecendo e atualmente, gera um quantitativo que ultrapassa dois milhões de romeiros (CORDEIRO, 2010). Esse é o dado mais específico que se tem e que também, nos foi passado pela “Sala de Informação Romeiro, da Basílica Santuário Nossa Senhora das Dores”. A romaria de Juazeiro do Norte está subdividida no chamado ciclo de romarias¹⁶, são elas: a romaria da morte do Padre Cícero, que se concentra entre os dias 16 a 20 do mês de julho; a romaria de Nossa Senhora das Dores, do último domingo de agosto a 15 de setembro; romaria de finados que vai de 29 outubro a 02 de novembro, além do natal e ano novo e, a pequena romaria de São Sebastião que começa no dia de Santos Reis (06 de janeiro) e se estende até o dia de São Sebastião (20 de janeiro), logo em seguida tem início a grande romaria das candeias que, abrange o final do mês de janeiro e o início de fevereiro.

Abaixo apresentamos um quadro sinótico que descreve o calendário das romarias e suas especificidades:

¹⁶ Calendário anual das romarias de Juazeiro do Norte.

Quadro 1 – Calendário das Romarias e suas Características

Romaria	Período	Calendário oficial ou oficioso	Público Estimado	Espaços abrangidos	Características
Morte do Padre Cícero.	16 a 20 de julho.	Oficioso ¹⁷	30 mil pessoas.	Basílica Santuário, Capela do Socorro.	Romaria que celebra a morte do Padre Cícero.
Nossa Senhora das Dores.	Último domingo de agosto a 15 de setembro (dia da Padroeira), se estendendo até o final do mês.	Oficial	500 mil pessoas.	Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores.	Festa da Padroeira da Cidade e dos romeiros.
Finados/romaria da esperança	De 29 de outubro a 2 de novembro, se estendendo durante todo o mês de novembro.	Oficial	500 mil pessoas.	Santuário de São Francisco e em menores quantidades nos demais santuários.	Visita mais concentrada no santuário de São Francisco e nos demais, especialmente o túmulo do Padre Cícero na Capela do Socorro.
Natal	De 20 a 31 de dezembro.	Oficial	10 mil pessoas.	Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores	Uma romaria que não tem uma especificidade, porém segue um fluxo de público, que de forma mais individual realiza a peregrinação
Reis	Alguns Dias que antecedem 06 de janeiro (dia de Reis).	Oficioso ¹⁸	10 mil pessoas.	Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores	Festa dos Santos Reis, se enquadrando no encerramento das festividades natalinas.
São Sebastião	16 a 20 de janeiro.	Oficial	20 mil pessoas.	Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores e	Romaria que tem seu ápice na missa do dia 20 que é celebrada em sufrágio da alma do Padre

¹⁷ Se insere no calendário oficioso, por não está associada a uma determinada festa litúrgica do catolicismo, embora seja uma data recordada e celebrada pelos romeiros de forma muito assídua com direito a missa e romaria.

¹⁸ O dia de reis é vivenciado segundo a liturgia, como a festa da epifania de Cristo. No Brasil ela é transferida para o domingo próximo ao dia 06 de janeiro.

				Capela do Socorro.	Cícero, na Praça da Capela do Socorro.
Candeias	25 a 02 de fevereiro.	Oficial	600 mil pessoas. ¹⁹	Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores.	Festa da Luz, dedicada a Nossa Senhora das Candeias, o encerramento que acontece dia 02 de fevereiro é realizada a grande procissão da luz, com velas e lamparinas.

Fonte: Elaboração do autor.

Essas festas lideram o calendário das romarias, às quais, arrastam multidões para Juazeiro do Norte, fazendo com que a cidade, se constitua esse espaço/ritual. Por sua vez, propicia que determinadas práticas devocionais se constituam, como elemento chave de aproximação dessas pessoas, com o plano divino. A figura central neste processo, é a de seu mediador, o Padre Cícero, que é o santo do lugar, pelo qual, esse fenômeno ocorre e, diante disso, gera as múltiplas expressões, rituais e performances que se entrelaçam com outras devoções. Tais compreensões detalharemos mais à frente, ainda neste capítulo.

A criatividade dos romeiros foi aos poucos formulando esses espaços, enquanto festa, mas também, enquanto momentos de intensa sociabilidade. “Nesta dimensão de suas vidas pode ocorrer uma espécie de “arte do fazer”, de “inventar e reinventar”, através da qual buscam nos momentos que se apresentam- “ocasiões”- as situações que podem lhes dar as oportunidades para continuarem expressando, concretamente, a própria fé (BRAGA, 2007, p. 328). Desse modo, à medida que essas romarias foram se constituindo, os romeiros foram anexando concomitantemente elementos marcadores, tanto de sua fé, no sentido simbólico, como outros elementos práticos, de sua realidade social.

Assim sendo, cada romaria carrega em sua constituição, determinados aspectos que as caracterizam, a partir da vivência que nela é exercida. É importante ressaltar que, o estudo aqui apresentado, não pretende ressaltar tais questões, tendo em vista o foco estabelecido para a pesquisa. Esse ciclo que no geral vai de julho a fevereiro tem seus grandes ápices, que são as grandes movimentações que marcam cada uma das principais festas, as quais dão nome a essas subdivisões. Porém durante o ano, vários romeiros que preferem vivenciar momentos de menor fluxo a fazem individualmente, ou em pequenos grupos, desta forma, expandindo não apenas

¹⁹ As estimativas de público, foram nos dadas pelos Agentes de Pastoral da Sala Informação Romeiro da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores.

este ciclo “oficial”, mas fazendo com que, a dinâmica da romaria e a urbanidade de Juazeiro sofra alterações em sua constituição.

Quando os romeiros estão em Juazeiro do Norte, desenvolvem diversos rituais e performances que são realizadas, desde a preparação da própria viagem, organização financeira e até planos do que será adquirido, dentro dos dias da romaria. Dependendo do local ao qual o romeiro é oriundo, a viagem para ir a Juazeiro pode demorar mais de doze horas de ônibus, ou de outros meios de transporte, nesse caso, quando são de estados nordestinos. Ao chegar a Juazeiro, os romeiros geralmente já se direcionam para a pousada ou “rancho”²⁰ ao qual ficarão hospedados, nos três ou quatro dias, em que geralmente permanecem.

Dentro do período de três a quatro dias, os romeiros visitam Igrejas, assistem missas e fazem caminhadas. Essas idas e vindas são marcadas por fortes momentos de ritualização e expressões da religiosidade, os locais visitados são: A Matriz de Nossa Senhora das Dores (Basílica Santuário) foi a primeira Igreja da cidade e nela, o Padre Cícero iniciou a sua ação pastoral, em 1872 (CARVALHO, 1999), nela se concentra os maiores fluxos de romaria; a Capela do Perpetuo Socorro, onde está sepultado o Padre Cícero e também, a Beata Maria de Araújo; Santuário dos Franciscanos; Santuário do Coração de Jesus; Casa Museu do Padre Cícero, onde faleceu, em 20 de julho de 1934; Memorial Padre Cícero, onde estão expostas muitas peças, roupas e utensílios que pertenceram ao religioso; Casa dos Milagres, onde muitos devotos deixam ex-votos, como forma de agradecimento por graças alcançadas.

²⁰ O “rancho” é uma típica forma de hospedagem tradicional nas romarias de Juazeiro, onde determinadas famílias alugam suas casas para grupos de romeiros se alojarem, durante os dias que permanecem em Juazeiro.

Figura 13 – Principais ruas que dão acesso aos locais de visitação dos romeiros.



Fonte: Google Imagens, 2020.

Um dos pontos turísticos/religioso mais visitado é o Horto, onde está a estátua do Padre Cícero, fica localizado na Serra do Catolé. Nela, o monumento de cerca de 30 metros é uma expressão muito clara da religiosidade. Muitos romeiros sobem seus degraus de joelhos e fazem a caminhada, saindo do centro da cidade, em direção a serra onde está a estátua, percurso que leva em média, uma hora e meia de caminhada. Na estátua, algumas expressões geralmente vistas é que os romeiros, prendem fitinhas como agradecimento de graças alcançadas, assinam o próprio nome na estátua, como forma de registro e pedidos de bênçãos. Ainda no Horto, está o casarão do Padre Cícero (casa de descanso) nela, encontra-se um conjunto de estátuas em cera de vidro que retratam momentos da vida do religioso.

O Horto se insere como um espaço devocional da memória e da crença (BRAGA, 2007), que se interconecta, formando um misto de sentimentos, emoções (PAZ, 2011) e relações que ressignificam o espaço, transformando-o num local sagrado que, mesmo interligado com o profano (DURKHEIM, 2008) não deixa de assumir outra conotação que os romeiros constroem em suas subjetividades, a partir das próprias dinâmicas de relação que são estabelecidas, através das práticas devocionais e das mais diversas performances que são elaboradas no rito e na própria sociabilidade, entre os sujeitos.

Noutros termos, afirmar que dentre os motivos que levaram os romeiros a transformarem o Horto em lugar sacro-merecedor de respeito, veneração, digno do amor que o fiel deve ter às coisas que lhe são santas-estava o fato de que ali, naquele espaço eles conseguiram estabelecer um lugar da memória de suas próprias crenças histórias, experiências e vínculos através dos quais podiam confirmar para si que Juazeiro era de fato um espaço sagrado. Era o locus da salvação no qual Deus tinha colocado um

homem santo e poderoso o Padrinho Cícero- que estava pronto a protegê-lo, socorrê-los, atendê-los em suas necessidades (BRAGA, 2007, p. 345-346).

Do Horto, a cerca de três quilômetros está o “Santo Sepulcro”, local de penitência, onde os antigos beatos faziam suas meditações, orações. Nele se encontram capelas que pertenceram a esses beatos, bem como, as pedras que são conhecidas pelos romeiros como sagradas, por que em suas fendas “devem passar”, para saber se tem pecado em grande quantidade, isso é aferido através do aperto que se sente pelo ato de passar nas fendas. Tanto o Horto, como Santo Sepulcro formam um dos geoparques do Araripe, por neles conterem elementos naturais/culturais que formam o grande complexo do Araripe.

Na realidade o Juazeiro sagrado, desde o seu início se confundiu com suas romarias num sentido muito direto e muito profundo. Um foi e continua sendo parte do outro, constituindo uma existência indivisível. Se romaria é um acontecimento, um fato social total, podemos dizer que assim também o foi e continua sendo o Juazeiro sagrado, transitado e vivenciado pelos romeiros (BRAGA, 2007, p. 337).

As primeiras experiências de campo, iniciaram-se na chamada romaria do Padre Cícero, que ocorre entre os dias quinze a vinte de julho, trata-se de uma romaria que vem aumentando nos últimos tempos, segundo informações do Padre Cícero José da Silva (Administrador da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores). O cume dessa romaria é a missa celebrada no dia 20 às 06 horas, no largo da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde se reúnem milhares de pessoas, geralmente vestidas de preto em sufrágio da alma do Padre Cícero.

Figura 14 – Multidão de romeiros no largo do Socorro, reunidos para a Missa em sufrágio da alma do Padre Cícero



Fonte: Rozélia Costa, 2019.

Nessa romaria, um dos locais mais visitados é o túmulo do Padre Cícero, sobre a lápide, os romeiros colocam garrafas de água, objetos religiosos, roupas, fotografias, documentos, celulares, carteiras, chaves de casa e de veículos, exames médicos, remédios, além de todo tipo de ex-votos, em sinal de graças alcançadas, ou pedidos de milagres. Uma questão que surge como dado importante é que, esse ritual não só é desenvolvido nessa romaria, mas em todas as romarias vivenciadas na cidade. Pude constatar esse dado, em outras observações que serão detalhadas posteriormente. Esse ritual ocorre, tanto em momentos em que está sendo celebrada a missa, como também, quando se termina os ritos da celebração; essas expressões são muito mais constantes nesse momento, onde determinados gestos e expressões são realizados; tanto gestos mínimos como sinal da cruz, alguma reza rápida, ou só o toque na lápide, os chamados “ritemas” (REESINK, 2009).

Esses ritos, desde deixar um objeto ou mesmo o toque, seja na lápide do túmulo do Padre Cícero, na estátua ou nos altares dos santos, é algo que se repete em vários espaços urbanos de Juazeiro do Norte. São performances desenvolvidas que garantem ao devoto uma comunicação direta com o “sagrado”, que na ótica desses, se encontra em Juazeiro do Norte, tendo em vista que, outras expressões também, nos possibilitam tal leitura. São expressões nas quais, os devotos, além de utilizarem indumentárias recorrem a entrar de joelho nas igrejas, caminhar descalços pelo percurso dos santuários e locais que marcaram a vida do Padre Cícero. Uma

questão muito interessante é que, “qualquer” imagem do Padre Cícero exposta numa rua ou comércio, torna-se um ambiente de ritualidade ou prece, para os romeiros.

Desse modo, o Juazeiro sagrado dos romeiros também se viabilizou porque extrapolou um conjunto de práticas exclusivamente religiosas. Constitui-se através das romarias que ali passaram a existir como fato social total e enquanto tal passou a envolver e a mobilizar não só ações relativas à dimensão religiosa da vida social dos romeiros, mas ainda outros tipos de ações referentes à vida econômica, familiar, de lazer, política e cultural desses mesmos romeiros (BRAGA, 2007, p. 337-338).

As outras romarias que ocorrem em Juazeiro, durante o ano, se destacam por outros aspectos. A Romaria de Nossa senhora das Dores, basicamente está em volta a Padroeira da Cidade. Nesta romaria são realizadas procissões, missas, shows culturais que atraem os romeiros as praças e espaços de socialização, além da grande procissão dia 15 de setembro que encerra essa festividade, reunindo um grande quantitativo de romeiros, mas também de Juazeirenses, já que se trata da padroeira da cidade, desse modo, outras instâncias acabam se conectando a esse evento desde repartições públicas a grupos familiares tradicionais de Juazeiro.

A terceira romaria é a de finados, que ocorre entre os dias 29 de outubro e 02 de novembro e se estende por todo o mês. Segundo a equipe que atua na acolhida e orientação na “sala informação romeiro”, da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, essa romaria é a maior que ocorre durante o ano, reunindo milhares de romeiros. O que difere nela é que os romeiros, estão descentralizados da Basílica, ou seja, existe maior abrangência para os outros santuários, espalhando-se por outros lugres com muita intensidade, nestes dias, um dos principais locais é o Santuário de São Francisco, onde grandes momentos celebrativos são realizados, além das visitas que os romeiros fazem a Capela do Socorro, onde está sepultado o Padre Cícero.

A última romaria que concentra grande número de romeiros é a de Nossa Senhoras das Candeias. Trata-se de uma festividade que, segundo a memória local, foi iniciada pelo Padre Cícero. Essa romaria se estende, entre o final do mês de janeiro, encerrando-se no dia dois de fevereiro, que na tradição católica, é a festa de Nossa senhora da Luz. Por isso, que nesse dia, a grande procissão que ocorre em Juazeiro é marcada pela utilização de velas, candeieiros e lamparinas acesas que iluminam as ruas da cidade, numa grande procissão iluminada, fazendo com que, essa marca fique registrada como uma das mais belas romarias no calendário de Juazeiro, tendo em vista não apenas o fluxo de romeiros, mas todo esse fenômeno imagético ocasionado pelas luzes.

As romarias menores, que são: romaria de São Sebastião, natal e semana santa não são tão expressivas, do ponto de vista da participação, porém os ritos desenvolvidos pelos romeiros se assemelham das demais, fazendo com que, essa dinâmica se estenda durante o ano. Desta forma, Juazeiro torna-se um santuário em sua totalidade, ou seja, a cidade assume essa característica religiosa, tanto pelo fluxo de romeiros, como dos rituais que são desenvolvidos em diversos locais, transcendendo os espaços físicos das igrejas e santuários, possibilitando que outras perspectivas para com a sagrado sejam desenvolvidas, essas iremos abordar mais a frente e são elas, que norteiam tanto a sua particularidade, como nos garante analisar o nosso problema de pesquisa.

Como descrito no quadro sinótico, existem uma grande diversidade de romarias, tanto no calendário oficial da Igreja, a partir de suas solenidades e festas litúrgicas, como outras que se constituíram ao longo do tempo. Provavelmente pode ser resultado do crescimento das romarias ou, ao mesmo tempo, das possibilidades de se fazer a peregrinação, seja pelo acesso a transporte ou outros meios. Destas romarias, a que mais nos detemos na descrição são, as romarias da morte do Padre Cícero, no mês de julho; Nossa Senhoras Dores, em setembro e a romaria das Candeias, em fevereiro, mas antes vamos tratar de falar sobre os romeiros.

3.2 OS ROMEIROS DO PADRE CÍCERO/QUEM SÃO?

Os romeiros são pessoas que vão a Juazeiro advindas de diferentes realidades sociais. Os interlocutores ouvidos nessa pesquisa, em sua maioria, oriundos de contextos rurais como agricultores, aposentados, entre outros, residentes em sítios/comunidades dos mais diversos recantos e cidades do semiárido nordestino, em sua maioria alagoanos, pernambucanos, paraibanos, sergipanos e dos demais estados do Nordeste e, em menores quantidades de outras regiões do Brasil²¹.

O público romeiro, pelas experiências já observadas, é uma categoria de pessoas muito propícia a fala e a afetar um contexto com suas socializações e performances, eles estão em constante diálogo com o espaço, com o divino e com as outras pessoas, que caminham juntas. Uma de suas características marcantes é que sempre estão em grupos, a desenvolver seus rituais e por isso, as observações foram realizadas em contextos grupais²², ou seja, estivemos sempre

²¹ Informações obtidas através da pastoral de romaria e da sala de informação para romeiros, onde os grupos podem registrar sua romaria na Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, do Juazeiro do Norte-CE.

²² Uma característica é que esses grupos de romeiros são constituídos por pessoas advindas de uma mesma comunidade ou grupo familiar/parentesco, o que favorece a caminhada em grupos pelos lugares de visita/peregrinação.

em contato com grupos de romeiros, alguns poucos casos, o fizemos individualmente, geralmente com suas lideranças.

Um desses exemplos é do Sr. Eloy (78 anos) funcionário público aposentado, da cidade de Monte Alegre de Sergipe. Conduz os romeiros a muitos anos como fretante²³ de romaria, organiza grupos nas principais romarias e, ao mesmo tempo, faz todos os trajetos pelos locais de visitação, conduzindo seu grupo que, geralmente contabiliza em torno de 30 pessoas, além de guiar seu grupo, ele também, torna-se uma espécie de “ministro dos rituais”.²⁴ Nesses momentos de visitação aos santuários e espaços específicos da romaria, como também, no próprio espaçao da pousada ou rancho²⁵, onde o seu grupo fica instalado durante o período da romaria, ele dá as orientações de como proceder nos diversos locais da ritualidade que são marcantes na experiência de f  dessas pessoas.

Assim sendo, as experiências que grupos como o de seu Eloy desenvolvem, são fundamentais para a constru o da discussão antropológica. São esses que protagonizam os espaços e aos poucos v o traçando mapas que, ao serem compartilhados com os seus pares, passam a promover a “sacraliza o dos caminhos” que são traçados. Mais   frente, iremos detalhar que experiências são desenvolvidas por esses romeiros, em contato tanto com os lugares de visitação, como com os outros romeiros em constante ritualiza o.

Dona Lúcia Cabral   outra interlocutora que tivemos contato na romaria da morte do Padre Cícero (19/07/2018), aposentada, 65 anos, oriunda da cidade de Maceió no estado de Alagoas, acredita ter recebido do próprio marido, Francisco Cabral (falecido) a missão de continuar a romaria, seu esposo foi fundador de uma associa o de romeiros, a qual hoje   presidida por sua esposa. A missão dessa associa o   promover a organiza o de romarias de forma parcelada e ao mesmo tempo, algumas assistências para romeiros associados de situa o social vulnerável. A mesma, além de organizar grupos de romarias, também   uma romeira que peregrina a Juazeiro nas diversas romarias durante o ano. A continua o desse trabalho, ela justifica, que se deve, por ter recebido a “graça” da aposentadoria de seu falecido esposo.

Jacivânia Rocha Gomes, 41 anos, moradora da cidade de União dos Palmares- AL, funcionária da Prefeitura Municipal de sua cidade, já fez mais de 90 romarias. Como fretante já tem mais de 20 anos, porém seu diferencial   que destas romarias s  organiza duas por ano, geralmente em janeiro e julho. Em outras romarias, Jacivânia prefere ir com outros grupos, vem

²³ Uma espécie de coordenador de romaria, o termo remete a frete ou freteiro.

²⁴ Utilizamos essa terminologia para especificar a importância do interlocutor no processo ritual do grupo durante os dias da romaria e na condu o do mesmo.

²⁵ Espécie de pousada r stica, geralmente casas ou grandes galpões compostos de quarto e alpendre para dispor as redes para dormir.

de uma família de romeiros, tradição que segundo ela vem desde o seu avô que teve a oportunidade de conhecer o Padre Cícero ainda vivo, em épocas que a romaria era feita a pé ou a cavalo. Jacivânia nos apresentou que, sua vida é marcada profundamente por essa dinâmica, não apenas pela tradição, mas por, ao longo do tempo, ter desenvolvido uma relação muito mais particular com Juazeiro do Norte, ao ponto de seu filho ter sido batizado na Basílica de Juazeiro, tendo o Padre da igreja como padrinho da criança.

Almir Cícero de Oliveira Freitas, 24 anos, morador da Zona Rural do Município de Surubim-PE trabalha como agente administrativo e cursa letras. Apesar da pouca idade tem uma forte experiência como romeiro, contabilizando mais de 37 romarias, advindo de família hegemonicamente romeira, afirmou que, desde pequeno, vai a Juazeiro com seus parentes, mas só a partir dos 18 anos foi que entendeu a missão de ser romeiro. Mesmo sendo um jovem, carrega uma forte tradição romeira, através de conhecimentos de rezas, histórias e benditos²⁶ antigos das romarias que lhes foram ensinados por seus familiares mais antigos, segundo ele seus antepassados conheceram um beato ligado ao Padre Cícero, do qual, herdaram essa devoção e tradição religiosa. Nosso contato com Almir foi na romaria de Nossa Senhora das Dores de 2018.

Maria das Dores, conhecida como Dona Dôra, 60 anos, agricultora aposentada, moradora da Zona Rural de Casinhas-PE; fretante de romaria, organiza dois ônibus para a romaria; a mais de 25 anos vem organizando esses grupos para ir a Juazeiro. Desde os 05 anos de idade que vai a Juazeiro, segundo ela, não sabe informar quantas vezes já fez essa viagem, geralmente vai mais de uma vez por ano, porém como fretante só em setembro, na romaria de Nossa Senhora das Dores. Tivemos um forte contato com Dona Dôra, durante essa romaria (2018), a fretante se destaca em seu grupo pela a articulação e liderança, sendo uma pessoa muito respeitada por todos, tendo em vista que, detém o conhecimento prático e ritual.

Sr. Otávio Silva, 66 anos, aposentado da cidade de Aracajú-SE é um dos romeiros que difere dos demais, no quesito religião. Ele se auto afirma espiritualista católico, por ter uma forte formação e influência espírita, mas que encontra em Juazeiro, uma dinâmica religiosa que segundo ele, faz muito bem a sua pessoa. O encontro com as pessoas de diversos lugares, a troca de experiências possibilita que a fé que não está no local físico, mas nas pessoas, seja transmitida, por isso que anualmente repete a romaria.

²⁶ Os benditos são letras repetitivas com melodias piedosas, geralmente “puxado” pelo “tirador” e repetido por todo o grupo durante a ritualidade num determinado santuário ou mesmo, no carro dos romeiros. Geralmente o bendito conta uma narrativa, um milagre, súplica, acontecimento “fantástico” ou um mito sobre um santo ou passagem bíblica, ressignificada muitas vezes, ao contexto dos devotos.

Sr. Sebastião, 74 anos, Dona Rosélia, 60 anos, agricultora, os dois são casados e tem 12 filhos. São oriundos de Casinhas-PE, seu Sebastião é muito conhecido em sua região por ser rezador²⁷, o mesmo detém um grande conhecimento de rezas que curam doenças, mal olhados e outros problemas mais, segundo o interlocutor seus serviços de cura são feitos gratuitamente em sua localidade, todos os anos vem a Juazeiro com sua esposa, por acreditar que nesse lugar existe um “mistério” sagrado. Nosso contato com o casal se deu na subida do Horto, em direção a Estátua do Padre Cícero, fizemos a caminhada que dura em torno de uma hora e meia conversando acerca de suas experiências, tanto como rezador, como sendo romeiros. Que na visão do mesmo não diverge tão claramente, já que na sua prática ritual estar em Juazeiro faz parte de sua identidade.

Elisandra de Almeida Santos (Sandra), 46 anos, funcionária pública da cidade de Monte de Alegre de Sergipe, desde pequena tinha desejo de conhecer o Juazeiro, conseguiu quando já estava casada. Hoje já tem várias romarias realizadas com sua família e amigos. Ela faz parte do grupo de romeiros do seu Eloy e nos afirma que, nunca pretende deixar de fazer a romaria. Para a mesma, estar em Juazeiro é o mesmo que “estar no Céu” e sua principal motivação para fazer esse ritual é estar perto de Nossa Senhora e do Padre Cícero.

3.3 LOCAIS SAGRADOS E PRÁTICAS DEVOCIONAIS

Neste tópico apresentaremos os principais pontos de visitação e ritual dos romeiros, sua localização, características e ritos que são desenvolvidos nestes locais. Após isto, analisaremos os atos devocionais que são desenvolvidos nesses espaços e seus impactos na vida prática dessas pessoas, que peregrinam a Juazeiro nas romarias.

²⁷ Uma espécie de curandeiro que se utiliza das rezas para cura de enfermidades, mal olhados e outras mazelas.

Figura 16 – Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores



Fonte: Google imagens, 2019.

As Casas do Padre Cícero que estão localizadas na Rua São José, cada uma tem uma marca histórica e simbólica, a primeira trata-se de um casarão que hoje, funciona de lar para idosos e é bastante frequentada, nela os romeiros deixam donativos e visitam os que lá residem. A segunda residência é a mais frequentada é onde está a cama que, segundo a tradição, faleceu o Padre Cícero, além de outros objetos que pertenceram ao religioso. Sobre esta cama os romeiros depositam objetos, remédios, exames, garrafas de água para serem abençoadas. Neste imóvel faleceu o Padre Cícero em 20 de julho de 1934. O que se percebe é que a reverência dos devotos a este local, ressignifica o espaço, transformando-o numa espécie de santuário.

Figuras 17 e 18 – Lar de idosos que já foi residência do Padre Cícero à esquerda e residência onde faleceu o Padre Cícero à direita



Fonte: Google imagens, 2020.

A Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, construída em 1908, por uma devota do Padre Cícero, está localizada no Bairro do Socorro, em Juazeiro. Nesta Capela, estão sepultados o Padre Cícero, sua mãe e sua irmã, bem como, a beata do milagre, Maria de Araújo. O foco nesta capela, está no túmulo do Padre Cícero, o qual fica diante do altar da igreja, que não se trata de um templo suntuoso, porém o que sobressai são os rituais de toque na lápide do túmulo do religioso. Os devotos, além de depositarem ex-votos como forma de agradecimento, depositam fotos, bilhetes com pedidos, garrafas de água, imagens, terços, documentos e outros itens, e para os romeiros estão abençoados por estarem em contato com o túmulo do Padre. É importante ressaltar também, que esta capela está junto ao principal cemitério da cidade.

Figura 19 – Capela do Socorro onde está sepultado o Padre Cícero



Fonte: Google imagens, 2020.

A Igreja dos Salesianos (Santuário do Sagrado Coração), ou como é mais conhecida “Igreja do Coração de Jesus”, fica localizada no bairro dos Salesianos em frente à Escola Salesiana. Um dos templos mais suntuosos de Juazeiro, ultrapassando o tamanho da Basílica Santuário. A grande maioria dos romeiros visitam esta igreja, em passagem. Como os romeiros têm as visitas programadas e o dia específico para ir a estas igrejas e fazerem suas orações, visitar os vários altares dos santos que compõem este templo, a pia batismal onde os romeiros circulam três vezes e se benzem com água benta.

Figura 20 – Igreja dos Salesianos de Juazeiro (Coração de Jesus)



Fonte: Google imagens, 2020.

A Igreja de São Francisco das Chagas (Santuário de São Francisco), fica localizada no Bairro dos Franciscanos, compondo um complexo de convento, praça e igreja. No centro da praça está um enorme pedestal com a imagem do santo, todos os transportes de romeiros que adentram a praça, fazem três voltas ao redor do pedestal, buzinando os veículos. Segundo Jacivânia, romeira de Alagoas, essa tradição é uma forma de pedir a benção para o carro e os romeiros. Neste espaço são realizados alguns rituais como orações, visita a fonte onde as pessoas tocam na água benta para “se benzer” ou encher garrafas, para levarem aos familiares, além de visitas aos vários altares que este templo possui, em sua constituição.

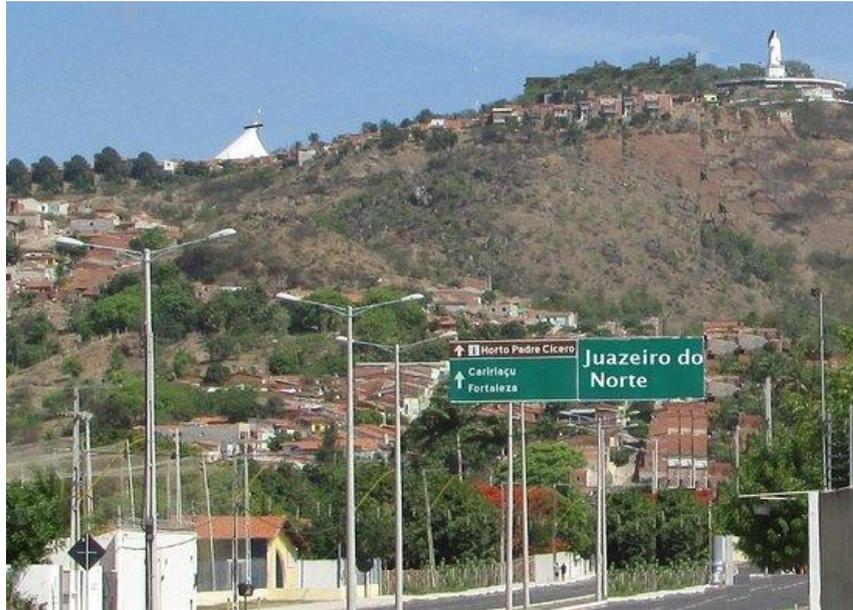
Figura 21 – Igreja dos Franciscanos de Juazeiro (São Francisco)



Fonte: Google imagens, 2020.

O caminho do Horto ou Rua do Horto: é uma das vias de acesso a estátua do Padre Cícero, na Serra do Catolé. Nesta rua, observamos os cruzeiros, as estações da via sacra que compõem essa subida. Muitos romeiros sobem a pé, está ladeira, de aproximadamente 3 km, observamos também, muitos pedintes, cantadores de viola e vendedores de objetos religiosos como terços, rosários e fitinhas, além de água e comida para os romeiros que sobem em horários muito matinais. Alguns romeiros sobem com pedras na cabeça, deixam pedras nas estações da via sacra, como marca de que passaram por aquele local ou cruzeiro, uma das paradas obrigatórias é na pedra do joelho, na qual as pessoas colocam o joelho ou deitam-se por cima, afim de receberem a saúde do corpo. Na mitologia deles, nessa pedra nossa senhora teria colocado seu joelho.

Figura 22 – Caminho do Horto do Padre Cícero



Fonte: Google imagens, 2020.

O Horto é composto pela estátua do Padre Cícero (monumento de mais de 28 metros de altura) casarão do Horto, que pertenceu ao sacerdote e tornou-se um local sagrado, onde se tem um museu de imagens de cera de vidro que representam momentos da vida do Padre. Neste casarão, os romeiros, além de visitar este museu, também podem deixar ex-votos e tomarem água das jarras que foram do Padre Cícero. Além desses pontos de visitação, existe a constru o da nova Igreja do Horto (Igreja do Bom Jesus do Horto) que tem se tornado nos últimos anos um local muito visitado nas romarias. Ao redor desses espaços, uma forte comercializa o dos mais variados objetos se faz presente em lojas e camelôs, locais muito apreciados pelos romeiros para adquirirem suas “lembranças”.

Figura 23 – Horto do Padre Cícero



Fonte: Portal Badalo, 2020.

O Santo Sepulcro está localizado num espaço árido, com muitas formações rochosas, aproximadamente a 3 km da estátua do Padre Cícero, em caminho a dentro da Caatinga. Trata-se de um local onde existem algumas capelas que pertenceram a uns antigos beatos que se penitenciavam nesse local. Atualmente, é muito visitado, pois nesse espaço ritual está a “pedra do pecado”, onde se conserva uma crença de quem não conseguir passar entre as pedras, carrega consigo, grande quantidade de pecados. Numa mitologia mais antiga, acredita-se que esse local era o lugar onde o Cristo foi sepultado e ressuscitou. Nesse local, existe uma forte comercialização de remédios caseiros, raízes, garrafas e plantas medicinais.

Figuras 24 e 25 – Pedras e Capelas do Santo Sepulcro



Fonte: Portal A12.com, 2020.

A partir da experiência adquirida em outros momentos e mais especificamente nesta pesquisa, é possível afirmar que, as práticas devocionais dos romeiros podem ser concebidas como uma ferramenta de comunicação com o sagrado. Quando falamos de comunicação, nesse âmbito do estudo da religião, especificamente no contexto do fenômeno de Juazeiro do Norte, estamos tratando de todas as expressões que por ventura, sejam identificáveis neste contexto. São elas: indumentárias, ex-votos, procissões, rezas, benditos e penitências ou na socialização que permeia esses momentos, ou até mesmo com outras formas que talvez, ainda não estejam circunscritas dentro do contexto ritual.

No quadro abaixo, especificamos a programação diária dos romeiros, não se trata de uma regra, porém nossas experiências basicamente encontraram esse modelo ou aproximado, dos dias de romaria e as atividades desenvolvidas.

Quadro 2 – Programação Diária dos Romeiros

	1º Dia	2º Dia	3º Dia	4º Dia
Manhã	Ao chegar em Juazeiro, hospedagem e visita a Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, pagamentos de promessas	Visita ao Horto, Santo Sepulcro e Igrejas do Coração de Jesus e a de São Francisco.	Após o café, visitas a Capela do Socorro (túmulo do Padre Cícero), e as casas do Padre.	Café da manhã e compras das “lembranças”, ou seja, todas as materialidades que serão levadas de Juazeiro para uso pessoal ou para seus familiares e amigos. A compra geralmente é feita nos comércios em torno dos santuários ou pelas ruas da Matriz, São José e São Pedro, além do Mercado Central.
Tarde	Almoço na hospedagem e descanso da viagem.	Almoço, descanso.	Almoço, descanso	Após o almoço preparação da bagagem e transporte para o ônibus ou outro veículo.
Noite	Participação da missa e confissão, passeio pelas ruas ou praças.	Missa na Basílica Santuário ou passeio pela praça do romeiro.	Missa na Basílica Santuário ou descanso na hospedagem.	Missa de despedida e viagem de volta para casa.

Fonte: Elaboração do autor.

Se concebemos a romaria como um ritual é necessário a descrição de suas práticas mais comuns que foram observadas, essas práticas por sua vez só fazem sentido à medida que, a compreendemos também, dentro dos locais e espaços do ritual dos romeiros. Portanto, a partir disso, apontar alguns questionamentos que são pertinentes a formação da ideia central de pesquisa e que mais importa a antropologia e precisamente a antropologia da religião. Roberto Cardoso de Oliveira (2006) chama atenção sobre essa escrita que, se torna um “processo de textualização das observações etnográficas” (OLIVEIRA, 2006, p. 64). Nada mais do que “Deve estar atento para o comportamento e com exatidão, pois é através do fluxo do comportamento- ou mais precisamente da ação social que, as formas culturais encontram articulação” (GEERTZ, 2008, p. 12).

É inegável que as temáticas de estudo sobre Juazeiro do Norte e seus fenômenos religiosos já foram bastante analisados pelas ciências sociais. Porém, aqui fazemos um esforço mais concentrado em outros âmbitos, percebendo que o movimento tem outras vertentes nas quais, a religião ou religiosidade não estão dissociadas. No entanto, é preciso ainda mais, identificar os agentes e o que eles desenvolvem nesse processo de elaboração de todo o contexto

que nos foi apresentado. Todos os pesquisadores e memorialistas entrevistados, entre eles, Renato Casimiro;²⁸ Renato Dantas;²⁹ Maria do Carmo Pagan Forti³⁰ e Annette Dumoulin³¹ foram unânimes em afirmar que os principais agentes nesse processo, são os romeiros e neles, mantivemos o foco das observações, em todas as ações protagonizadas por eles, durante a romaria.

Para Dumoulin, em entrevista concedida “ Os romeiros são os principais protagonistas para aceitação das romarias pela Igreja Institucional, o que ela chama de “teimosia”³² por parte desses, que muitas vezes, foram incompreendidos pela Igreja e diante disso, graças a tal “fidelidade”, eles estão numa profunda comunhão com o local, a entrevistada chama de “espaço vivido”. Essa dimensão transforma o local, fornecendo elementos para pensar esse ambiente sagrado, pela presença do Padre Cícero e pela agência desses romeiros.

Em um artigo escrito pela entrevistada ela define melhor de que se trata esse espaço, o qual não é objetivo, mas subjetivo, algo da esfera da psicologia.

No dia a dia, nossa casa é a espacialidade vivida como “centro” de nosso mundo. Na hora da romaria, o peregrino deixa seu centro de referência costumeiro e caminha em direção a outro centro, onde ele projeta valores, desejos, sonhos que motivam a sua peregrinação na terra. Contrariamente ao que alguns pensam, a romaria não é fuga da realidade diária, mas procura de sentidos, reabastecimento da esperança para viver melhor esta realidade (DUMOULIN; GUIMARÃES, 2009, p. 10).

A etnografia foi aos poucos mostrando que, diferentemente de outros santuários, como o Morro da Conceição em Recife, São Severino dos Ramos em Paudalho- PE, Juazeiro do Norte é um caso específico. O que existem, são vários lugares que formam o conjunto de Igrejas com visitas constantes nos períodos de romaria, porém a cidade toda, assume essa característica de santuário e fica sendo conhecida nos diversos cenários como uma cidade diferenciada das demais de sua região³³.

²⁸ Pesquisador juazeirense da história e da cultura de Juazeiro do Norte.

²⁹ Professor, pesquisador e memorialista de Juazeiro do Norte.

³⁰ Pesquisadora da vida da Beata Maria de Araújo, psicóloga, mestra em ciências da religião, doutora em filosofia da religião.

³¹ Pesquisadora da vida do Padre Cícero e dos romeiros, formada no âmbito da educação, mestrado e doutorado na psicologia da religião e líder da pastoral de romaria de Juazeiro do Norte.

³² Por muitos anos o movimento religioso de Juazeiro não foi tão bem aceito pela Igreja católica, mesmo tratando-se de um fenômeno dentro também de suas paredes. Foi a persistência dos devotos que garantiu o crescimento e favoreceu a criatividade do ritual e a liberdade com a qual foi se constituindo.

³³ No Cariri cearense, Juazeiro do Norte se destaca por vários aspectos a nível nacional, primeiro pela figura mística e histórica do Padre Cícero e de suas romarias e por outro lado, pelo fator econômico, sendo nessa região o centro comercial e universitário mais importante.

O primeiro lugar de visitação dos romeiros em Juazeiro do Norte é a Basílica Menor Santuário de Nossa Senhora das Dores³⁴. Para lá, convergem os romeiros quando chegam na cidade, trata-se da Igreja Matriz da cidade, onde todo o fenômeno religioso deu início, desde a chegada e ação pastoral do Padre Cícero até o milagre da hóstia de 1889 (DELA CAVA, 1976). Nesta Igreja, está concentrado um dos maiores fluxos da romaria com maior quantitativo de eventos que abrangem o calendário anual das romarias. Para Gilmar de Carvalho (1998) a igreja matriz é “geradora de sentidos” por isso, ela é o local de onde partem todos os processos e onde estão concentrados o maior fluxo de romeiros, além de sua proximidade aos principais locais da vida do Padre Cícero, como sua casa e a Capela do Socorro onde está sepultado.

Matriz que é uma das mais importantes referências espaciais de todas as cidades e que, no caso de Juazeiro do Norte, assume uma conotação ainda mais forte, a partir do sentido etimológico de geradora de sentidos e articuladora, como mãe, dessa rede de significações (CARVALHO, 1998, p. 95)

Segundo o reitor desta igreja o Padre Cícero José da Silva, o diferencial da Basílica está por “Ela ser a primeira igreja da cidade, “é a paróquia dos romeiros, maior estrutura de acolhimento e serviços que os romeiros procuram, desde as missas e a organização das grandes romarias, fazemos um trabalho que os romeiros encontrem aqui, uma extensão de suas casas”.

Analisando que a cidade assume essa característica de santuário, não é um fato novo que a casa do Padre Cícero, onde viveu seus últimos dias, também tem a característica de santuário. Além desse imóvel, existe também a residência (sobrado) que foi construída pelo religioso para servir de Palácio Episcopal para a nova Diocese no Cariri (1914) (NETO, 2009) o que não aconteceu por vontade do Bispo de Fortaleza Dom Joaquim. Essa mesma residência depois foi transformada em abrigo para idosos. Ambas as residências, estão localizadas na Rua São José que na constituição urbana da cidade é uma das principais ruas (CARVALHO, 1998) históricas de Juazeiro.

Segundo seu Eloy (2019) essas casas são sagradas, “locais de respeito” pois nelas viveu o “padrinho” Cícero e para ele, são locais muito importantes a serem visitados, ambientes para fazer e pagar promessas. O mesmo relatou que em um certo momento de sua vida, fez uma promessa para passar uma noite inteira na “casa dos velhos”. Na oportunidade, alguns fenômenos aconteceram durante a noite, fenômenos que ele não quis relatar, mas que o marcaram profundamente e que guarda esse segredo com muito zelo. Interessante que muitos

³⁴ Basílica é um título dado pelo Vaticano a igrejas influentes que recebem grandes número de visitantes ou peregrinos, além de sua importância histórica e religiosa.

dos fenômenos que ocorrem com seu Eloy, o mesmo se recusa a nos explicar, para ele são segredos que devem ser guardados, geralmente são mensagens que ele recebe sobre sua vida e os seus.

Na casa onde o Padre Cícero faleceu, os romeiros deixam ex-votos, especialmente na cama, em que o padre morreu, se ajoelham, rezam, cantam benditos e fazem preces, deixam flores e pedidos, cartas, fotografias e assim por diante. A visita a este imóvel é tecida e regida por fortes momentos de religiosidade, ali viveu e morreu o “santo milagreiro”. Em várias ocasiões encontramos muitos grupos ajoelhados ao redor desta cama, fazendo suas orações. Tocar aquela cama é tocar a “graça” em si, ali dormia um santo divino, mas muito próximo a realidade daquelas pessoas. O que acontece ali é o contágio pelo sagrado, através de uma relação metonímica. Para Geertz (2008) “Num ritual o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se sob mediação de um único conjunto de formas simbólicas, tornando-se um mundo único e produzindo aquela transformação idiossincrática no sentido da realidade” (GEERTZ, 2008, p. 82).

Figura 26 – Romeiros rezando ao redor da cama que “pertenceu” ao Padre Cícero



Fonte: Fagner Andrade 2020.

Desde a casa do Padre Cícero até o cemitério do Socorro, onde encontra-se a Capela dedicada à Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (local onde está sepultado o Padre Cícero) observamos que, o culto a pessoa do Padre Cícero se intensifica. Esse crescimento de manifestações direcionadas a devoção ao padre, ocorre à medida que, tanto as residências da Rua São José pertencentes ao mesmo, como o memorial que guardam vários objetos ligados a vida do sacerdote, vão marcando o roteiro da fé. Consideramos esse trecho urbano como detentor do culto ao Padre Cícero, especialmente uma devoção ao Padre Cícero mesmo morto,

mas presente no mundo dos vivos (NASCIMENTO JÚNIOR, 2017). Geralmente isso se dá pelo toque, que constitui uma relação metonímica, através do contágio.

Figura 27 – Romeiros em ritual diante do túmulo do Padre Cícero



Fonte: Fagner Andrade, 2019.

Nesse lugar, diversas manifestações como as que já foram citadas se repetem, nesse ambiente o que se sobressai como local de grande ritualização é o túmulo do sacerdote, nele os fiéis depositam seus ex-votos e tantos outros objetos, como também água, imagem de santos, chaveiros, exames médicos, dinheiro, cartas, flores. O que se repete aqui especificamente, e que é visto na cama do sacerdote, são os rituais que se configuram entre depositar os objetos e tocar o local, com reverência e em prece. Esses rituais se aproximam a uma maneira de captação de energia, benção ou o que os romeiros definem como “graça” (DUMOULIN e GUIMARÃES, 2009), a intervenção do sobrenatural no natural (REESINK, 2005).

Neste mesmo cenário, ao qual podemos chamar “complexo do Socorro”³⁵ está dentro do cemitério, o túmulo do Beato Zé Lourenço³⁶ e o do Beato Roque Pinto³⁷. Esses dois beatos compunham o grupo de pessoas que auxiliavam o Padre Cícero nos seus trabalhos pastorais e nas diversas comunidades, bem como nos serviços dentro das igrejas, como já citado no capítulo

³⁵ Conjunto que compõem o largo do Socorro, onde acontecem grandes celebrações nas romarias de maior fluxo, Capela do Socorro, onde está sepultado o Padre Cícero Romão Batista, e o Cemitério do Socorro, onde estão enterrados muitos dos beatos do Juazeiro.

³⁶ O Beato José Lourenço (Zé Lourenço) foi responsável por uma comunidade conhecida como Caldeirão do Beato, que foi organizada por ele, em terras doadas pelo Padre Cícero. A comunidade ficou conhecida por ter tido um regime quase que socialista e ter sido destruída pelas forças políticas nacionais.

³⁷ O beato Roque Pinto era responsável pela Capela do Socorro e por seu cemitério.

anterior. Percebemos que mesmo com grande efervescência e manifestações humanas a relação dos vivos com os mortos (NASCIMENTO JÚNIOR, 2017) são incorporados, essas figuras tornam-se por sua vez, “seres fantásticos”, que compõem, não só o próprio cenário com suas marcas, mas seres dignos de sacralidade.

Nesse tópico gostaria de frisar uma espécie de culto aos mortos, ou mesmo sacralização do túmulo do beato Roque Pinto. Para o Sr. Eloy, esse túmulo, “guarda alguns segredos”, segundo ele, é possível receber “mensagens” ou respostas para questões do cotidiano que necessitam ser resolvidas, ou mesmo “projeções” de futuro. Essas mensagens, vem em forma de visões que aparecem na Capela do túmulo do Beato. Essas manifestações são muito apreciadas pelo sr. Eloy e seu grupo, o que se nota é que faz-se necessário uma espécie de comunicação ou prece com os mortos, nesses ambientes, primeiro pela própria “realidade” do Padre Cícero ter “se mudado”³⁸ e não falecido e segundo, porque seus contemporâneos e pessoas próximas a ele fazem parte de um “mundo mítico”.

Basta recordar os benditos, cordéis/folhetos que retratam a vida do religioso e seu parentesco (CARVALHO, 1998), as histórias narradas sobre o nascimento do Padre Cícero, como algo fantástico e fora do comum. Para muitos, Cícero Romão Batista é a própria personificação do Cristo, portanto tudo que se atrele a sua pessoa, desde pessoas próximas ou parentes, são incorporados ao mundo ritual dos romeiros. Os beatos, a mãe do padre e outros estão inseridos no contexto ritual, porém a pessoa da qual os romeiros mantêm uma relação com sua situação fúnebre é o Padre Cícero. No seu túmulo as coisas são depositadas e as preces e pedidos realizados. Sobre relação com os mortos, através da prece Mísia Reesink (2009) explica:

Segue-se que a prece é o meio de comunicação entre os vivos e seus entes queridos: ela é a constituída como o canal para que as pessoas- os vivos- possam continuar estabelecendo uma relação com os mortos, relação essa que é antes de tudo, afetiva. Assim, reza-se para reafirmar tal afeição, para dizer que não se esquece, que o amor subsiste ainda. (REESINK, 2009, p. 50).

Mesmo que a colocação da autora esteja tratando especificamente de outra realidade, diferentemente da relação com o santo, como é o caso dos romeiros de Juazeiro. Desta forma, a ideia sobre prece, elabora por Reesink (2009) é pertinente no sentido da compreensão de todo o processo que se estabelece, ou seja, através da analogia dos dois contextos, encontramos pontos em comum, principalmente no que tange o ato de se fazer uma

³⁸ Para muitos antigos romeiros e beatos o Padre Cícero, não morreu, mas “mudou-se”. Esse termo é utilizado a fim de tratar a morte do religioso como algo fora do comum.

prece a um santo que mesmo não sendo considerado um morto comum, ele está no universo que compreende também a estes, o plano divino.

Tanto Elisandra, romeira integrante do grupo de sr. Eloy, como tantos outros romeiros de grupos distintos, que tivemos a oportunidade de observar, repetem anualmente rituais como este. Voltar a estes lugares e fazer a prece é a possibilidade de reafirmar tal vínculo e pertença, ou mesmo a afeição, (REESINK, 2009) uma relação de proximidade com o lugar e com tudo que ele o representa, no plano subjetivo da religiosidade e na espacialidade mística. Elisandra afirma que “Não é um passeio comum, o que vivo aqui é um retiro espiritual, fico mais forte para aguentar o resto do ano”.

Hoje, as igrejas mais visitadas pelos romeiros em Juazeiro de Norte, receberam o título de santuário devido, o grande fluxo de visitas, porém esse processo se deu, a partir da própria dinâmica do romeiro e por sua forte ritualidade. Além desses, outros que não estão no “mapeamento oficial da Igreja”, mas no roteiro dos próprios romeiros, formou um grande mapa mental em que, se estabeleceu os lugares específicos e ao longo de seus caminhos, outros ambientes se formaram e entraram neste “mapa do ritual e do sagrado”. Além das residências do Padre Cícero e da própria Capela do Socorro, temos o Horto e Santo Sepulcro que formulam um conjunto de lugares (PAZ, 2011) não santuários, mas considerados tanto quanto, pelos romeiros.

O conjunto formado pelo Horto e Santo Sepulcro compõem um espaço repleto de uma memória religiosa popular, onde a presença do padrinho é sentida fortemente, Ali, o espaço de identificação e ambiência entre o padrinho e seus devotos é patente. Nele, talvez mais do que em qualquer outro ponto de Juazeiro, a intervenção de poderes civis e eclesiásticos é acessória na medida em que, estejam eles presentes ou não, a fé romeira continua a se manifestar e se reafirmar (PAZ, 2011, p. 203).

Nesses caminhos e subidas, encontramos cruzeiros, pedras, pequenas capelas, além de cantadores e rezadores e pedintes que, ao longo dessa subida compõem não apenas o cenário, mas fazem parte efetiva dessa espacialidade sagrada romeira (CARVALHO. 1998).

Um dos pontos de parada obrigatória da caminhada e subida da Basílica de Nossa Senhora das Dores até o Horto é a pedra do joelho. Em setembro de 2018 com romeiros de Pernambuco fizemos essa caminhada que totaliza uma subida de aproximadamente dois a três quilômetros, quem nos ajudou nessa experiência foi o Sr. Sebastião (74 anos, agricultor) e sua esposa Dona Rosélia (60 anos, agricultora).

O casal, advindo da cidade de Casinhas- PE, relatou a importância dessa subida a pé, segundo eles “esse lugar é santo” “quando chego aqui é o maior prazer na vida, nem lembro de casa, o padre Cícero é um santo, por causa dos milagres que ele fez e faz”. Para eles, a cidade deles é um lugar amaldiçoado, pois o Frei Damião³⁹ não abençoou o lugar. Eles alegam isso, utilizando do discurso que muitos de seus conterrâneos não vêm a Juazeiro do Norte e os que vem não fazem a subida a pé que, para eles, é muito importante. É interessante que muitos sertanejos se utilizam de uma associação entre muitos personagens que no contexto religioso são importantes para fundamentar suas experiências e devoções, além de contextualizar suas dinâmicas de ritualidade, crença e mesmo, cosmologia.

Tanto o Sr. Sebastião, como sua esposa Dona Rosélia são analfabetos. Residem na zona rural de Casinhas-PE, compõem uma família extensa com 12 filhos. Para eles, esse retorno anual a Juazeiro se constitui um momento intenso de reforçar suas crenças e voltar as raízes de suas socializações. Sr. Sebastião informou que é “rezador”⁴⁰ e não cobra por seu “benefício” de curar as pessoas. A parada nos pontos que encontramos os rezadores na subida ao Horto, faz-se necessário, como o foi na pedra do joelho. O casal informou que a aquela pedra é sagrada, pois “Nossa Senhora tocou aquela pedra, por isso temos que subir a pé e cumprir essa missão, essa devoção todos os anos” e por isso, sua crença nas “graças” que emanam dela, diante disso, processos de reciprocidade (REESINK, 2005) são estabelecidos por isso, o retorno anual e cumprimento da subida a pé.

Ao chegar a pedra ofertam uma espécie de esmola a uma rezadeira para fazer a prece por eles, que tocam a pedra, colocam o joelho, e as costas para receberem a graça da saúde nesses e outros membros do corpo. Essa prática que é uma espécie de benzedura é muito comum nas regiões do interior, ainda hoje, associadas a promessas e outras práticas devocionais (PAZ, 2011). Essa prática é comum entre muitos grupos e assim, o foi constatado, tanto com sr. Sebastião e dona Rosélia de Pernambuco (2018), como com sr. Eloy de Sergipe e seu grupo de romeiros.

Podemos compreender esses atos, a partir do desejo de se viver no sagrado (ELIADE, 2008), Juazeiro assume num plano cosmológico a ideia de centro do universo (PAZ, 2011), a terra santa onde os desejos, sonhos e motivações podem se concretizar numa dimensão baseada

³⁹ Frei Damião de Bozano é um frade franciscano capuchinho italiano que viveu no Brasil num convento franciscano, em Recife. Marcou profundamente o Nordeste com suas missões pelas cidades. Ficou conhecido pelos seus sermões escatológicos e as grandes concentrações durante suas visitas as cidades nordestinas, além de fama de milagreiro. Integra a cosmologia dos romeiros como um enviado ou sucessor do Padre Cícero.

⁴⁰ Uma espécie de curandeiro que se utiliza das rezas para cura de enfermidades.

na realidade prática dessas pessoas e no contexto social e cultural do qual são oriundos. As principais busca dos romeiros, são de graças ou curas que necessitam em sua vida cotidiana, para muitos, o milagre.

Assim, a cura, a graça e a benção são aspectos ou tipos de milagre, pois o milagre é a própria intervenção do sobrenatural no natural, e cura, graça e benção são os resultados dessa intervenção. A equivalência e ambivalência entre milagre e cura, milagre e graça, milagre e benção não seriam, portanto, mais que uma explicitação da relação entre as partes e o todo, no estabelecimento de uma sinédoque (REESINK, 2005, p. 269).

O contato com a pedra é através de uma oração que é repetida pela rezadeira e acompanhada pelos romeiros, trata-se de uma oração que é breve e rimada, repetido, muitas vezes: *“Tô na luz, tô na cruz, tô no sangue de Jesus, valei-me meu Padrinho Cícero e o Coração de Jesus”*. O verso é repetido, enquanto as pessoas colocam os joelhos sobre a pedra ou deitam-se sobre a pedra, apoiando a coluna. Essas experiências que são vividas coletivamente (REESINK, 2005) demonstram ou personificam, através dos gestos o espírito de sociedade que essas pessoas constroem e a representam, através da religião ou da religiosidade, desta forma o contato com o “plano divino” ocorre, através das relações dessas pessoas, sejam entre si, sejam com o próprio lugar.

Figuras 28 e 29 – Romeiros em ritual na pedra do joelho na subida do Horto



Fonte: Fagner Andrade 2019.

Na experiência que tivemos com o grupo de sr. Eloy, pudemos acompanhar o ritual dessa subida ao Horto, esse itinerário começou logo cedo, por volta das 04:30h da manhã, o grupo esteve muito fiel as diretrizes propostas por ele, sobre a caminhada. Das proximidades da Basílica Santuário onde o grupo estava hospedado até o Horto, onde se encontra o monumento do Padre Cícero, contabiliza a média de quatro quilômetros, a maior parte do trajeto, a subida íngreme da rua do horto, além do cenário que já descrito, nos deparamos com

muitos pedintes que ficam nas calçadas das casas repetindo a frase “uma esmolinha romeiro da mãe de Deus”. A rua do horto é uma região periférica de Juazeiro que dá acesso a estátua do Padre Cícero, no cume da colina do horto ou Serra do Catolé.

Tanto para sr. Sebatião e Dona Rosélia como o sr. Eloy aquela subida é sagrada e toda a penitência feita tem um significado único, isso era constantemente ressaltado nas paradas para rezar, desde o começo da caminhada, até o seu término. O cenário é composto por muitos cruzeiros que estão fincados sobre pedras em alguma elevação, além de capelas que funcionam nas casas de moradores. Durante a nossa subida para o Horto, foi possível perceber alguns artesãos que fazem rosários e comercializam ali mesmo, na frente de suas casas, cordões de são Francisco, chapéus de palha que são muito típicos dos romeiros. Outra atividade além dos pedintes são os poetas, que em pontos estratégicos ficam esperando os romeiros para cantarem ou fazerem algum “verso”, em troca de dinheiro.

Essa caminhada não é tão fácil, pois além da subida ser íngreme, a rua é de calçamento de pedras desregulares, o que requer um maior esforço físico. É formada por casas simples, quase todas as residências têm em sua sala as imagens e quadros de santos nas paredes, o que eles chamam, “sala do santo”. Uma tradição típica dos romeiros que formaram a cidade ao longo da história. Essa tradição, segundo o professor Renato Dantas, veio do tempo do Padre Cícero que incentivava que toda casa tivesse a sala do santo. Ambiente que habita o sagrado, lugar para as orações e que se evitassem conversas “inúteis” neste espaço.

Na caminhada com seu Eloy tivemos a possibilidade de fazer a parada próximo a um desses poetas que, a pedido do nosso interlocutor declamou alguns versos e poesias. Seu Eloy pediu que o pessoal de seu grupo ajudasse aquele violeiro, pois já de seu costume fazer essa parada nesse artista. Outras experiências desenvolvidas pelo grupo é quando nos deparamos com a via sacra, ou seja, as quinze cenas que compõem o caminho do calvário de Cristo, elas estão a uma distância específica que contemplam toda a subida do Horto, a cada estação sr. Eloy faz uma parada, coloca uma pedra e faz uma oração. Esse gesto é repetido por todos que acompanham esta caminhada. Ao chegar na estátua do Padre Cícero, e fazer a visita ao monumento e dar as voltas em torno do cajado da imagem, o grupo vai fazer uma pequena parada para o lanche e daí, iniciar a outra caminhada, em direção ao santo sepulcro. Espaço que iremos abordar mais à frente.

Todo o cenário urbano e geográfico da subida ao horto é propício para a constituição de um conjunto de elementos culturais que fazem parte da tradição dos romeiros. Para os antigos devotos do Padre Cícero, aquele morro era considerado o “monte das oliveiras” e o santo sepulcro, o lugar da crucificação de Jesus (CARVALHO, 1998); (PAZ, 2011); (CAMPOS,

2013). Uma das marcas visíveis dessa sacralidade é a utilização de determinadas expressões com objetos, imagens e fragmentos de rochas colocadas aos pés dos cruzeiros e nas estações da via sacra do caminho do Horto, fitas presas aos santos e nas grades dos altares e na estátua do Padre Cícero.

Figura 30 – Cruzeiro com fitas e pedras deixadas pelos romeiros no caminho do Santo Sepulcro



Fonte: Fagner Andrade, 2018.

Para aqueles que estão ali e que repetem o ritual, anualmente se tem uma expectativa que confirma o espaço vivido (DUMOULIN; GUIMARÃES, 2009) pelo âmbito da religiosidade com as celebrações, a musicalidade que é imprescindível no processo de acesso as potencialidades que a romaria oferece, por isso, esses momentos são regados pelos benditos (SILVA, 2017), os emaranhados de sons (CARVALHO, 1998) entoados, seja nos transportes de romeiros ou nos locais visitados, além da reza, essa música preenche os espaços e criam o ambiente propício para o místico experimentado nos afetos e sentimentos dos romeiros que entram em efervescência, a partir do contato com os espaços sagrados.

Figura 31 – Romeiros enfileirados para deitarem na pedra "cama de Nossa Senhora" no Santo Sepulcro



Fonte: Fagner Andrade 2019.

Essa presença humana é que dá os significados necessários, geram as performances que dão conteúdo ao lugar e o sacralizam. A pessoa humana, com suas dinâmicas e conexões expressam a presença de um sagrado que é interior (GEERTZ, 2008) a cada um, que fala de uma diversidade do divino pela pluralidade das pessoas e suas particularidades e perspectivas que, com sua multiplicidade de performances dão as categorias necessárias para sacralizar o espaço, coisas e pessoas nas dimensões mais subjetivas que tentam ser expressas em qualquer objeto que pode ser encontrado no local.

Tratar qualquer objeto, obra ou produto como performance-uma pintura, um romance, um sapato, ou qualquer outra coisa significa investigar o que esta coisa faz como interage com outros objetos e seres. Performances existem apenas como ações, interações e relacionamentos (SCHECNER, 2003, p. 28).

Considerando os exemplos apresentados pelos romeiros como o sr. Eloy, ou mesmo Dona Dôra de Casinhas-PE, no qual os integrantes do grupo participam de ritos, em que espaços são incorporados a ritualização e mais ainda, ressignificados. Perceberemos com isso que, a questão da sacralidade está ancorada nas experiências que cada um elenca e aplica ao contexto da romaria. Para Geertz (2008) são panoramas como esse que, torna a religião tão poderosa.

É justamente o fato de colocar atos íntimos, banais, em contexto finais que torna a religião socialmente tão poderosa, ou pelo

menos com grande frequência. Ela altera, muitas vezes radicalmente, todo o panorama apresentado ao senso comum, altera-o de tal maneira que as disposições e motivações induzidas pela prática religiosa parecem, elas mesmas, extremamente práticas, as únicas a serem adotadas com sensatez, dada a forma como são as coisas “realmente” (GEERTZ, 2008, p. 89).

Um exemplo bem peculiar são as expressões de toques e o ato de “se benzer”⁴¹ após esse toque, durante as romarias é comum os romeiros tocarem imagens nas igrejas, altares, quadros ou mesmo, os monumentos, como a estátua do Padre Cícero e fazerem o sinal da cruz. Esse gesto mínimo (REESINK, 2009) ou mesmo simples, sem muita elaboração é o mesmo que um “ritema: na falta do rito inteiro, a prece o substitui sem comprometer sua eficácia; é a parte o todo sem enfraquecer, tendo em vista que toda prece é sempre, a qualquer grau um credo” (REESINK, 2009, p. 35).

Tanto os “gestos mínimos”, como o “ritema” (REESINK, 2009) são muito comuns nesse contexto de romaria, as vezes de forma diferente ou acrescentada, como na estátua do Padre Cícero. O que se diferencia é o ato de nela, os romeiros darem três voltas em torno do cajado do Padre Cícero, esse mesmo gesto é repetido, só que com os carros de romeiros no pedestal da igreja dos Franciscanos, onde os veículos de romeiros ao adentrarem a praça desse santuário para realizar a visita, dão três voltas, buzinando em torno do pedestal da imagem de São Francisco, que fica no centro da Praça. O mesmo se repete também, na pia batismal do Santuário do Sagrado Coração (salesianos), onde os romeiros dão três voltas ao redor da escada dessa pia, tocam na água e fazem o sinal da cruz.

⁴¹ Ato de traçar sobre si o sinal da cruz.

Figura 32 – Monumento do Padre Cícero na Serra do Horto



Fonte: Fagner Andrade, 2019.

O número três na teologia cristã-católica é muito significativo, pela evocação das três pessoas da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) que dá sentido ao ato de se benzer (fazer o sinal da cruz) e pela forma como eles se apresentam, enquanto expressos das diversas formas do mundo, natureza, o homem, o tempo (REESINK, 2005), ou seja, a própria noção de Deus.

Fica ainda evidente que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são dimensões de uma mesma entidade, as quais se deixam visualizar em tempos históricos diferentes. Primeiramente o pai se mostra através de elementos da natureza; em segunda o Filho torna-se homem, ou seja, possui ele mesmo um corpo humano, individual; no tempo do Espírito Santo é através do próprio homem do seu corpo, que a divindade cristã torna-se visível (REESINK, 2005, p. 21).

Tendo em conta, a peculiaridade de Juazeiro do Norte e suas expressões, bem como a cosmologia que permeia a mentalidade desses romeiros e juntamente a isso, a própria noção que já temos, enquanto sociedade ocidental influenciada em toda as suas dimensões pelo cristianismo, esse universo acaba por se tonar comum a todos que o frequenta. Não é difícil para o devoto de Padre Cícero construir uma visão que sacraliza o local e as coisas, por dois

motivos, primeiro pela própria dimensão católica de mundo ocidental que temos, segundo pelo fenômeno da própria romaria e seu “milagre” que só reforça ainda mais, a importância da entidade divina do padre e ao mesmo tempo, o materializa em lugares e coisas.

Dentro dessa perspectiva, elencamos a lápide do túmulo do Padre Cícero, a cama na qual ele faleceu e as pedras do Santo Sepulcro, locais que ao mesmo passo que são visitados, são tocados e reverenciados como locais onde habita o sagrado.

Figura 33 – Romeiros no Santo Sepulcro passando pela pedra do pecado



Fonte: Fagner Andrade, 2019

No último dia da romaria, geralmente o quarto dia, ou terceiro, dependendo da dinâmica do grupo é o dia de fazer as compras. Segundo nossos interlocutores, é necessário que seja no último dia, para que as pessoas não fiquem sem dinheiro, logo no início dos dias em Juazeiro, esse horário de compras é feito pela parte da manhã. Tudo vai depender da demanda que eles tenham de materialidade; seja de panelas, imagens, bijuterias, relógios, lençóis ou outros objetos. Essas escolhas variam de acordo com os recursos financeiros que eles dispõem, para adquirirem algo que estava nos planos iniciais. Os romeiros já vão a Juazeiro com sua “lista” de compras, ou seja, existe uma preparação anual para que os recursos sejam o suficiente para a romaria.

Quando os romeiros saem em busca de seus objetos, já previamente, existe uma espécie de “triagem”, ou seja, durante os primeiros dias eles já vão percebendo as coisas, analisando e

escolhendo o que vão levar para casa. Geralmente ao chegar em Juazeiro, após se estalarem e fazerem a visita a Igreja Matriz (Basílica Santuário), vão estudando o campo, observando o comércio e analisando as “novidades”. Muitos romeiros já tem uma certa predileção por alguns comerciantes, estabelecendo certo grau de amizade e proximidade. O casal Socorro e Cícero são comerciantes e a mais de quinze anos, trabalham com uma pequena loja na rua da Matriz nas proximidades da Basílica Santuário de Nossa Senhora das Dores, eles nos ajudaram a compreender este movimento, a partir de suas próprias experiências.

O casal de comerciantes trabalha com vários produtos como relógios, pulseiras, brincos, colares, escapulários, anéis, medalhas e bijuterias das mais diversas. Nos relataram como se dá esse processo do romeiro e o comércio da romaria.

Como a gente trabalha já a muito tempo, muitos já nos conhecem, eles chegam e quando voltam da igreja, já passam e nos dizem que chegaram que fizeram boa viagem e que depois vão passar para ver as novidades e comprar. Eles aproveitam e falam que o pessoal gostou muito do que levaram no ano passado e que vão levar do mesmo, as vezes é um relógio, um brinco, sabe depende muito do gosto. (Socorro, comerciante)

Sobre esse retorno dos romeiros a loja, o casal afirma que sim, os romeiros retornam e gastam muito tempo, conversando, contando como foram as dificuldades, em fazer a viagem e chegar a Juazeiro. Para Cícero eles gostam de ser bem recebidos e ouvidos, para contar suas experiências e até mesmo, os milagres e graças que receberam do Padre Cícero, pudemos perceber momentos como esses, onde uma intensa sociabilidade é uma recorrente, entre essas pessoas e os comerciantes. O que nos pareceu é que existe uma necessidade de se estabelecer uma relação com os nativos da cidade, assim, o ato de comprar um produto é muito mais do que uma relação comercial, sobre isso, Cícero afirma.

Eles gostam de trazer presentes, ganhamos muitas coisas, frutas dos sítios deles, frangos que eles criam, toalhas, bordados, até roupas, alguns trazem para minha mulher. É muito bom trabalhar com os romeiros, são um povo bom. Tem romeiro que chega e nenhuma missa vai, mas chegar aqui é certo que vai, ligam pra gente para saber como estão as coisas, para avisar que tão vindo para Juazeiro (Cícero, comerciante).

Segundo o casal de comerciantes, os romeiros não fazem questão de pedir descontos, os diálogos deles são muito mais no sentido de falar sobre a romarias, a alegria, a promessa que fez para vir, do que mesmo, o produto. O que nos pareceu é que por eles estarem nos primeiros dias observando o comércio nas suas caminhadas para os Santuário, já vão perguntando o valor

de tal objeto para, ao mesmo tempo em que vão decidindo o que vai levar, automaticamente observam onde o produto está mais acessível.

Os romeiros passam pela loja, olham as coisas perguntam o preço e dizem que depois vão voltar e eles voltam mesmo, as vezes pedem para a gente abaixar o preço, ou como muitos já são clientes fiéis todos os anos a gente já dá um abatimento para que eles já levem a coisa que querem. Desse jeito que eles fazem e a gente também, a gente só quer atender bem o romeiro (Socorro, comerciante).

Quando chega esse dia das compras, os romeiros já sabem onde encontrar o que procuram, dessa forma, o ato de comprar o determinado produto, perpassa por toda a romaria desde a preparação até o último dia, em que estão em Juazeiro do Norte. Quando terminam as compras, dependendo do objeto adquirido, eles passam pela casa do padre Cícero para depositarem sobre a cama do religioso, ou mesmo, no túmulo dele na Capela do Socorro, dessa forma tal objeto já é considerado abençoado. É importante frisar que as materialidades depositadas sobre esses lugares, geralmente são as imagens de santos, terço, medalhas, ou seja, os objetos de cunho religioso. Após isso é que começam os preparativos para voltar para casa, organizando a bagagem, guardando no veículo para que depois da missa de despedida possam fazer o retorno.

No retorno a hospedagem foi muito comum observarmos os romeiros conversando entre si, sobre os “achados”, geralmente tratando sobre a singularidade de um determinado produto, onde encontraram mais baratos, indicando lugares de preços mais em conta, e assim por diante. O que nos pareceu nessa experiência é que a sociabilidade, através dos objetos é algo constante na dimensão simbólica dos romeiros, portanto, a materialidade mais do que um produto em si ela é um indicativo de outras realidades que transcendem, o simples fato do consumo em si.

É comum vermos os romeiros com suas caixas, sacolas e sacos, retornando para a hospedagem, após a manhã de compras. Um ritual programado que estabelece conexões com o sagrado, à medida em que todo o emaranhado de motivações se funde numa única perspectiva, a do sentido religioso, assim, portanto, esse ato de reservar um momento específico dentro do cronograma que é apresentado no início desse tópico, se aproxima a uma ritualidade específica. Desta forma as “coisas” são componentes necessários, tanto na subjetividade do sentimento religioso, como na ordem prática de sua existência, enquanto pessoas/romeiros.

3.4 A ROMARIA E SEUS IMPACTOS

Termos, como “sagrado”, “santo”, “devoto” e “lugar santo” são constantemente pronunciados pelos interlocutores nas falas e discursos, tanto dos romeiros como dos próprios religiosos, que reforçam esses discursos em falas nos sermões das missas, ao tratar do “Santo Juazeiro”. Para autores mais clássicos das ciências sociais como Durkheim (2008), a religião tem uma dinâmica dual. No caso de Juazeiro do Norte, nessa dualidade estão os jogos das moralidades que se utilizam de ferramentas escatológicas para implantar determinados valores socialmente apregoados e culturalmente desenvolvidos, num processo constante de criação e recriação.

Os beatos de Juazeiro, os missionários religiosos e tantos outros agentes, ainda reforçaram essas categorias e esse discurso escatológico (PAZ, 2011; BARROS, 2008). A tensão maior desses discursos é que sacralizam o lugar e, ao mesmo tempo, condenam como profanas as culturas contemporâneas, ou seja, aquilo que se insere num contexto social e cultural, para além do que foi determinado pelas regras do catolicismo pré Concílio Vaticano II⁴². Outros grupos mais contemporâneos, como o grupo de penitentes⁴³ *Ave de Jesus* (CAMPOS, 2003) de certa forma tentaram resgatar tais pregações e práticas.

⁴² O concílio Vaticano segundo aconteceu entre os anos de 1962 e 1965. Foi responsável por grandes mudanças e adaptações da Igreja para os tempos atuais.

⁴³ São grupos que desenvolvem fortes rituais de penitências, rezas, vida austera e religiosa. Outros grupos como os “Ave de Jesus” viviam inclusive da mendicância.

Figura 34 – Penitente remanescente dos "Aves de Jesus" no momento de seu sermão para os romeiros após a missa na Basílica Nossa Senhora das Dores em Juazeiro do Norte



Fonte: Fagner Andrade, 2019.

Não podemos negar que existem “disputas” pelo território das romarias, o qual está inserido o campo religioso, não unicamente vinculado a Igreja, enquanto instituição detentora do sagrado e que constantemente, luta por este terreno. De outro lado, estão os movimentos geralmente vinculados a manifestações culturais que, disputam este terreno, afim de preservarem os aspectos culturais e folclóricos da religiosidade. Esse fator se fortalece numa direção em que, os dois polos tendem a ser definidos como sagrado e profano, muito mais claro para instituição religiosa que tenta “isolar” e “purificar” a romaria com suas diretrizes.

Foi perceptível que nas romarias de Juazeiro paira uma determinada concepção de mundo “fantástico”, onde imagens bíblicas estão presentes, acontecimentos sobrenaturais são contados nos cordéis, xilogravuras e em cantorias de violas (CARVALHO, 1998). Esse universo, é, portanto, constituído desses elementos culturais e tantos outros, que são ressignificados no mito gerador de todo o fenômeno que desembocou na prática das romarias em todo o seu emaranhado (CARVALHO, 1998), assim o que se sobressai, como um fenômeno religioso se constitui de muitos outros aspectos que passam até despercebidos.

A repetição da romaria, dessa forma, para muitos estudiosos fugiria da ideia única de turismo, como uma categoria unificadora. O romeiro repete a vigem, ela torna-se um ritual repetido anualmente ou em mais vezes durante o ano, como Jacivânia de Alagoas que afirma

que pode chegar até quatro romarias no ano. O romeiro ele pode ser um turista, o que pode variar são as motivações (REESINK, REESINK, 2007). Existem diferenças e, ao mesmo tempo, aproximações, para Elisandra de Monte Alegre de Sergipe, o que ela faz em Juazeiro do Norte não é um turismo, nem um passeio. “Turismo eu faço em outros lugares, aqui (Juazeiro) é um retiro para mim, prefiro ficar com meus amigos romeiros, partilhando, participando com eles, rezando com eles, volto abastecida, renovada na minha fé, na minha caminhada”.

Existe uma narrativa central, mas o que se sobressai são os sentidos particulares que dão corpo e importância, mesmo com o advento das novas ferramentas de comunicação. Os mecanismos de comunicação tanto celulares, como as próprias redes sociais fortalecem ainda mais a romaria, os mitos e as simbologias à medida que o popularizam. Na experiência com os grupos de romeiros que tivemos contato, quase que hegemonicamente é perceptível a utilização do aparelho celular, tanto para fotografar, como para se comunicar com familiares, através de vídeos e outras mensagens, só fazem ainda mais, reforçar o mito. Pois vários membros do grupo fazem questão em confirmar que fazem vídeos fotos e enviam para a família, a fim de motivarem a também, fazerem a romaria.

O Padre Cícero José (Reitor da Basílica Santuário) afirma que “Temos feito investimentos nesse âmbito, canal no Youtube, redes sociais, blog e sites, através de uma assessoria de comunicação. Tudo isso para aproximar ainda mais, os romeiros da casa da mãe das Dores (Basílica Santuário), por isso que temos que dar passos nessa direção, os romeiros tem se modernizado e utilizado dessas ferramentas”.

Como o romeiro deixa o seu “mundo”, amigos, casa e família e peregrina a Juazeiro que é outro “mundo”, são projetados sentidos e sentimentos que necessitam ser compartilhados para aqueles que não estão ali e isso, acontece através de várias maneiras que abordaremos mais à frente. O que vale ressaltar nesse momento é que o Padre Cícero é o “santo do lugar”⁴⁴, e que mesmo ainda não canonizado (CARVALHO, 1998); (PAZ, 2011) carrega as categorias que o definem como tal e, ao mesmo tempo, santifica o lugar, através do mundo fantástico que essas pessoas experimentam com a visita a Juazeiro.

Como já detalhado anteriormente, essa sacralidade reveste uma dualidade que vai mais além do que o conceito propriamente dito, essa dualidade está também na própria dimensão das coisas que compõe esse universo de gestos. Essas coisas estão no externo, ou seja, nas ruas e até mesmo no comércio. Para Renato Dantas, pesquisador e memorialista (entrevista) o comércio do romeiro não é propriamente fechado, numa “ótica” consumista, na visão do

⁴⁴ Mesmo não canonizado pela Igreja é considerado o santo de Juazeiro do Norte onde viveu praticamente toda sua vida.

pesquisador é necessário se observar a satisfação dessas pessoas em contato com o local e com as coisas que são encontradas na comercialização, mas que estão vinculadas a uma necessidade que precisa ser satisfeita.

Essa materialidade, não necessariamente são relacionadas ao culto religioso, muitas vezes são objetos que estão fora do contexto sagrado. Para essa definição utilizamos o conceito de Durkheim (2008) que especifica “As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distância das primeiras” (DURKHEIM, 2008 p.72). O que difere em Juazeiro são os elementos que são tidos como sagrado e, como se aplicam a essa categoria. Assim, portanto, a dimensão sacral, encontra-se em diversos locais, em que muitas vezes, não propriamente são compreendidos como locais de ritual, porém acabam assumindo essas características e conseqüentemente levando outros aspectos a se incorporarem, o que muitos dos interlocutores resumem como “viajem santa”, termo utilizado para defender a tese de que a romaria é “santa” por essência.

Não estamos aqui discordando a compreensão de Durkheim (2008), mas buscando compreendê-la por outros ângulos, em que, o conceito pode ser refletido a luz de uma reflexão, de um panorama distinto, ampliado e elaborado por outras circunstâncias não simplesmente ritualística. Nesse panorama, diversos elementos do cotidiano social são agregados como visto na experiência etnográfica, elementos que fogem da ótica do que é estabelecido como da Igreja, desde lugares a coisas.

Essa dimensão de sacralidade, confirma o conceito apresentado pela religiosa e pesquisadora Annette Dumoulin (entrevista) sobre o “espaço vivido”, essa espacialidade é elaborada, a partir da própria vivência dos romeiros. Na entrevista concedida pela religiosa (2018), após um grande encontro com os romeiros, conhecido como “reunião das três”⁴⁵ ela afirma que são as experiências vividas por esses devotos que, demarcam o “chão” de Juazeiro. Os rituais e suas expressões no contexto urbano é o que gradativamente formula uma relação de afeto, praticamente simbiótica, entre o romeiro e o Juazeiro.

Essa religiosidade e sua produção ritualística, ou mesmo cosmológica se alimenta também de aspectos já oficializados da Igreja Católica, como Renata Paz (2011) também, discute em sua obra. Essa relação não é apenas “receptiva” existem significações próprias e são essas significações que ao longo da pesquisa foram sendo percebidas e analisadas, tanto na própria expressão verbal e performática dos nativos, como mesmo nas diversas dinâmicas de

⁴⁵ A “reunião das três” é um encontro diário que ocorre às 15:00h nas grandes romarias. Nesse encontro os romeiros, contam suas histórias, cantam benditos e falam de suas devoções.

sociabilidade que também são ricas de elementos culturais que lhes são próprios, geralmente advindos de um contexto social específico como já abordado anteriormente.

Nessa direção é que a cidade vive uma cosmologia que lhe é própria num espaço local em que é atemporal (CARVALHO, 1998). Desde os primeiros contatos com o campo foi possível perceber que praticamente, o “terreno” no qual a romaria acontece, não é fixo em sua totalidade, ele vai se formulando à medida que o determinado ciclo de romaria vai se aproximando, por exemplo, a romaria da morte do Padre Cícero que acontece no mês de julho até o dia quinze, quase nenhum indicativo de que estaria para acontecer um evento daquele porte. Diferente do dia dezesseis, em que os romeiros começam a chegar e isso é comprovado pelo som das explosões de fogos que indicam a presença de romeiros, tanto dos estabelecimentos comerciais que aos poucos vão abrindo, em maior número, como também do informal que toma conta das ruas e calçadas, são exemplos como esse que, comprovam a temporalidade que é a romaria e seu universo cosmológico, na dinâmica da própria cidade

Isso se configura também, especificamente pelas bancas, barracas de artigos religiosos e de casa, como utensílios domésticos, panelas, lençóis e bijuterias e tantos outros. Sem falar das “carrocinhas” de CDs e DVDs que pelas ruas centrais de Juazeiro que tentam chamar a atenção dos romeiros com os mais variados estilos e letras musicais, sejam de fundo religioso ou não, culminando em uma disputa sonora local (SOLZA E SILVA, 2017). São esses indicativos de que Juazeiro está “diferente”, que se está num período de romaria, como que um cenário que é preparado para o grande êxodo que se inicia.

3.5 COMPREENDENDO A ROMARIA

As questões históricas já tão elucidadas por autores como Della Cava (1976) e Lira Neto (2009) sobre o milagre/mito de origem do movimento Juazeiro do Norte já foram um tanto que debatidas e analisadas do ponto de vista da história, como a conhecemos e discutimos até aqui. Porém, o que agora é prioritário ressaltar é que essas contribuições tem uma importância significativa no entendimento dos dados historiográficos referentes a Juazeiro do Norte e todos os seus fenômenos, sejam eles, as romarias, seja sobre a pessoa do Padre Cícero Romão Batista, considerado um dos principais protagonistas de tudo o que ocorre nas terras cariarienses até os dias de hoje.

Até agora tentamos discutir a questão do ponto de vista conceitual/metodológico sem descartar os principais conceitos e sua relação com as falas dos interlocutores e na sua vivência. Porém, é necessário também, discutir esses mesmos temas numa compreensão mais alargada e que considere a dualidade que a romaria apresenta nas suas dimensões de sacralidade e

profanidade. Nas dimensões de gozo e penitência (PAZ, 2011), além das expressões específicas dessa ambiguidade que caminham de forma muito íntima no fenômeno da religiosidade, suas práticas e expressões das romarias de Juazeiro do Norte.

Para Renata Paz (2011, p.28) “As romarias de Juazeiro são marcadas pela conjugação de elementos diversos: A reza e penitência são elementos de destaque, mas também o gozo, a festa o comércio, os shows, os folguedos populares, os encontros, os namoros, o turismo”. Esses dois polos são muito característicos, isso nos coloca diante do conceito de Durkheim (2008), com esse conceito podemos compreender as rezas e as penitências que estariam no âmbito do sagrado e pelo profano, os momentos de lazer. Porém na fala dos interlocutores não foi encontrado nenhuma aproximação dessa romaria com o turismo, enquanto momento de lazer, diversão e socialização, como tradicionalmente o conhecemos.

Para Dumoulin (entrevista) existe uma diferença clara de que Juazeiro não é um mero ponto turístico e isso de certa forma é corroborado pelos interlocutores que constantemente afirmam que ir a Juazeiro é, “uma viagem santa”. Notamos que é o espaço propício, onde as pessoas de forma livre vão criando seus ritos e ao mesmo tempo experimentando o espaço e dando sentidos a ele. A colocação da religiosa e pesquisadora Dumoulin vai de encontro as de Renato Dantas (entrevista) por sua vez, o pesquisador afirma que existem dentro de uma ótica mais cultural do que religiosa, três tipos de turistas: Os romeiros que não compreendem o que é ofensivo nas disputas do capital; o turista religioso, que paga a promessa, mas a noite vai fazer outros tipos de passeios pela cidade e o turista na sua “essência” que, apenas está conhecendo pelo ângulo histórico e cultural sem tendências religiosas.

As afirmações, do Professor Renato Dantas em certa medida divergem em graus distintos do que elabora Annett Dumoulin, porém ambas não desconsideram o protagonismo dos romeiros/turistas em todo o processo social/cultural de Juazeiro. Esse processo, por sua vez, é o que num contexto mais histórico possibilitou que a cidade fosse aglomerando diversos tipos de socializações e culturas sertanejas. Claramente não vamos aqui definir essa enculturação, porém esse mesmo processo não nos deve “conduzir a uma observação fragmentária ou fragmentadora” (SAHLINS, 1997), considerando que as experiências de sagrado, tanto para os que residem, como para os romeiros se distinguem pelo aspecto relacional em que, se estabelecem essas dimensões, tanto do próprio romeiro, como dos habitantes.

Tanto para os estudos de religião, como no aspecto urbano, a discussão acerca da cultura é fundamental para uma compreensão do fenômeno (UF HANNERZ, 1986). Tratando-se de especificamente de um fenômeno urbano, Juazeiro do Norte, desde suas origens, cresceu com esses dois polos nos quais a sua romaria e sua espacialidade é compreendida enquanto sacra. O

que sacraliza Juazeiro são as expressões elaboradas pela religiosidade do povo romeiro. Um dos acontecimentos que marcaram profundamente o trabalho etnográfico, se deu na Missa do aniversário de morte do Padre Cícero (20/07/2018) onde um helicóptero sobrevoou o espaço da celebração, grande foi o alvoroço da multidão presente, que lotava o largo da Capela do Socorro, onde acontecia a concelebração eucarística que foi presidida pelo Cardeal do Rio de Janeiro Dom Orani Tempesta. Neste momento, muitos se esforçavam para coletar o papel que era jogado sobre todos os presentes que gritavam vivas ao Padre Cícero e aplaudiam aquele acontecimento como se tivesse advindo do paraíso.

Percebemos que, naquele momento, um simples papel picado, tornou-se como uma relíquia que as pessoas guardavam com muito zelo. Evidentemente esse acontecimento comprova ainda mais a presença do sagrado que perpassa por um pedaço de papel brilhante, mas que está inserido num contexto cosmológico onde se espera a qualquer momento um sinal, uma resposta advinda do “reino dos céus”. Um exemplo desse movimento são os romeiros que são conduzidos pelo Sr. Eloy de Sergipe que em diversos locais buscam, não apenas uma resposta, mas a própria manifestação do sagrado.

O sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades “naturais”. É certo que a linguagem exprime ingenuamente o tremendum ou a majestade, ou o misterium fascinans mediante termos tomados de empréstimo ao domínio natural ou a vida espiritual profana do homem (ELIADE, 2008, p. 16).

A cultura em suas expressões é muito direta na aplicabilidade de seus sentidos na realidade individual, dessa forma as “metodologias” que são empregadas para a continuidade geralmente, se dá no próprio ato em si. As “lições” sobre os “ritos sagrados”, “locais sagrados” e personalidades importantes, a cosmologia, são apresentados dentro da própria ritualidade experimentada nos dias da romaria. O que se diferencia é a visão de mundo de cada um e partir dela, o que eles constroem tanto subjetivamente, como objetivamente. Essa realidade é constante em todos os nossos interlocutores as lições que são ensinadas as gerações se dão no próprio ato da romaria.

Sr. Eloy, por exemplo, faz questão de levar seus familiares, especialmente os netos a vivenciarem todas as experiências que lhe são caras. Em cada espaço ritual ele vai fazendo o determinado rito e ao mesmo tempo, demonstrando ao seu grupo e especialmente, a seu neto Antony de dez anos, toda a história e os mitos que fazem parte de sua tradição oral. Interessante que existe uma certa reciprocidade entre os dois, o avô que ensina e o neto que questiona atentamente os gestos e ritos do avô. Assim como sr. Eloy, encontramos outros exemplos

parecidos como Dona Dôra que sempre leva a Juazeiro alguns de seus netos e a romeira Jacivânia que faz questão de já levar seu filho, de dois anos, com ela.

As pessoas não descobrem simplesmente o mundo: ele lhes é ensinado. Evoca a possibilidade de um raciocínio correto acerca das propriedades objetivas das coisas (As pessoas organizam sua experiência segundo suas tradições, suas visões de mundo, as quais carrega consigo também a moralidade e as emoções inerentes ao seu próprio processo de transmissão) (SAHLINS, 1997, p. 48).

No transcorrer desse percurso educativo, a ressignificação, por sua vez, elabora conceitos e dogmas que são encarnados pelo local e por seus frequentadores, ou seja, tudo trata-se de um resultado obtido por uma fusão de ambas as partes. Por um lado, os beatos (BARBOSA, 2008), penitentes, rezadores, cantadores e poetas e por outro, os romeiros e o seu dinamismo que de forma mais específica, reelabora conceitos e verdades. Na visão da Igreja, enquanto instituição, acreditava-se que esse movimento se findaria com o passar do tempo, porém, isso não ocorreu. Ao contrário, se fortaleceu, através de mecanismos da contemporaneidade, essa modernidade não levou ao fim da cultura Sahlins (1997), mas sim a ressignificou nos aspectos modernos, no rito e na materialidade consumida.

Assim, portanto, são essas ressignificações que elaboram dentro das suas práticas e tantas outras maneiras distintas de haver o contato com o sagrado, que na ótica católica seria a própria noção de Deus que está em tudo, pois tudo foi criado por ele. Quando os romeiros estão em Juazeiro, eles estão em contato direto com Deus, através das diversas situações, celebrações, espaços, expressões e a própria pessoa do Padre Cícero e suas personificações existentes em pessoas, coisas e lugares. Isso só é possível graças a “potência suprema” da “divindade cristã-católica” (REESINK, 2005) pelo qual se cria o universo/cosmologia do devoto.

Antropologicamente falando a questão da própria cidade e urbanidade vem assumindo a categoria sagrada, devido um conjunto de elementos que trabalha na direção dessa mesma categoria. Podemos chegar mais compreensivamente a centralidade do fenômeno e da própria ideia de sacralidade, essa ideia conseqüentemente deixa a dimensão divina e se transfere para uma muito mais objetiva e prática, como os objetos e a satisfação da qual Renato Dantas já elencava. Essa discussão por sua vez, traz para dentro do problema antropológico, elementos comuns, tanto do plano das ações, como da materialização do sagrado.

Tem muita diferença das coisas que vem de Caruaru para as que vem daqui. O que a gente leva daqui faz as pessoas felizes, uma lembrança do santo Juazeiro, veio de um lugar sagrado e santo

do meu padrinho Cícero e da Mãe das Dores (Lucia Cabral-Maceió)

Podemos definir que o que na nossa visão e com a experiências de campo define mais adequadamente a realidade prática pela qual essa cosmologia é levantada é a ideia que Renata Paz (2011) apresenta sobre as privações que esses peregrinos já experimentam durante o ano. Praticamente, todos os interlocutores explicitaram que “trabalham o ano todo para fazer essa viagem”.

Na ótica do devoto, que vive num contexto de privações e subordinação social, a linguagem religiosa e a utilização de um referencial celeste, viabiliza um questionamento deste contexto. Os milagres e as graças sustentariam a possibilidade de que, através das intermediações do santo, o fiel possa obter benefícios que lhes são natural e estruturalmente negados (PAZ, 2011, p. 168).

Interessante que, diante de tal situação e depois com o advento da aceitação das romarias pela Igreja, essa criatividade não se esfacelou. Os referenciais como, as que Renata Paz (2011) elenca, não se perderam com o tempo, nem as diversidades de perspectivas. Sabendo que existe um conjunto de influências na religiosidade dos romeiros a partir de suas regiões mais distintas, porém, essas influências tornam-se como disse Sahlins (1997) um valor objetivado. Por isso que, nesse contexto é melhor compreender a cultura como religiosidade, pois essa religiosidade que é múltipla, cria sentidos e motivações imbricadas de uma realidade contextual e prática.

Como já detalhado anteriormente, são questões como essa que, torna a religião poderosa (GEERTZ, 2008) os símbolos próprios da realidade dessas pessoas, tornam-se essencial. De outra forma, “desencantar” Juazeiro é compreender que essa sacralidade está basicamente ancorada numa relação ambígua, na qual nem o santo, enquanto mito, se constitui sozinho com as histórias e fenômenos, nem a cidade enquanto espaço sagrado. Portanto, estas categorias são o resultado de uma relação que no âmbito cosmológico deu certo, utilizando ferramentas do cotidiano dos indivíduos cria uma “terra santa”, aos moldes das experiências sociais e culturais dessas pessoas.

Não existe Juazeiro sagrado sem romeiro, nem padre Cícero sem romeiro, como também não tem romeiro sem o Juazeiro, ambos constituem esse mundo. Onde rituais e penitências, misturados ao gozo (PAZ, 2011) elaboram um cenário atípico onde as necessidades das pessoas são contempladas. Para os romeiros e devotos o Padre Cícero é o padrinho⁴⁶, essa denominação

⁴⁶ Muitos nordestinos o chamam de “padim pade Ciçu”, esse termo se cunhou pelo grande número de pessoas que tiveram o Padre Cícero por padrinho.

só reforça ainda mais a mitologia, a figura do padrinho que na visão dos sertanejos é o “parente” que assume as necessidades materiais de seus afilhados. Não seria difícil associar Juazeiro do Norte e o Padre Cícero a esse universo subjetivo que tem implicações práticas e reais na vida dos romeiros.

O padrinho tem a conotação de segundo pai, aquele que tem a obrigação de prover, amparar e proteger o afilhado em caso de orfandade ou necessidade. Padre Cícero é poderoso e generoso como outros santos da Igreja, mas com o diferencial de ser padrinho, mais chegado aos sertanejos. Dessa forma, há uma individualização ou personificação da relação entre o devoto e o padrinho Cícero (PAZ, 2011, p. 114).

O Padre Cícero, deixa de ser um santo dos altares da Instituição e mesmo da religião e torna-se “de casa” o que reverbera na ideia de mito, ou seja, o mito de santidade e milagreiro vem para uma dinâmica mais próxima da realidade das pessoas. Consequentemente o padrinho na subjetividade dos nordestinos se aproxima muito daquele que atende as necessidades como já discutido por Paz (2011), porém o que a autora não reflete e que em nosso estudo apresentamos é que, isso gera uma materialidade mais específica desse fenômeno.

O padrinho que é santo, mesmo não canonizado (CARVALHO, 1998) é o mesmo padrinho que está situado numa terra santa, uma Jerusalém (CAMPOS, 2013) ressignificada pelos romeiros e pela mitologia local (DUMOULIN, 2015); (DELLA CAVA, 1976) que desde os seus primórdios a sacralizou. Ele potencializa os efeitos deste, à medida que se pontifica nos espaços, nos ritos e nos objetos, ele seria um canal que favorece a satisfação, tanto dos romeiros como dos que não foram a romaria, ou seja, existe uma extensão do Juazeiro para a vida dos romeiros, através da materialidade que é incorporada.

Tanto o Padre Cícero, como o próprio Juazeiro sagrado é intercambiado, seja em fotos, vídeos, imagens ou quaisquer outras materialidades que são encontradas nesses locais. A feira que sempre foi na cosmologia sertaneja, espaço de sociabilidade é incorporada a romaria, onde os objetos carregam as experiências que são próprias da romaria e fincadas no discurso religioso, vale lembrar todas as diversões shows, bares, restaurantes e tantos outros programas da romaria que fazem dela uma mistura de gozo e penitência (PAZ, 2011).

Poderemos nos perguntar, isso realmente tem relação com a religião. Nossa concepção de religião está muito vinculada a uma ideia ocidental do catolicismo (REESINK, 2005). Isso por sua vez nos limita perceber que outras influências se inserem no contexto, transformando um panorama num intenso sistema, onde muitos símbolos de acordo com a ordem prática dessas pessoas e de suas socializações atua no processo criativo.

Portanto, sem mais cerimônias, uma religião é: 1) um sistema de símbolos que atua para 2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da 3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e 4) vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que 5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. Um sistema de símbolos que atua para... (GEERTZ, 2008, p. 67).

Geertz (2008) aponta que, são esses símbolos que tornam a religião poderosa, no caso de Juazeiro a peculiaridade está na utilização de símbolos do mundo prático, coisas do cotidiano das pessoas, inclusive objetos da vida doméstica. No próximo capítulo, abordaremos mais especificamente como essa materialidade torna-se significante dentro da romaria, tendo em vista que, a mesma se insere num contexto de religiosidade e de suas manifestações simbólicas. As especificidades dessas materialidades, está no processo comunicativo e intercambiável que elas fornecem. Possibilitam num contexto muito particular, um processo em que a realidade social (PAZ, 2001) dessas pessoas constroem motivações e experiências nos quais os objetos adquiridos são muito relevantes tanto no processo de objetificação da religiosidade, como na transmissão dela mesma para os demais.

O que se observa no contexto da romaria, mais especificamente na espacialidade é que a ligação entre uma visita e outra é completada pelo comércio das lojas que estão espalhadas pelas ruas. Mas o que se sobressai a vista de todos é um intenso comércio camelô que invade as ruas centrais de Juazeiro oferecendo os produtos mais criativos que possam existir, desde redes, lençóis, vestuários, panelas, utensílios domésticos, bugigangas, brinquedos, brincos, pulseiras, chapéus, utensílios em couro, artesanatos, sandálias, de uso cotidiano, além dos de cunho religioso que não podem faltar. Sabemos que a cidade de Juazeiro e o próprio Cariri cearense na sua história, sempre se destacou pelas suas atividades comerciais (DELLA CAVA, 1976).

A diferença é que na elaboração das romarias o comércio sempre se insere como um componente importante, seja para os moradores, como para os romeiros que encontram nele e na sua materialidade um aspecto necessário aos “dias de romaria”. Segundo Renata Paz (2011) são mistos de sentimentos de gozo e penitência. Fazendo valer um dos benditos cantados pelos romeiros que descrevem esses dois polos: “Ao pai vamos ofertar esses dias de romaria, momentos de penitência e de muita alegria”. A letra citada, traduz claramente o que viemos relatando sobre as experiências que fogem de um limite estritamente religioso das práticas ritualísticas e devocionais e assim, inserem outros contextos ao fenômeno.

As romarias de Juazeiro não podem ser vistas apenas como um fenômeno religioso em si, isso apenas empobrece um movimento que muito tem a nos dizer, principalmente no

contexto antropológico. A medida que vamos nos inserindo e analisando sua ritualidade com outros olhares e percepções é que um mundo de questões nos ficam evidentes, as socializações que os romeiros desenvolvem são múltiplas e repletas de símbolos que tem um direcionamento específico a uma ordem prática na vida dessas pessoas, assim acontece com a materialidade que é tão necessária a este contexto ritual.

Essa materialidade muito mais do que um consumo em si, ela desperta para outras questões como já apontadas neste capítulo, sociabilidades, dádiva, religiosidade, situação econômica, ritualidade e assim por diante. São temas como esses que se entrelaçam apontando vários questionamentos, porém nos deteremos mais especificamente sobre essa questão no capítulo terceiro deste trabalho, onde poderemos enxergar com mais clareza o que esse consumo, dentro do espaço ritual das romarias de Juazeiro nos apresenta.

4 MATERIALIDADE, CONSUMO E DÁDIVA NAS ROMARIAS DE JUAZEIRO DO NORTE-CE

O presente capítulo, pretende versar sobre a questão da materialidade, dentro do contexto ritual das romarias de Juazeiro, bem como seu significado na dinâmica social dos romeiros. Discutiremos os tipos de objetos que se inserem neste processo e como eles podem se tornar sacralizados, a partir da cosmologia dessas pessoas que ressignifica uma espacialidade urbana, em um santuário capaz de sacralizar as coisas advindas deste local.

4.1 MATERIALIDADE E SIMBOLISMO

Iniciando nossa discussão sobre a questão da materialidade no espaço das romarias é preciso contextualizar, não apenas a temática, mas o conceito do que definimos por materialidade. Primeiramente, essa materialidade é todo o conjunto de objetos que os romeiros adquirem nos dias que estão em Juazeiro e que são conduzidos para seus familiares e amigos, como “lembranças” da romaria. Esse capítulo pretende abordar tal questão, ao mesmo tempo, discutir essa materialidade, que muitas vezes, foge dos parâmetros esperados para um santuário católico, como é o caso de todo o movimento religioso de Juazeiro do Norte.

A categoria “lembrança” é uma categoria nativa, que encontramos hegemonicamente nas entrevistas de todos os romeiros que tivemos acesso. Eles utilizam esse termo para definir os objetos que são consumidos dentro da romaria e que serão destinados aos amigos e parentes, geralmente como uma extensão de tudo aquilo que experimentaram com a viagem até Juazeiro do Norte. Assim, portanto, quando estivermos utilizando esse termo, é no sentido de que tudo o que é consumido, desde artigos religiosos a não religiosos, dentro da cosmologia desse público são tratados e compreendidos por eles como, “lembranças” de Juazeiro e do Padre Cícero.

Embora exista uma diversidade imensa de objetos, utilizamos a discussão de Daniel Miller (2013), pois o mesmo afirma que, não elabora um conceito específico referente aos “trecos”. Sua compreensão é ampla e nos ajuda a entender a variedade de coisas que podem fazer parte da dinâmica de vida dos romeiros, desde objetos religiosos a outras coisas do contexto das residências e da vida cotidiana. Tudo que fizer parte desta dinâmica, pode ser entendida como materialidade. Essa por sua vez, dentro do recorte de nossa pesquisa vem a confirmar sua importância para expressar o imaterial (MILLER, 2013) que está na cosmologia dos romeiros.

Com relação a temática, campo ou propriamente aos objetos analisados, a romaria como um todo é sacralizante, as ruas, os santuários, no ato de planejar e realizar a viagem, no próprio

ônibus e até o destino final com suas paradas, descansos, refeições e sem falar em todas as histórias que fazem parte da cosmologia dos romeiros, bem como, das identidades que são formadas, a partir dessas experiências culturais. Essas manifestações de forma nenhuma estão dissociadas da experiência prática dessas pessoas. Nossos interlocutores abordaram categoricamente, o quanto suas vidas estão permeadas de elementos da romaria, não se trata apenas de uma “ilustração mal elaborada”, mas sim uma maneira de expressar o quanto as realidades práticas podem se tornar algo “fora do comum”, quando associado a um panorama religioso.

Primeiramente é preciso especificar o que estamos entendendo por materialidade, dentro desses espaços sagrados. Como abordado no capítulo anterior, toda a cidade de Juazeiro assume essa característica de santuário, portanto tudo que está dentro desse contexto, acabou por se tornar componente da ritualidade vivida por esses romeiros. Esse componente, basicamente é a objetificação (*Idem*) que dá sentido e materializa sentimentos, emoções e crenças.

A materialidade no catolicismo, sempre esteve muito presente em seus rituais, principalmente na questão que envolve o culto às relíquias dos santos que, desde a idade média, têm sido apreciadas por católicos do mundo todo. Ainda hoje são procuradas e as vezes, reconfiguradas a outras tantas formas de materialidades, portanto a presença de objetos relacionados ao sagrado, sempre se constituíram como que, uma ferramenta necessária para a devoção das pessoas.

A percepção do funcionamento das relíquias para a maioria das pessoas, entre os leigos e os clérigos, parece ter sido bem mais imediata: as relíquias eram os santos que continuavam a viver entre os homens. Eram fontes imediatas de poderes sobrenaturais para o bem ou para o mal, e ter contato direto com elas ou possuí-las era um meio de ter participação nesses poderes (GEARY, 2008, p. 225).

Embora a discussão de Daniel Miller (2013) referente ao conceito de “trechos”, seja um tanto que geral, não deixaremos de especificar ainda mais amplamente, o que estamos tratando como tal. Esses trechos são objetos que se constituem, desde a necessidade prática das pessoas, como utensílios domésticos e de uso pessoal, as diversas “bugigangas” típicas das “feiras livres”, dinâmica bastante adotada pelos comerciantes locais, geralmente camelôs que atuam nas diversas ruas que dão acesso aos santuários de Juazeiro e os principais locais de visitação dos romeiros, dentro dessa espacialidade “sagrada” que necessita ser objetificada por parte dos romeiros.

Interessante que, nesse contexto, se sobressai uma forte comercialização como já citado, de objetos que na nossa concepção a princípio, parecem destoar totalmente do contexto religioso e ritual. São objetos que não se aplicam ao ritual, ou mesmo, não são utilizados dentro deles. A essas experiências, nossas observações se aproximaram, afim de tecer uma reflexão mais contundente sobre esses impactos na dimensão religiosa dessas pessoas, levando em consideração novos arranjos e reconfigurações que são desenvolvidos pelos romeiros, tanto no contexto ritual como na dinâmica material.

Os bens são portanto a parte visível da cultura, são arranjos em perspectivas e hierarquias que podem dar espaço para a variedade total de discriminação de que a mente humana é capaz. As perspectivas não são fixas, nem são aleatoriamente arranjados, como um cardápio. Em última análise, suas estruturas são ancoradas nos propósitos sociais e humanos (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2006, p. 114).

Na experiência de campo, com os dados obtidos, entrevistas e observações participantes ficou evidente que, os romeiros estabelecem uma relação dialógica em que a materialidade é uma forma de “intercâmbio com o sagrado”. Com essas experiências ficou claro que, a lógica de Durkheim (2008) sobre o sagrado e profano existe nesse espaço ritual, como em tantos outros. Porém, os dois tipos de materialidade que a priori consideramos: a sagrada e profana se interconectam e são incorporadas a esta dinâmica do ritual da romaria, desta forma, materialidades que não estão no mesmo patamar de culto ou de rito podem se tornar objetos sacralizados pelo ambiente sagrado que é o Juazeiro.

Hoje, essas experiências materiais tem se fortalecido, geralmente pensadas a partir dessa prática cultural pela qual, se desenvolvem os rituais (PAZ, 2011), essa originalidade é o que faz com que muitos elementos sejam inseridos no ritual de forma a contemplar as dinâmicas sociais, na qual esses romeiros estão conectados Não se trata apenas de uma tradição ou de um ritual, mas a inserção de situações práticas do cotidiano dessas pessoas, desde a necessidade de um utensílio doméstico a uma imagem de santo, dessa forma o diferencial desse fenômeno religioso e material está pelo enraizamento objetivo de suas realidades de vida, a um contexto cultural e religioso específico como é o caso das romarias de Juazeiro.

Desta forma as experiências sociais cotidianas são levadas para a romaria, seriam essas experiências que acabam por desembocar na constituição de uma particularidade. Os romeiros do Padre Cícero, tem uma relação material diferenciada por dois aspectos: primeiro, pela grande diversidade de objetos encontrados expostos nos mais diferentes tipos de comércio da romaria, segundo, pela relação que as pessoas estabelecem com o comércio em si. Para os

romeiros, tudo que está inserido dentro dessa experiência faz um intercâmbio com o sagrado, sentimentos, emoções, sociabilidades e materialidades.

O Quadro 3 abaixo segue uma ordem hierárquica, onde apresentamos os bens materiais sagrados e profanos mais destacados pelos romeiros:

Quadro 3 – Bens Materiais Sagrados e Bens Materiais Sacralizados

Bens Materiais Sagrados	Bens Materiais Sacralizados
Imagens, ícones e quadros de santos.	Panelas, canecas e outros utensílios de alumínio.
Rosários, terços, escapulários, cordões e crucifixos, cordões de são Francisco.	Lençóis, redes, mantas e toalhas para mesas.
Medalhas, broxes e terços de pulso.	Relógios, pulseiras, brincos e outros adornos como as bijuterias.
Camisetas com estampas de santos e outros objetos que se relacionam ao culto religioso.	Roupas, sandálias, chapéus e óculos de sol.
Velas e objetos para ex-votos.	Rádios, caixinhas de som, bugigangas como tecnológicos, bonecos e alguns tipos de brinquedos em plástico.
Fitinhas dos “três pedidos”.	Remédios naturais como garrafadas, pomadas, balsamo, cafés feito à base de plantas medicinais, raízes e outros.
Livretos de benditos, CDs e DVDs com músicas da romaria.	Objetos em couro, sandálias, cinto, chapéus e artesanatos diversos.
Garrafinhas de água em formato do Padre Cícero.	Alimentos como a Cajuína e a rapadura

Fonte: Elaboração do autor.

Quando tratamos da espacialidade de Juazeiro e os ritos desenvolvidos como está no capítulo segundo, percebemos a partir disso que, o espaço é sacralizante. Desta forma as experiências que os romeiros desenvolvem em Juazeiro, além de reafirmar tal percepção, comprovam a presença desse sagrado em toda a atmosfera local. Isso está expresso nos próprios locais de visitas, mas também em objetos sacros destinados em si para o culto religioso. Depois disso, essa sacralidade do ambiente, acaba por reconfigurar outras situações e contextos atribuindo valores a outros objetos obtidos e direcionados para outros usos, assim recebem uma dupla utilidade ao assumirem uma importância simbólica e tornam-se sacralizados pelo contexto do próprio lugar.

Esse lugar Juazeiro é a “Terra da Mãe de Deus” a entrada nessa terra só é permitida aquele que, Nossa Senhora ou o Padre Cícero convidar para “desfrutar” do gozo e da penitência (PAZ, 2011) que a romaria irá proporcionar. Desta forma, fazer a romaria é um ato que se aproxima a um privilégio. Ela se constitui assim, primeiro pelo convite da entidade, segundo pela possibilidade de usufruir de um passeio de certa forma vinculado a sua realidade cotidiana pelos traços culturais, que muitas vezes não permite o aproveitamento maior de aspectos da vida social que ficam negligenciados no cotidiano e que esse movimento religioso⁴⁷ por sua vez, permite realizar.

Desta forma é necessário um convite especial para poder fazer a peregrinação. Portanto, qualquer resultado que se obtenha é fruto de uma “graça” concedida pela entidade, como qualquer “contra tempo” também já ressignificado pelos interlocutores para o que, eles chamam de “exemplo”⁴⁸, o que seria uma advertência pelo não cumprimento do que foi determinado pela entidade dentro do espaço ritual, que não necessariamente precisa ser só na cidade de Juazeiro, mas em toda a viagem que é considerada pelos romeiros como todo, um conjunto do fazer a romaria.

Um desses momentos de exemplos, aconteceu no retorno da romaria de Nossa Senhoras das Dores de 2018, no grupo de Dona Dôra, ocorreu que em um dos ônibus um problema mecânico resultou em mais de dez horas parados na estrada. Para Dona Dôra esse acontecimento foi resultante da pressa do motorista em sair de Juazeiro, após o encerramento da romaria, para a mesma, nunca se pode ter pressa de sair de Juazeiro, trata-se de um “lugar sagrado, santificado, santificado mesmo”, como a mesma relatou. Faço esse parêntese, nessa seção, afim de atestar ainda mais que o mundo simbólico perpassar por todos os eventuais acontecimentos que ocorra dentro da romaria.

Essa afirmação da interlocutora atesta o quanto todos os fatos, que possam transcorrer dentro da romaria, só reafirma a natureza divina da qual emerge essa prática. “A ida ao centro, ao espaço sagrado de Juazeiro faz parte do ritual que atualiza a hierofania⁴⁹ primordial, centrada na solidariedade ao sofrimento de Cristo” (NOBRE, 2011, p.132). Mesmo tratando-se de um processo subjetivo, enquanto religioso, ele tem implicações na realidade prática dessas pessoas, nos acontecimentos mais possíveis, como um problema mecânico num ônibus, são situações como essa que tornam a religião poderosa (GEERTZ, 2008) e repleta de elementos mitológicos.

⁴⁷ Embora existindo toda uma discussão acerca do conceito de turismo ou turismo religioso, como analisado por Ressink e Ressink (2007), nossa discussão aqui apresentada leva em consideração a auto definição dos interlocutores que se intitulam apenas como romeiros.

⁴⁸ Geralmente o exemplo é algum ocorrido que no final deixa uma lição, que pode ser moral ou social.

⁴⁹ O mesmo que manifestação do sagrado.

A romaria que abençoa também amaldiçoa, pelo simples fato da não “obediência” aos preceitos determinados, ou mesmo ressignificados.

O fato ocorrido na romaria de Dona Dôra só reforça ainda mais determinados conceitos referentes a este “mundo fantástico” que é vivido pelo romeiro. Nesse plano, limites são postos pela entidade divina e são assimilados num processo subjetivo, em que, os rituais desenvolvidos reafirmam a hierarquia que perpassa a crença dessas pessoas que criam determinados “pedestais”, tanto para os santos de sua devoção, como para seu “poder” sobre a ordem prática da vida. O transcurso natural da vida e dos acontecimentos do cotidiano vão depender da ação divina e conseqüentemente a isso, como as pessoas agem diante da “voz” dessa divindade que está nos processos socializadores, onde as tradições, crenças e motivações são apresentadas.

4.2 A MATERIALIDADE DOS ROMEIROS

A experiência com os interlocutores, possibilita uma leitura mais aprofundada de quanto o sistema de trocas é presente nas relações que se estabelecem com o sagrado no âmbito das romarias de Juazeiro e suas manifestações. A relação de troca está presente em tudo aquilo que é experimentado, essa relação basicamente está inserida num contexto onde a submissão ao divino, perpassa as devoções, além das promessas como da própria prática humana no contexto social que esses peregrinos estão inseridos. Pessoas como Dona Dôra carregam categorias impressas no sentido religioso, configuram-se como guias, mas também como uma “espécie” de sacerdotisa⁵⁰, o que percebemos nos grupos de Dona Dôra e o de seu Eloy é que as perspectivas se diferem diante da prática religiosa de seus líderes.

Muitos do grupo de sr. Eloy pertencem a sua comunidade paroquial e com ele, são engajados na Igreja. Os pertencentes ao grupo de Dona Dôra diferem da prática do primeiro, por dois motivos: não engajamento na Igreja e por não desenvolverem tantos ritos como o de seu Eloy que fazem questão de participarem das missas e confissões, além de outros. Mesmo com uma diferença clara entre ambos, as expressões que fornecem sacralidade ao ambiente e as coisas se aproximam, justificam todo o processo a partir de suas próprias dinâmicas religiosas, geralmente carregadas de contos e mitos que lhes foram passados pelas gerações passadas.

Para compreender a materialidade presente na romaria, primeiramente é preciso analisar que existe entre os romeiros de Juazeiro do Norte um sistema de trocas. Esse sistema que tem

⁵⁰ Utilizo esse termo no sentido de que toda ritualidade e organização das práticas devocionais e materiais perpassa pelo fretante, já que ele detém o conhecimento de toda a tradição.

uma particularidade que lhe é própria, onde não é um produto específico que é trocado entre os romeiros, mas uma grande diversidade de coisas, que mesmo não compondo os rituais oficiais da Igreja são associados a uma dinâmica religiosa envolvente. Essa por sua vez transforma essas coisas em constituintes a romaria, ou seja, pertencentes a este quadro religioso em suas mais diversas expressões. Para Miller (2013) esses componentes materiais fazem com que as pessoas se ampliem.

Fazemos coisas porque elas nos ampliam potencialmente como pessoas. Mas não postulamos que sejam externas: por um ato de consciência nós a fazemos com trabalho. Esse novo mundo material que moldamos a partir da natureza nos permite viajar, melhorar nossa dieta, nos divertir, viver mais tempo. Além disso, ao nos vermos nesse mundo que criamos, ganhamos em complexidade, sofisticação e conhecimento. (MILLER, 2013, p. 90)

O que ficou claro na experiência com os grupos e romeiros é que as práticas devocionais se aproximam, porém se diferem a partir da formação religiosa de seus líderes. Não estamos no intuito de avaliar a personalidade dos romeiros, mas entender os comportamentos, nesse contexto religioso. Esses comportamentos no espaço ritual da romaria divergem, seja nas formas de se relacionar com a espacialidade sagrada, seja na forma de se fazer o ritual. Para Eller (2018) “o ritual, por exemplo, é certamente um elemento chave da religião, embora nem todas as religiões o valorizam ou elaboram de maneira igual” (ELLER, 2018, p.30).

Os romeiros de Juazeiro do Norte diferem também, nas perspectivas religiosas, muitos advindos de tradições religiosas distintas frequentam as romarias. Nas experiências etnográficas tivemos contato com evangélicos e até espíritas, como o caso do sr. Otávio de Aracaju-SE, quando questionado sobre suas motivações a estar nas romarias, o mesmo afirmou que

Trata-se de um lugar sagrado, onde a fé está presente nas pessoas, na terra, muita energia que circula num único lugar e o Padre Cícero é um espírito de luz que emana bons fluídos. A fé aqui em Juazeiro emana do povo, do chão, o que importa é o povo e a fé. Juazeiro é a nossa Fátima, aqui tem as energias de Jesus, não é assistir missa e ir embora (Seu Otávio, entrevista).

Embora a formação religiosa de seu Otávio está em um contraponto a de outros romeiros é inegável que sua colocação reforça ainda mais, uma importância relacionada ao “espaço vivido pelas pessoas”. Dessa forma, sr. Otávio só reforça ainda mais que são as motivações humanas em ação no local que geram impactos mais profundos, do que propriamente o ritual religioso da Igreja, ou seja, a verdadeira força está na própria ação humana. “Os espíritas possuem duas maneiras de provar que o Padre Cícero é um espírito de luz: pelos livros e pela

presença espiritual do padre” (NASCIMENTO JUNIOR, 2017, p.175), portanto o que atesta as diferenças são as formações religiosas de cada um.

No grupo de Dona Dôra (Casinhas-PE) as expressões materiais foram muito mais intensas no sentido de que, a devoção religiosa está muito mais aproximada a uma ordem prática/material, do que propriamente “espiritual” como a de sr. Otávio. Claramente essa materialidade está imbuída de um discurso religioso muito forte, tendo em vista que mesmo com todas essas expressões, a finalidade é o contato com o sagrado que é reforçado pela figura do fretante que exerce esse papel mediador do romeiro com a romaria e nele está as perspectivas, pois ele lidera o grupo e indica todos os lugares almejados pelos romeiros. Dona Dôra afirma:

Juazeiro é sagrado, abençoado, santificado, santificado mesmo. Não posso faltar, tive um ano que minha sogra faleceu, com três dias fui a Juazeiro, não cancelei minha viagem, fiz tudo como devia e mais bonito ainda. Juazeiro é um lugar de muita oração, quando a gente faz a promessa, é bem acolhida, recebido e bem-vindo. Triste de que não acredita, é tão bom fazer essa viagem, tem gente que vem por esporte, quem sou eu para julgar, aqui estamos todos unidos uma festa só. (Dona Dôra, entrevista)

Quando observamos a forma como Dona Dôra ou outros fretantes lideram seus grupos e dialogam com ele, percebemos que os sentidos e maneira de seu comportamento social, diz muito sobre os demais componentes. Trata-se de uma linguagem que se aproxima, tanto da realidade particular e individual do grupo como transparece sentidos e formas de crença que são expressas pelos indicativos apresentados pelo seu líder. Claro que isso não é uma realidade engessada, porém o que notamos nesse grupo específico é que as relações sociais estabelecidas entre as pessoas, se aproximam bastante da forma como Dona Dôra nos transpareceu, a partir de seus relatos e experiências.

O fretante parece bem mais à vontade no papel de coordenador do grupo de romeiros, mantendo inclusive afinidade com eles pelos sentimentos de devoção e pelas mesmas condições sociais em que vivem. Desse modo, não se confunde o seu papel com a de um mero empresário ou empresária de viagens turísticas. A linguagem que utilizam para se caracterizarem é entre as inúmeras mulheres fretantes, a da família: “Somos uma fraternidade, uma irmandade”, em que a fretante ela mesma se diz pastora de um rebanho. Outras avançam mais em seu modo religioso de encarar o trabalho como missão (BARBOSA, 2007, p. 39).

Dessa forma, a aproximação ao fretante é um próprio retrato que pode ser traçado dos romeiros que compõem o grupo que junto a figura desse líder, desenvolve tal ritualidade.

Interessante que a todos esses grupos os discursos referentes a esse “abastecimento” que é procurado pelos devotos é recorrente, ou seja, a necessidade de atender uma demanda da própria vida que não precisamente é espiritual apenas, mas transcende essa lógica e vai em direção a um processo cultural e social. Sob isso, uma ordem prática é estabelecida, através da materialidade, que se incorpora como um mecanismo que além de fornecer substância ao fenômeno religioso, carrega uma sacralidade existente em toda a dinâmica da romaria, mesmo sendo algo do cotidiano dessas pessoas, elas transportam o sagrado, a medida que estão em contato com o espaço sacro, vem deste espaço e são componentes do mesmo.

Dentro da pesquisa, duas questões se associam diretamente, por um lado, uma intensa sociabilidade religiosa que carrega toda uma cosmologia, uma identidade própria dessa manifestação religiosa ancorada num *ethos* o que Campos (2013) define como “ethos de misericórdia”, esse *ethos* basicamente se relaciona a todas as manifestações religiosas e morais que se fundem gerando esse processo. Por outro lado, uma intensa materialidade que é buscada pelos romeiros durante esses dias que passam em Juazeiro, dessa forma, a romaria não se aproxima de um retiro livre das influências do mercado de bens e serviços, mas ao contrário esse mercado se insere como parte insubstituível da romaria. Geralmente pela forma como os romeiros se relacionam com o comércio que se torna um dos destinos mais procurados pelos romeiros. Essa tendência encontramos em praticamente todos os interlocutores que confirmam que dificilmente, não voltam de Juazeiro com muitos objetos adquiridos na romaria.

Quadro 4 – Intensa comercialização dos mais diversos artigos nos períodos de romarias, nas ruas que dão acesso aos principais pontos de visitação dos romeiros



Fonte: Fagner Andrade, 2019.

Na romaria de Dona Dôra, a mesma afirma que muitos de seu grupo “guardam um dinheiro o ano todo para comprar umas coisinhas, quando vão pro Juazeiro”. Na participação com o grupo é notório que essas pessoas tem uma relação com o sagrado na qual, a vida prática, entra muito mais em cena, do que propriamente um discurso canônico ou dogmático.

Dessa forma, as diversas materialidades que citamos na tabela, que são encontradas em Juazeiro, além do próprio processo de comercialização são um componente importante para que o processo ritual seja eficaz no que tange ao bom êxito da romaria, sabendo que ela pode ser compreendida como um ritual e nesse ritual a materialidade é fundamental. No relato da romeira Jacivânia, a mesma apresenta que na romaria dela é destinado o dia das compras, geralmente nos últimos dias para que se possa adquirir as “lembranças” de levar para casa. Esse exemplo foi praticamente unânime nos demais romeiros com quem conversamos, geralmente é dedicado um dos últimos dias para irem as compras.

Na constituição desses rituais, em Juazeiro do Norte, o que se sobressai é um complexo sistema de crenças e expressões que são configuradas a uma realidade social em que a materialidade, torna-se fator fundamental na composição e no preenchimento de determinadas lacunas práticas e subjetivas. Em todos os romeiros entrevistados, bem como nas observações pelas ruas de Juazeiro do Norte, encontramos diversos elementos que apontam essa perspectiva de que a materialidade se interconecta a toda a cosmologia, ela seria uma espécie de

complementação ou mesmo, continuação da romaria. A romeira e fretante Jacivânia, de Alagoas, apresenta que.

Dentro dos dias que estamos em Juazeiro, visitamos as igrejas, assistimos missas e também fazemos um momento para visitar o comércio para comprar as lembrancinhas de levar para os parentes, é mais um passeio que temos, um dia que deixamos só para essas coisas (Jacivânia, entrevista).

Não se trata apenas de materialidade religiosa, como imagens de santos ou rosários, mas todo tipo de trecos (MILLER, 2013) que os romeiros procuram não apenas para o lar, mas para tantas outras circunstâncias que se possa imaginar, desde presentear a atender algum anseio. Sobre estas materialidades não religiosas basta verificar a segunda coluna do quadro sinótico que apresentamos no tópico anterior, na qual especificamos que tipos de materialidades estamos tratando, ao mesmo tempo que estão dispostas de forma hierárquica.

Essa materialidade está relacionada a necessidade de objetivar a romaria, ou seja, retirar esse discurso de sagrado do plano das ideias e expressa-lo de forma estética e material. Os fretantes com os quais conversamos (Dona Dôra, Seu Eloy e Jacivânia) foram unânimes ao tratar das compras como uma das atividades que compõem a romaria, A fretante Jacivânia foi mais incisiva ao afirmar que separa um dos dias da romaria como o dia das compras, para se ir ao mercado central de Juazeiro ou outros pontos comerciais afim de, adquirirem as “lembranças” de levar para casa. Geralmente esses objetos, são levados para a própria casa, como para os familiares e amigos que não puderam comparecer a romaria, junto com eles.

Interessante ressaltar que, essa terra da promessa (CAMPOS, 2008) possibilita que os sentimentos que são construídos a partir da simbologia local, aos poucos são incorporados a um contexto muito maior, onde as coisas mais simples, do ponto de vista material, torna-se importante, pois as emoções e sentimentos desses romeiros não só são subjetivos, mas torna-se palpável pelas expressões materiais.

Em Juazeiro, a busca que é interior se faz através de uma forma de devoção que desafia o modelo representacional de tal experiência que a reduz a um processo mental e cognitivo. Ainda que seja também representação, realiza-se, sobretudo, através da experiência estética, através de objetos, músicas, benditos, lugares sagrados e de divindades que são personagens históricas, de carne e osso. A representação é preeminente corporificada e assim vivida a sua verdade, localmente, enraizadamente (CAMPOS, 2008, p.157).

Uma comunicação é estabelecida entre o devoto e o divino e dele, com os demais, através dos objetos que são ofertados aos amigos, como uma forma de comunicar esse *ethos*

sagrado e de misericórdia (CAMPOS, 2013). Para Dona Dôra e outros romeiros também entrevistados é quase impossível fazer a romaria e não levar algo para algum amigo ou parente, ainda afirma que para seus oito filhos leva alguma “lembrança”

Agente faz uma economia durante o ano, para poder levar alguma coisinha pra família, eu mesmo deixo de comprar lá pra comprar aqui, não é por causa do preço, mas é porque a gente sente aquele prazer de levar daqui uma coisinha que os filhos estão precisando, uma coisinha para casa, as coisas de casa (Dona Dôra, entrevista).

Fica evidente com esse exemplo que, o que vale diante de tudo é garantir que o círculo parental e de amizade possa provar um pouco das experiências da romaria e isso se dá, através da comunicação de tudo vivido pelos sentimentos e emoções que se alimenta de uma mitologia e simbologia que faz de Juazeiro um lugar sagrado, necessário a vida dessas pessoas. São práticas como essas, ou como as outras implicadas como devocionais que, podem constituir o *habitus* que embasa a dinâmica pela qual esse processo ocorre de forma tão natural. Considerando como Bourdieu que o *habitus* se constitui:

sistema de disposições duráveis, estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1983, p. 61).

Para deixar mais claro: “o *habitus* está no princípio de encadeamento das ações que são objetivamente organizadas como estratégias, o que suporia por exemplo, que elas fossem apreendidas como uma estratégia entre outras possíveis” (*Ibid.*). A discussão já iniciada no segundo capítulo, em que tratamos sobre a dinâmica da romaria e se seus agentes, os romeiros, vai ficando mais clara a medida que o foco se desloca da pessoa do padre Cícero e se direciona ao romeiro e seu ritual, verdadeiro protagonista (BARBOSA, 2007) no sistema não só de crenças, mas propriamente ritual. É necessário, a partir dessa explanação, destacar que, o consumo do romeiro seja observado como uma categoria da romaria, ou seja, perceber esse fenômeno como parte integrante do ritual da romaria e logo em seguida, tentar refletir que aspectos o torna assim, ou o eleva a um patamar diferenciado de um consumo que satisfaz o romeiro, não pelo fato de ter o objeto, mas que o objeto é advindo de Juazeiro do Norte, terra

sagrada, santa e mítica e esse objeto pode ser para mim ou mais ainda, para os meus, no sentido de comunicar e carregar as categorias e a sacralidade do próprio lugar.

No campo simbólico, estas categorias estão em constante conexão, pois o poder que o simbólico exerce sobre o fenômeno geral está basicamente direcionado a todas as categorias encontradas no campo, tendo em vista que tanto o corpo como o espaço social sofrem as sanções que as estruturas simbólicas impõem na cosmologia de ambos.

Os símbolos são os instrumentos por excelência de “integração social” enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social a integração lógica é a condição de integração moral (BOURDIEU, 1989, p. 10).

Faço esse parêntese, referente a simbologia, afim de ressaltar a importância de toda a discussão até aqui realizada, desde os fenômenos míticos, simbólicos e a própria relação de tudo isso com a história urbana do local. Após essas discussões é preciso entender que, todo esse processo desemboca na formulação de uma materialidade que não apenas pretende ser um objeto inanimado, mas que são utilizadas como expressão não apenas dessa religiosidade e seus fenômenos, mas de toda a cosmologia que já está registrada na identidade local. O padre Cícero que é a personificação do sagrado ou mesmo, da presença mediadora que ele representa entre o povo e Deus, a utilização de tantas ferramentas da cultura sertaneja é o que caracteriza a existência de um *ethos* religioso, baseado em aspectos culturais e práticas da realidade sertaneja.

4.3 CONSUMO, RITUAL, MERCADORIA E DÁDIVA

Diante das necessidades básicas da vida dos romeiros, eles embasam suas motivações, geralmente necessidades muito singelas, do ponto de vista econômico. A materialidade da romaria e conseqüentemente sua comercialização está ancorada na necessidade que essas pessoas tem, a partir de suas realidades sociais, ou seja, além as diversas espécies de materialidades que configuram a artigos religiosos que fazem parte de um contexto mais estético e material da religião, existem outros que se estende para outros âmbitos, como o dos utensílios doméstico e as outras “bugigangas”.

Dessa forma, a continuação de determinados atos piedosos, como o doar uma imagem, rosário ou medalha permanecem nesse contexto, além dos cordões de são Francisco que são muito típicos no comércio de Juazeiro do Norte, esse cordão é utilizado nas indumentárias, das promessas ou para as vestes fúnebres de muitos sertanejos, como por exemplo, na própria

mortalha, porém, dinâmicas mais diferenciadas têm feito de Juazeiro do Norte um referencial para comércio e religiosidade.

O que se diferencia, a partir dessa dinâmica é que a própria noção de materialidades se alarga de forma muito complexa. Primeiramente é preciso definir que todo o conjunto de elementos orais e históricos da constituição de Juazeiro do Norte, como espaço diferenciado do ponto de vista antropológico, formam um conjunto de expressões reais de uma materialidade que vem anterior as representações que serão utilizadas mais adiante pelos devotos. Para o romeiro do Padre Cícero, estar em Juazeiro é uma grande realização em suas vidas, isso é visto ao grau de transcendência de sua realidade e esse estado é preciso ser comunicado aos outros, através de objetos que comprovam que a determinada pessoa esteve ali e trouxe a “lembrança” que comprova o ocorrido e transporta as categorias experimentadas, aquelas mesmas de gozo e penitência (PAZ, 2011) reconfiguradas.

Existem forças na religiosidade que só dão resultado, ao passo que ela é materializada (DURKHEIM, 2008). É nesse contexto material que a religiosidade vai ampliando seu espaço e criando ritos que levam aos poucos, a assimilar o objeto em si como componente ritual. Nossos interlocutores foram unânimes ao apresentar as compras como um aspecto relevante dos dias de romaria, chegando ao patamar de ter seu dia dentro do itinerário da romaria. Para Dona Dôra é necessário ter o cuidado para que esse dia de compras seja de preferência no último dia da romaria, para que não se corra o risco de se levar pelo desejo de comprar e ficar sem dinheiro durante os demais dias. Ainda sobre essa questão Jacivânia, romeira, afirma que:

Oriento logo os meus romeiros sobre nossa programação, temos o dia para ir as compras, visitar a fábrica de cajuína, de rapadura e de imagens. Assim fica mais fácil da gente cumprir tudo direitinho e para que não fique nada de fora (Jacivânia, entrevista).

Quando termina a romaria vemos o quanto os carros de romeiros estão lotados de sacolas e caixas de compras, sobre isso Barbosa (2007) apresenta que: “Basta observar, na viagem, os maleiros e bagageiros dos paus-de-arara e ônibus, quando vão e voltam. As mercadorias- empacotadas em caixas e sacos-são uma constante (BARBOSA, 2007, p.44). A mesma discussão de Barbosa (2007) se aproxima de Paz (2011) ao tratar dessa ambivalência “gozo e penitência”. As figuras que estão expressas no *ethos* de misericórdia (CAMPOS, 2008; 2013) não se esvaziam de um gozo, um sentimento subjetivo no qual o sofrimento é sanado pela romaria. Os interlocutores afirmam que ao término da romaria a luta para repetir a viagem no próximo ano já se inicia, interessante ressaltar que as mercadorias adquiridas na romaria

satisfazem geralmente necessidades do cotidiano, como a terra sagrada é o lugar da promessa, então as realizações mais comuns só é possível pois ocorre ali, com as restrições próprias da situação econômica, mas é em Juazeiro que se pode comprar e pagar, satisfazer uma necessidade básica ou mesmo ter o direito a um “luxo”, por mais simples que seja.

Figura 35 – Diversidade de Objetos nas feiras das romarias



Fonte: Fagner Andrade, 2019.

Os interlocutores afirmam que não fazem outros tipos de passeios durante o ano, apenas a romaria, talvez seja essa uma questão central que possa ajudar a compreender as relações que se estabelecem entre materialidades, penitência e gozo. Geralmente utilizam a expressão “Essa viagem é santa”; “É a única festa que tenho no ano” e assim por diante. Eles vão expressando o quão realizados a romaria o tornam. Por isso, não podemos compreender as diversas manifestações dissociadas do contexto religioso, as subjetividades em contato com o terreno fértil que se torna a espacialidade de Juazeiro do Norte, reconfigura práticas tão comuns como, abastecer os expedientes cotidianos da vida das pessoas a outro nível que não seja simplesmente o trivial.

Desta forma o ato de adquirir uma simples panela, lençol ou rede por exemplo, tomam outras conotações muito mais complexas. Primeiro, pela realidade social dessas pessoas que muitas vezes não possibilitam isso, conseqüentemente tal garantia só é dada pela romaria e nisso o discurso religioso perpassa as motivações e justificativas que eles elaboram, tanto pelo ato de comprar tal produto, como anterior a isso fazer a peregrinação.

O espírito de reciprocidade, sociabilidade e espontaneidade em que são normalmente trocadas – são em geral postas em oposição ao espírito ganancioso, egocêntrico e calculista que anima a circulação de mercadorias. Ademais, enquanto presentes vinculam coisas a pessoas e inserem o fluxo de coisas no fluxo de relações sociais, mercadorias supostamente representam o movimento em grande parte livre de coerções morais ou culturais de bens uns pelos outros (APPADURAI, 2008, p. 25).

As dinâmicas sociais da forma prática, pelas quais as pessoas experimentam o contato com o sagrado, geralmente perpassa pela materialidade que se torna algo tão necessário a expressão religiosa. Sabemos que, no âmbito desses santuários, os ex-votos, imagens, rosários, medalhas e tantos outros objetos são encontrados em grandes quantidades, o que não difere em Juazeiro do Norte. Porém entre Juazeiro do Norte e outros santuários de romarias, mais locais como é o caso do Morro da Conceição em Recife e de São Severino dos Ramos em Paudalho, o que é diferente é que neste caso, como já citado, a cidade torna-se o santuário com locais específicos que marcam simbolicamente a crença e suas manifestações. Dessa forma uma complexidade se estabelece sobre a questão da materialidade, nas ruas de Juazeiro, grandes disposições de objetos distintos compõem o cenário o que Daniel Miller (2013) denomina de “trecos”.

Porém, nesse contexto, ela assume outro nível ao passo que a vida prática das pessoas é inserida diretamente a esse sistema. Assim, portanto, a objetividade é redirecionada para alcançar o status de sagrada, muitas vezes de forma não planejada, os interlocutores não a apresentam dessa forma, porém isso é configurado a uma dinâmica de mercadorias.

Dentro dessa discussão não podemos negar categorias como o fetichismo, mesmo tratando de uma pesquisa que não teve como mote central o debate em torno do marxismo. É preciso descrever que, mesmo assim, tal categoria se faz presente, através da prática cultural pela qual os “valores” são atribuídos as coisas dentro de um determinado contexto, levando em consideração realidades e o próprio mundo mercantil.

O caráter fetiche das mercadorias não é pois, resultado da alienação das consciências, mas resultado nas consciências e para elas da dissimulação das relações sociais em e sob suas aparências. O fetichismo da mercadoria não é produto singular, subjetivo de uma história individual, mas o produto geral e objetivo de uma história coletiva, a história da sociedade. Já que seu fundamento existe fora da consciência, na realidade objetiva de relações sociais históricas determinadas, este fetichismo só pode desaparecer com o desaparecimento destas relações sociais (GODELIER, 1981, pp. 67-68).

Diante disso, é preciso perceber que mercadorias estão se inserindo nessa contextualização. Como já apontado na tabela do primeiro tópico deste capítulo, são objetos próprios da dinâmica de feira livre que toma conta do roteiro dos romeiros durante as romarias, talvez seja um indicativo dessa proximidade dos romeiros com esse contexto, sabendo que esse panorama é tão próprio da realidade dos sertanejos. Nela nós encontramos praticamente todos os utensílios domésticos de panelas a pratos, de talheres a copos e canecas, de lençóis a redes e panos de prato, de toalhas a tapetes, de roupas a bijuterias, além de tantos outros “trechos” (MILLER, 2013) como de tecnologias e engenhocas que os vendedores apresentam, que lotam calçadas, ruas e vias. Esses objetos, mesmo de utilidades cotidianas comunicam algo para quem adquire ou quem recebe, trata-se de uma experiência que torna as pessoas subjetivamente mais livres e cidadãs (BARBOSA, 2007), mesmo que amparadas por um discurso religioso e mítico.

Figura 36 – Típico comércio de panelas e outros alumínios de Juazeiro



Fonte: Cariri Revista, 2020.

No exemplo de Dona Dôra (entrevista) nós encontramos esses pormenores com mais clareza, quando questionei sobre as mercadorias adquiridas, ela afirmou: “comprei duas sacas de lembranças” o que é mais interessante é que nenhuma imagem, rosário ou medalha estava sendo levado nesses pacotes e sim, utensílios domésticos para sua família, as lembrança da romaria. Aprofundamos o questionamento se existe uma diferença de preço para se comprar ali, ao invés de na sua própria terra, a mesma afirmou que, não é só questão de preço e que, por

trabalhar o ano todo para gastar no Juazeiro, levar de lá faz com que as pessoas fiquem mais “felizes”, principalmente os que estão sem condições de fazer a romaria.

Para uma pessoa que não pode ir a Juazeiro receber uma lembrança é praticamente uma “graça do Céu” e, mesmo trazer essa graça é sinal de que tudo ocorreu dentro do esperado. Vale ressaltar que no caso estudado, esse processo ocorre não apenas entre as pessoas, mas também entre as pessoas e os santos ou entidades que fazem parte dessas cosmologias, porém a própria cidade com a presença do sagrado, em diversos lugares pode automaticamente comunicar-se com o divino, já que não apenas pela penitência se alcança esse patamar, mas com o gozo experimentado até pelo poder de compra e de satisfazer-se materialmente, mesmo que essa materialidade não seja “sagrada”, do ponto de vista dos seus usos.

Referente a essas ações podemos associar a discussão de Bourdieu, ao discorrer que “o gosto (...) é que comanda às práticas objetivamente ajustadas a tais recursos. Ele é o que faz com que um indivíduo seja detentor do que gosta porque gosta do que tem, ou seja, as propriedades que lhes são atribuídas, de fato nas distribuições e fixadas por direito nas classificações” (BOURDIEU, 2007, p.166) são, pois nesse âmbito da religiosidade da prática romeira, resultado de uma socialização, em que, culturalmente falando, existe uma maior abertura para expressões das socializações particulares, do que já definimos como realidade prática.

Para que a troca possa ocorrer de forma ritualística é necessário que o outro seja parcela de mim no sentido da natureza, ou seja, a dádiva oferecida só pode ocorrer a partir de alguns parâmetros de relação, como o próprio parentesco. Para Dona Dôra (entrevista) essas lembranças são ofertadas aos filhos ou outros parentes e amigos, geralmente vizinhos, onde outros sistemas de trocas são constantemente realizados pelas necessidades do cotidiano.

Compreende-se logicamente, nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois, aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente (MAUSS, 2003, p. 200).

As “lembranças” dos romeiros dizem muito sobre que tipo de moralidades são estabelecidas entre eles. O dar nessas situações vai, muito mais além do presentear, é o dar-se por completo, em todas as instâncias humana, entre elas, o próprio espiritual (MAUSS, 2003) que está ali no objeto, mas não é o objeto em si, são os sentidos que lhe conferem (GODELIER, 1981), até porque, ele pode ser algo de utilidade religiosa ou não. O importante é que se venha

de Juazeiro, carregando as categorias necessárias como as “sagradas” e que assumam esse status. Na experiência com os interlocutores como seu Eloy (entrevista), por exemplo, é imprescindível que para seus familiares que ele leve alguma coisa de Juazeiro, confirmando a sua estadia ali e ao mesmo tempo, o seu contato com o sagrado.

Quando chego em casa, os netos, as filhas já vêm me procurar saber o que trouxe para elas, aí reparto tudo direitinho, sempre que venho a Juazeiro não posso deixar de levar alguma coisinha, principalmente para os netos que não puderam vir e as filhas também que ficam ansiosas esperando (Seu Eloy, entrevista)

Voltando um pouco a discussão do “chamado”, afim de elucidar ainda mais esse tópico, o próprio já traz embutido esse processo de dádiva (BARBOSA, 2007). Se cria a partir desse contato, uma necessidade de retribuir ao santo e as pessoas, o favorecimento de conseguir chegar ali, dessa forma, fazer a peregrinação é um desafio superado, primeiro pelas dificuldades econômicas e segundo pelas outras perspectivas práticas como saúde, ou mesmo ritualísticas que são componentes tão importantes para o bom êxito da romaria.

Talvez isso seja um jogo, uma diversão, uma festa presente no comércio, no dar e retribuir as dádivas dos santos. Daí a importância da repetitividade da romaria, que traz alguma semelhança com a redundância ritual do círculo mágico e, sendo um ritual iniciático, se estrutura também- no entendimento de Mauss- à maneira do sacrifício. (BARBOSA, 2007, p. 78).

A discussão de Francisco Barbosa (2007) perpassa pelo âmbito da ritualidade e sua repetitividade, porém sua colocação nos ajuda ainda mais, a aprofundar o debate e esclarecer o quanto categorias, como a de dádivas, estão presentes no contexto da romaria. Só que o que difere na nossa discussão é o quanto essa mesma categoria está para além do fato da sua repetição e aplicação, pois existem tantas questões da subjetividade desse público que, ainda não foram esclarecidas efetivamente, uma delas é a própria utilização desse ritual de troca no sentido comunicativo.

Por isso a afirmativa de praticamente todos os romeiros sobre essa necessidade da chamada “lembrança”, nesse processo ritual. Para o romeiro Almir é natural levar alguma coisa de Juazeiro, como lembrança de tudo que viveu, porém, sua orientação vai muito mais no sentido de levar objetos religiosos, como recordação da romaria. Almir vem de uma forte tradição religiosa, mesmo sendo jovem faz questão de manter sua cosmologia católica que, o coloca em forte conexão com a materialidade que é mais direcionada ao sagrado.

A capela de minha comunidade, considero uma extensão de Juazeiro na minha terra, por isso, prefiro trazer imagens e outros artigos religiosos. Sei que as pessoas gostam de pedir coisas de Juazeiro, mas minhas lembranças procuro trazer sempre alguma imagem ou outros objetos religiosos que podemos encontrar bastante em Juazeiro. (Almir, entrevista)

Existe, nesse contexto, mecanismos e modos pelos quais eles constroem as opções, como eles escolhem os bens a serem adquiridos. Como grande parcela de nossos romeiros vem de uma realidade rural e de pequenas cidades suas escolhas geralmente são feitas a partir de sua reduzida capacidade econômica. Tanto na participação no grupo de Dona Dôra, como nas conversas com outros romeiros ficou evidente que, geralmente eles já vêm a Juazeiro, com uma concepção pré-estabelecida do que vão poder adquirir. É interessante perceber que o termo “lembrança” pode ser utilizado, tanto no sentido de presentear a outros, como de adquirir para si próprio.

Geralmente os bens advindos da romaria são escolhidos, a partir de uma realidade prática “coisas que eu preciso no meu dia a dia”, mas que só podem ser adquiridos se o valor econômico estiver dentro das possibilidades do romeiro. Esses produtos não estão em competição, com os que são a priori, destinados ao sagrado, até porque é comum encontrarmos no comércio essas duas dimensões num mesmo espaço, numa mesma loja. Desta forma estão interconectados, não pelos sentidos atribuídos, mas pela necessidade material que precisa ser sanada. Sobre as prioridades de objetos, basta verificar o quadro que apresentamos no início desse capítulo, sobre essa discussão Dona Dôra e Elisandra afirmam:

Separei uma cadeira do ônibus para levar duas sacas de coisinhas que comprei para a família e pros amigos, a gente junta um dinheirinho para levar daqui, todo ano coisas que precisa em casa, uns alumínio, uns lençol e tal, não é pelo preço é que aqui é bom de comprar (Dona Dôra, entrevista).

Eu venho todo ano, amo fazer minha romaria, estar pertinho de minha mãe das Dores e do meu Padrinho Cícero, fazendo minhas orações, gostaria muito que meus amigos estivessem comigo, mas como não podem costume levar as lembranças para eles (Elisandra, entrevista).

“O mundo vivido e o imaginado fundem-se sob a mediação de um único conjunto de formas simbólicas” (GEERTZ, 2008, p. 82). As moralidades tem implicações direta na forma como as coisas são vistas e apreciadas, portanto não apenas o ritual, mas sua relação com os parentescos e outros âmbitos da socialização dos indivíduos, produz um conjunto de elementos que perpassa não só pela subjetividade das pessoas, mas pela sua dimensão mais

prática/política, ou seja, a própria ideia de “boa vizinhança”. Para esses devotos do Padre Cícero, as coisas comunicam as experiências para os seus.

O mundo simbólico no caso das romarias de Juazeiro do Norte é comunicado pelas coisas. Esses objetos encontrados no comércio da romaria se situam dentro do mundo simbólico, como ferramentas de “transporte do sagrado”, ele se diferencia não por sua originalidade, mas por estarem ali compondo a cena, fazendo parte de um contexto em que, as cosmologias agem diretamente sobre a realidade prática, através do poder que a religião e cultura tem de ressignificar as coisas e situações. O sagrado habita o lugar e até mesmo as pessoas, como por exemplo, a compaixão que é comunicada em cada ato de gentileza e hospitalidade (CAMPOS, 2013, p. 123), uma prova dessa relação é como a que encontramos em comerciantes, como Socorro e Cícero que a mais de 15 anos trabalham com romeiros. Eles mantêm uma espécie de laços de amizade, que reforçam compromissos e motivações, hospitalidades e gentilezas que os romeiros estabelecem com pessoas do local, geralmente os comerciantes.

Dessa forma, as narrativas que os romeiros utilizam nos seus discursos, não são apenas no plano ideológico, eles criam sentidos e realidades vividas e repassadas aos outros, principalmente pelas coisas apresentadas. Voltando ao exemplo do casal de comerciantes, são relações como essas que, são constituídas que fazem com que, os interlocutores afirmem o seu desejo de morar ou “morrer no Juazeiro”, falas como essas se configuram a própria ideia de encontro com categorias que são vividas pelos romeiros, categorias que ressignificam e reconfiguram sua existência, são sonhos, desejos, “liberdades” como também, compaixão, solidariedade e outros que, entrem em cena, motivando e formulando dogmas e até esmo formas de se relacionar com o “sagrado”.

Essas formas de se relacionar com o sagrado, nada mais são do que uma expressão que encontra na materialidade aporte para suas ideias básicas, como também, da própria ritualização. O que antes era uma intensa comercialização de artigos religiosos e que perdura até hoje, se reconfigura em direção a uma dinâmica muito mais intensa no que tange a coisas do cotidiano que não estão implicados como “religiosos”, mas que mesmo assim, carregam determinadas ênfases atribuídas pelo contato e por serem advindas do determinado contexto.

Talvez possa enriquecer o modo de perceber a romaria, trazendo para dentro do sagrado, sem separações, rupturas ou dicotomias, a vida profana mundana, política do romeiro que reproduz a cidade santa, celeste, alhures. Numa Palavra, o romeiro reproduz a unidade do mundo com seu centro eterno, no Joazeiro celeste (BARBOSA, 2007, p. 80).

Essas relações sociais estabelecidas entre pessoas e coisas, não é apenas uma simples troca, ali existem subjetividades que são expressas pelo discurso que acompanha a lembrança ofertada. A pessoa que recebe o objeto, entra num ritual que lhe confere, a obrigação de na romaria que fizer, também trazer algo para aquele ou aquela que já o presenteou anteriormente. Interessante que, a circulação desses objetos, entra num circuito obrigatório, os interlocutores foram unânimes na necessidade de que não se pode vir a Juazeiro e não levar nada, pelo menos para os mais próximos. Isso evidencia ainda mais que, o romeiro reproduz essa unidade (BARBOSA, 2007) através de tais expressões que envolve determinadas categorias próprias do contexto ritual.

O que diferencia para esse contexto é que, não é apenas a utilidade do produto em si que o caracteriza como componente do ritual, nem tão pouco o status de ter tal mercadoria como posse. O que a define é a inserção, primeiro pela espacialidade sagrada e vivida pelos romeiros e depois pela capacidade de transportar as experiências vividas, o objeto é a prova de que o ritual foi vivido ao passo que, a sacralidade é comunicada ao grupo ou pessoa individualmente, tendo em vista que, a noção de sagrado aqui abrange um contexto muito mais amplo, onde diversos atores entram em cena e o configuram assim. Já tratamos anteriormente que não é apenas a figura do Padre Cícero, mas também dos beatos (BARROS, 2008) e de outras mitologias.

4.4 MATERIALIDADE E EXPRESSÃO DO SAGRADO

A expressão material dos romeiros, configura-se muito aproximado a uma dimensão que ela se torna um canal de comunicação entre as pessoas e a divindade. O que nos deparamos durante a pesquisa é que, essa utilização de produtos “profanos”, ou seja, que não estão isolados (DURKHEIM, 2008) do cotidiano, não são vistos como algo externo a romaria, alguns romeiros até analisam tal presença como um milagre do padrinho Cícero. Seu Eloy afirma que Juazeiro é o que é hoje por causa do Padre Cícero, quando questionei sobre esse comércio ao redor dos romeiros a justificativa veio também pelo âmbito do sagrado, pois na cosmologia do Seu Eloy, as pessoas estão no Juazeiro devido o Padre Cícero e por causa dele, os comerciantes podem vender seus produtos e, os romeiros, assim estão ajudando também, aquelas pessoas a “levarem seu pão para casa”.

Juazeiro não era nada, era uma vila pequena sem vida, depois do Padre Cícero e de milagre tudo cresceu a cidade, hoje todo mundo pode viver aqui por causa do milagre dele que é as romarias, todos podem trabalhar, vender de tudo que sai, é tudo

milagre do padrinho que ajudou esse povo a viver e levar o pão para casa (Sr. Eloy, entrevista).

Essa colocação do seu Eloy se aproxima das discussões apresentadas por Roberta Campos (2013) sobre a penitência a misericórdia ou mesmo, a própria prática dos pedintes. Para os penitentes “Ave de Jesus”, grupo que a autora pesquisou, o próprio ato de pedir a esmola ajuda a quem dar a, praticar a caridade e assim, também alcançarem os benefícios de Deus. Juazeiro terra de misericórdia, essa expressão nos indica ou pelo menos, nos sugere que a penitência/peregrinação é mais que um momento ritual: é a identificação de um lugar e de suas qualidades e daquelas pessoas que são de lá (CAMPOS, 2013, p. 148). Nessas relações o que se sobressai é praticamente uma teatralização do mundo (NOBRE, 2011) e das experiências vividas que são ressignificadas, como o exemplo dado por seu Eloy.

O que observamos é que essa materialidade tem implicações diretas no contexto mais amplo, primeiro, por assumir uma utilidade prática, já que ela diz muito da própria realidade das pessoas e segundo, pela própria cultura de consumo, que essas pessoas, mantêm a partir do primeiro fator. Um exemplo disso é o caso de uma panela que se é adquirida como lembrança da romaria, esse utensílio aproxima o sagrado por dois âmbitos, primeiro, porque o produto advém do contexto religiosos e ritual e, em segundo lugar, pela sociabilidade e o emprego de categorias sagradas, não apenas na comercialização, mas na sociabilidade que as pessoas utilizam e nisso, todos os recursos e valores das moralidades existentes.

Esses diálogos que tivemos com os romeiros nos deram muitos elementos para perceber que a materialidade nas romarias de Juazeiro do Norte, configuram na dinâmica social das pessoas a utilidade e uma justificativa cultural e religiosa. Essa justificativa de obter determinado produto, amplia a pessoa e seus horizontes, fazendo com que, um simples poder de compra, a insira num plano social de comunicação com o outro, mas ancorada nos processos explicativos que a cosmologia e seus símbolos garantem, tanto dentro do espaço ritual, como fora dele, no caso estudado, o ritual está também onde as pessoas se ampliam, do ponto de vista externo e material.

A forma como os romeiros lidam com as coisas, expressa numa certa dimensão, uma continuidade de si e do sagrado. Não é exagero afirmar tal ideia, até porque, o que se pretende com o objeto adquirido nas romarias não é apenas presentear, mas oferecer ao outro uma “dose” do que se viveu nos dias em que esteve em Juazeiro. O que se difere de outras observações realizadas em santuários como o Morro da Conceição no Bairro de Casa Amarela em Recife

(2018, 2019).⁵¹ O que podemos constatar é que, mesmo com todas as dinâmicas de festa e sociabilidade que existem entre as famílias, a predominância é da comercialização de objetos de teor religioso como terços, camisas, medalhas, velas, imagens, flores, escapulários e também, o famoso calendário com a estampa de Nossa Senhora da Conceição.

Sabemos que existem diferenças muito claras entre esses santuários, primeiro pelas dimensões, sabendo que em Juazeiro a cidade toda torna-se santuário. Segundo pela questão de que as romarias do Morro da Conceição são locais, ou seja, não abrange outros estados em número e atrativo como em Juazeiro do Padre Cícero, assim a simbologia muda totalmente, isso nos ajuda a compreender que os contextos religiosos são distintos e por tanto, não passíveis de uma interpretação que os iguale em suas perspectivas e impactos na realidade prática das pessoas.

Mesmo com uma intensa programação, paralela as religiosas, o que se sobressai na romaria é o ritual. A comercialização de objetos destinados ao sagrado. Nesta romaria do Morro da Conceição de Recife é hegemonicamente predominante, também existem outros produtos como alguns artesanatos em madeira e argila e material reciclado, só que a procura dos devotos está nos produtos de teor religioso, principalmente a imagem de Nossa Senhora da Conceição, flores que serão ofertadas ou levadas como lembrança da festa, velas que são acesas pelos devotos em enormes velários que ladeiam o monumento da santa. Um produto que é típico de muitos locais de visitação é a famosa fitinha, que tanto no Morro da Conceição em Recife, como em Juazeiro do Norte, torna-se um produto quase que insubstituível no sentido performático.

Geralmente na fitinha está escrito a sua origem, ainda acrescentado que é uma lembrança de determinado santo e, para se fazer três pedidos. Interessante que ao mesmo tempo que a simples fitinha é uma singela lembrança para o devoto, também carrega as categorias sagradas, pois nela está a possibilidade de pelo menos, um dos três pedidos serem alcançados. Alguns devotos prendem na grade do monumento do Padre Cícero, a tradicional fitinha está em outros locais, como também a Igreja do Bom Fim da Bahia, uma das principais crenças que se mantém é que no dia em que a fitinha romper do braço a “graça é alcançada”. Essa performance se associa a uma relação muito intensa entre o devoto e o local sagrado, ou seja, a fitinha representa e é portadora do divino e do sagrado.

⁵¹ Romaria local na capital pernambucana, que abrange grande parcela de católicos em Recife em dez dias de festividades no Bairro de Casa Amarela.

Figura 37 – Tradicionais fitinhas das romarias de Juazeiro



Fonte: Google imagens, 2020.

Para Diane Nobre (2011) essa prática em Juazeiro, se originou a partir da tradição de prender cadarços na caixinha onde ficavam os panos do milagre da hóstia. “Esses cadarços como ficaram conhecidos eram feitos com fitas comuns. As pessoas mediam a caixa de vidro onde estavam os panos manchados de sangue e levavam para suas casas como recordação da visita ao Juazeiro” (idem, p.136). Tanto num caso como em outro, essa centralidade que a materialidade assume, em suas diversas faces, só corrobora ainda mais, o quanto esses elementos dizem muito sobre as diversidades de perspectivas para o sagrado e como eles se reconfiguram ao longo do tempo. Ter a posse de tal objeto reforça ainda mais as motivações que a religião produz nas sociedades, um bem que não é apenas uma recordação, mas a própria presença, seja ela humana ou de uma entidade divina.

Os bens podem ser vistos como uma oportunidade de exprimir o esquema categórico estabelecido por uma cultura os bens constituem uma oportunidade de dar matéria a uma cultura como qualquer outra espécie de cultura material, os bens permitem que os indivíduos discriminem visualmente entre categorias culturalmente especificadas codificando essas categorias sob a forma de um conjunto de distinções materiais (MCCRACKEN, 2007 p. 202).

Quando nos deparamos com exemplos, como os de nossos interlocutores, percebemos o quanto essa materialidade é fundamental para que, a romaria seja bem-sucedida, tanto para si como para os seus que aguardam a “lembrança” do santo Juazeiro. Não podemos dissociar esse

consumo de outros aspectos, para não correr o risco de reduzir esse fenômeno a simplesmente um fator econômico, mas buscar compreender um sistema que está no âmbito da própria interação humana e essa interação, não se encontra entre os seres humanos apenas, mas também com o mundo espiritual, para os romeiros não é possível dissociar a existência prática humana e de consumo dos acontecimentos do mundo espiritual, eles estão totalmente interconectados.

os bens de consumo definitivamente não são meras mensagens, eles constituem o próprio sistema, tire-os da interação humana, e você desmantela tudo. Ao serem oferecidos, aceitos ou rejeitados, eles reforçam ou solapam as fronteiras existentes. Os bens são tanto o hardware quanto o software, por assim dizer, de um sistema de informação cuja principal preocupação é monitorar seu próprio desempenho (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2006, p. 120).

No processo de relação que se estabelece pelos bens de consumo, entre os romeiros, se espera que ele transporte tais informações que são almeçadas por quem oferece, geralmente a “lembrança” oferecida é acompanhada de um ritual comunicativo, onde os principais fatos da romaria são apresentados a quem recebe o objeto e monitorado pela própria pessoa que ofertou, a aceitação é crucial. Alguns romeiros, como Dona Lúcia Cabral de Maceió (entrevista) relata que hoje em dia é muito difícil escolher algo para os amigos, devido que sua tradição, sempre foi de levar objetos religiosos como imagens e terços, só que hoje as pessoas querem outros objetos como bijuterias, relógios, sandálias de couro e assim por diante.

Dona Lúcia ainda afirma que: “levar alguma coisa aqui para os amigos e familiares é levar a própria alegria daqui para eles”. A colocação da romeira corrobora com a experiência de Dona Dôra pelo sentido de que, o objeto levado é um canal de comunicação ao mesmo tempo que, detém as informações, ele não é oferecido abruptamente, existe uma relação dialógica em que o produto não só é comunicado ao falar da utilidade dele e porque o escolheu, mas ao mesmo tempo ele se comunica, já que ele está inserido completamente no processo ritual e já é visto assim.

Romaria é ritual, oferecer o objeto é ritual, podem haver mudanças na perspectiva do que oferecer, como apontado por Dona Lúcia, não se trata simplesmente de escolha “inocente” do ponto de vista subjetivo, mas para se oferecer algo é necessário determinados graus de utilidade, o que vale salientar que não se trata de uma escolha simplesmente espontânea, alguns parâmetros foram observados, desde os sentimentos que se cultiva por tal pessoa, até a utilidade do produto pelo recebedor, mecanismos subjetivos das possíveis reações que a determinada pessoa pode ter, ao receber ou utilizar tal utensílio, geralmente essas motivações são também analisadas, através da praticidade que a realidade dessas pessoas oferece.

Para Elisandra de Sergipe, levar uma “lembrança” para um amigo é primordial, seja qual for o objeto, como citamos no quadro acima, existe certo grau de procuras e que alinhamos em um processo hierárquico. Esses objetos, por sua vez, não estão só direcionados a outrem, mas ao próprio uso, porém muito do que se adquire é escolhido a partir das necessidades básicas de quem vai receber. Elisandra acrescenta “Eu sempre compro muitas coisas para os amigos, é importante levar alguma coisa para as pessoas que a gente conhece e gosta”.

Compreende-se logicamente, nesse sistema de ideias, que seja preciso retribuir a outrem o que na realidade é parcela de sua natureza e substância; pois, aceitar alguma coisa de alguém é aceitar algo de sua essência espiritual, de sua alma; a conservação dessa coisa seria perigosa e mortal, e não simplesmente porque seria ilícita, mas também porque essa coisa que vem da pessoa, não apenas moralmente, mas física e espiritualmente. (MAUSS, 2003, p. 200)

A proposta do autor acima versa sobre o *potlatch* na Polinésia, porém ela pode ser muito bem associada a essa realidade que se pretende refletir nesta pesquisa, sabendo que na relação de presentear com a chamada “lembrança”, o indivíduo adentra um sistemas de relações onde se estabelece a obrigação de dar, como também a obrigação de receber. Daí esse ciclo de consumo infundável dos romeiros se instala e a cada ano reconfiguram essa obrigação as necessidades básicas do cotidiano, ou seja, utiliza-se as ferramentas do sagrado para acessar sistemas que só reforcem ainda mais, uma dinâmica de consumo que encontra na cultura o seu embasamento argumentativo.

Para todos esses romeiros, a figura mítica do Padre Cícero está de certa forma presente, tanto nos argumentos como nas motivações que fazem com que, os romeiros peregrinem e desenvolvam tais rituais e expressões. Quando questionamos qualquer romeiro referente suas aspirações, sempre a figura do Padre Cícero aparece, como grande mediador em todo esse processo que propomos aqui estudar. Tudo isso é que reverbera no fortalecimento do mito.

Para Lévi-Strauss a história do mito é importantíssima, para se compreender toda a lógica desse fenômeno. “As histórias de caráter mitológico são, ou parecem ser, arbitrárias, sem significado, absurdas, mas apesar de tudo dir-se-ia que reaparecem um pouco por toda parte. Uma criação fantasiosa da mente num determinado lugar seria obrigatoriamente única” (LÉVI-STRAUSS, 2010, p.22). O que conseqüentemente tem efeitos práticos e objetivos na vida das pessoas, a relação com o sagrado nesse contexto é central, pois a mesma fornece elementos não apenas argumentativos, mas inclusive constitutivos de uma cosmologia de vida que é assumida, muitas vezes sem nenhum questionamento prévio.

As compras da romaria, por exemplo, são efetivamente um ritual incorporado nesse processo da romaria. Por mais que os romeiros não o tratem dessa forma, não podemos desconsiderar tal possibilidade e sua perspectiva, sabendo que a romaria é um ritual completo, dentro dela, outros tantos números de ritos são desenvolvidos, inclusive as compras que no calendário dos interlocutores não pode deixar de ser contempladas. Nas entrevistas com os romeiros, quando questionamos sobre esse “ritual”, geralmente os mesmos atribuem a uma necessidade da romaria, “levar alguma coisa para quem ficou”, dessa forma se está presente na programação é componente ritual, pois compõem assim, toda uma programação pré-estabelecida.

Para os nossos interlocutores comprar não é justificado como sagrado, ou ritualístico, porém quando questionamos referente ao uso desses objetos a resposta geralmente nos leva a uma compreensão de que, tal materialidade, assume uma categoria intermediária, ou seja, ela torna-se sacralizada/consagrada a medida que veio do santuário/cidade. A partir de tal perspectiva os usos e sua relação passa por um processo que envolve a praticidade e a subjetividade desses romeiros que, ressignificam o próprio objeto em si.

Juazeiro é uma terra santa, o Céu encantado com certeza, a presença do padrinho é muito forte, estar em Juazeiro é um momento único, lá tudo se santifica, diante do túmulo do padrinho faço meu exame de consciência e sinto uma força muito forte que aumenta minha espiritualidade (Almir, entrevista).

Mais uma vez nos esbarramos diante do tema da representação, essa categoria está distante de ser deixada de lado, principalmente quando temos vivido cada vez mais novos arranjos de identidades, inclusive na própria prática da religiosidade, onde nesse espaço também o capitalismo, encontra formas de se inserir e se reinventar. A utilização de objetos não religiosos não quer dizer que não represente o sagrado, no contexto de Juazeiro o sagrado, está por toda parte, nos locais, nas ruas, nas pessoas, nos discursos e na forma de se relacionar com todos. A materialidade aqui carrega essa dimensão ampla do sagrado, transportando-a para onde quer que se dirija, o que não quer dizer que os objetos religiosos não tenham também sua importância, porém o destaque aqui está sobre as coisas “não sagradas” que se transformam em vetores do divino.

Assim, o simbolismo se associa ao prático da vida em consonância com o êxtase vivido no período da peregrinação. Por isso, que as emoções são fundamentais para se entender o que a “lembrança” representa, na constituição de todo esse processo de dar, receber e retribuir. Levando em consideração o contexto da romaria, esse processo de dádiva (MAUSS, 2003) só

ocorre a medida que não se desconsidere a mercadoria e até categorias como fetichismo, embora não seja nossa intenção discorrer sobre tais categorias, tendo em vista sua corriqueira utilização já nas ciências sociais de modo particular.

Essa discussão apresento a fim de deixar o mais claro possível que nosso interesse não é simplesmente uma visão capitalista do fenômeno, mas perceber que essas categorias estão como pano de fundo dos processos relacionais pelos quais essas pessoas constroem a sua aproximação com o comércio local e com as necessidades transformadas em dádiva. A relação solidária segundo Marvin Harris (1978) quando trabalha a obra de Mauss é em grande medida, de onde dependem essa relação do princípio da reciprocidade. É inegável o quanto os romeiros entre si vivenciam uma forte experiência de solidariedade. Muitos dos meus interlocutores, relatam que existe uma grande “partilha” quando estão em juazeiro, seja de alimento ou mesmo, das despesas de passagem ou hospedagem com aqueles que não dispõem de tanto recurso para ir à romaria.

Essa relação simbólica junto a solidariedade, poderíamos atrelar ao que na introdução da obra de Mauss, Lévi-strauss discute sobre o mana; nele, estão as disposições necessárias para que todo o processo simbólico subjetivo possa transcorrer de forma eficaz, ocasionando os impactos esperados pelos indivíduos.

O mana não é senão o reflexo subjetivo da exigência de uma totalidade não percebida. A troca não é um difícil complexo, construído a partir das obrigações de dar, de receber e de retribuir, com o auxílio de um cimento afetivo e místico. É uma síntese imediatamente dada ao e pelo pensamento simbólico que a troca como em qualquer outra forma de comunicação, supera a contradição que lhe é inerente de perceber as coisas como os elementos do diálogo simultaneamente relacionadas a si e a outrem, e destinadas por natureza a passarem do um a outro. Que elas sejam de um ou de outro representa uma situação derivada relativamente ao caráter relacional inicial (LÉVI-STRAUSS, 2003, pp. 40-41).

A perspectiva de dádiva dos nossos interlocutores está muito mais num plano cultural/religioso do que propriamente num plano analítico sobre o fetichismo e suas teorias, não estamos negando que exista tais perspectivas, porém nosso recorte não pretende discutir tais categorias como já relatado. Tanto para pesquisadores, como para muitos de nossos entrevistados, o que se sobressai é uma espécie de experiência material justificada, ou mesmo ancorada, numa perspectiva religiosa, ou seja, para essas pessoas não se trata apenas de um consumo meramente fetichista, mas um processo de satisfação do ponto de vista espiritual. Para

Dona Dôra, a panela que ela adquire em Juazeiro do Norte tem algo especial, fora do contexto comum de um simples uso na cozinha de sua casa, para a mesma:

Quando eu vejo tal coisa que eu levei de Juazeiro, aquilo enche o coração de alegria, porque sei que foi do santo Juazeiro, me lembro de tudo de bom que a gente faz no Juazeiro, é uma lembrança dessa viagem santa, das coisas que a gente faz aqui é uma satisfação grande vir no Juazeiro (Dona Dôra, entrevista).

A afirmação de Dona Dôra nos coloca diante de uma perspectiva referente aos pontos de memória que fazem reviver o prazer a felicidade que a romaria proporcionou. Uma questão nos ficou muito clara, o consumo de objetos não religiosos está muito mais associado a uma dinâmica que se aproxima de uma certa realidade que não está associada as mais ortodoxas da Igreja católica, ou seja, para determinados romeiros que não tem tanta atuação ou presença na instituição católica, a procura por esses tipos de materialidade são muito mais intensas do que os demais que, pelas falas demonstraram mais atuação dentro do contexto do catolicismo, geralmente definidos, a partir de sua presença em algum movimento de leigos católicos ou mesmo a própria presença dentro das Missas em suas respectivas comunidades de origem

Esse dado foi obtido a partir da comparação do grupo do sr. Eloy (Sergipe) e o de Dona Dôra (Pernambuco), sr. Eloy, enquanto homem de atuação e familiaridade mais intensa com a instituição tem um discurso mais doutrinário, ou seja, muito mais ligado aos rituais tradicionais do catolicismo e isso de certa forma reverbera no próprio grupo de romeiros que ele lidera e que também, são integrantes de sua comunidade religiosa. Por outro lado, o grupo de Dona Dôra diverge nessa questão, de todo o grupo quase nenhum dos romeiros tem uma atuação na sua paróquia ou comunidade religiosa de sua cidade, o que predomina são discursos e doutrinas muito mais arraigados numa realidade do cotidiano dessas pessoas. Pois as cosmologias interagem diretamente com as dinâmicas sociais e culturais dos mais diversos grupos.

Enquanto os objetos sagrados não apenas representam, mas são coisas sagradas, numa relação “metafórica e metonímica”. Os objetos cotidianos se constituem, a partir de um contágio da sacralidade que está, não apenas na igreja ou outro local específico, mas em toda a cidade Juazeiro. Dessa forma ele transporta as categorias necessárias não para transforma-lo em um objeto de culto, mas como comunicador de todo o misto de sentimentos e emoções que são vividas pelos romeiros em Juazeiro, durante os dias de romaria. Não é um objeto profano que se torna sagrado, mas se contagia do sagrado que reverbera diretamente nas relações sociais e culturais dos romeiros.

Desta forma, essa materialidade e a relação com a mesma adentra um contexto muito mais subjetivo, do ponto de vista de sua utilidade e o contexto pelo qual ele se aplica. Portanto, o subjetivo não só se exprime por modelos mentais e elaborados de discursos, mas também por vias da satisfação material, onde o consumir não é só uma expressão ou representação, mas uma categoria divina/sagrada ou até mesmo, cosmológica da cultura social e religiosa dessas pessoas. Tendo em vista que a romaria possibilita com que oromeiro experimente um misto de sentimentos (PAZ, 2011) nos quais diversas reações se aproximem no direcionamento dos rituais e suas aplicabilidades no contexto em questão.

Tais perspectivas não são fixas (DOUGLAS; ISHERWOOD, 2006), o campo etnográfico não é engessado. Porém o que nos ficou evidente, quando comparamos tais discursos e as próprias ferramentas que ambos se utilizam para se relacionar com o sagrado, percebemos que é a partir de uma materialidade que está não apenas exposta, mas inseridas no contexto cultural dessas pessoas, possibilita perceber que uma simples panela pode nos fornecer elementos estéticos e sociais do que um poder de compra pode gerar na dimensão cultural do que essas pessoas entendem, por questões como, o próprio serromeiro.

Os bens são, portanto, a parte visível da cultura, são arranjos em perspectivas e hierarquias que podem dar espaço para a variedade total de discriminação de que a mente humana é capaz. As perspectivas não são fixas, nem são aleatoriamente arranjados, como um cardápio. Em última análise, suas estruturas são ancoradas nos propósitos sociais e humanos (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2006, p. 114).

Uma das coisas que nos chama mais atenção, dentro desse grande volume de “trecos” (MILLER, 2013) que são oferecidos nas feiras das romarias é que mesmo com esse emaranhado de sons (CARVALHO, 1998) um ritual se estabelece, a dádiva que é alcançada deve ser oferecida, a dinâmica da vida em seus movimentos se expressa não apenas pelo grande fluxo de pessoas, mas pela grande diversidade de objetos que dão substância a ritualização e as elaborações subjetivas das pessoas. A consequência prática dessas subjetividades, permeia a expressão da religiosidade dessas pessoas, basta ver tanto o exemplo de Seu Eloy, quanto o de Dona Dôra, mesmo ambos tendo experiências distintas a ideia de uma consequência prática não se distancia de suas perspectivas para com o sagrado.

Os parâmetros pelos quais as trocas ocorrem não está intrinsecamente ligada apenas ao financeiro (APPADURAI, 2008) como observado, são relações de parentesco, de amizade e consequentemente, relações político/familiares que são as verdadeiras variáveis desse processo. A escolha da lembrança se baseia em fatores como esses, onde o produto não é validado apenas

pelo financeiro, o valor econômico vai depender do tipo de sociabilidade que se compartilha com o receptor da determinada lembrança, como estamos lidando com “dádiva” é o processo de troca quem dita os parâmetros (APPADURAI, 2008) valorativos do objeto, assim, portanto qualquer preço, qualidade, utilidade e mesmo necessidade só será avaliada a partir de, uma contextualização sociocultural e subjetiva.

Assim o objeto econômico não tem um valor absoluto como resultado da demanda que suscita, mas é a demanda que, como base de uma troca real ou imaginária, confere valor ao objeto. É a troca que estabelece os parâmetros de utilidade e escassez, não o contrário, e é a troca que é a fonte de valor (APPADURAI, 2008, p.16).

O valor que se atribui a um determinado objeto vindo de Juazeiro, decorre por uma relação que se aproxima a uma espécie de transubstanciação, como a que ocorre na missa onde o vinho continua sendo vinho e a hóstia pão, enquanto matérias, porém sangue e carne no ritual. O que nos leva a considerar a ideia de que o divino habita toda a cidade, as coisas continuam sendo coisas porém estão em contato direto com o sagrado, carregando as propriedades do espaço sacro e fazendo com que, o receptor ou mesmo, quem o adquire, esteja em contato direto com esta dimensão sagrada, que procede das concepções da subjetividade desses romeiros, que utilizam sua realidade social em conjunto a cultura mítica e religiosa para construir esse universo em que, coisas expressam um plano ideológico pelo qual se vive a relação, tanto com o sagrado como com suas auto realizações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O universo religioso, sempre foi um campo fértil para as pesquisas dentro das ciências humanas, especialmente a antropologia. O interessante é que este terreno está longe de se esgotar, do ponto de vista epistemológico, muitos dos esforços dentro da sociedade, passa pelo processo de ressignificação, o que não é diferente em Juazeiro do Norte. Uma cidade que se constitui dentro do contexto religioso, como uma “cidade santuário” para os milhares de romeiros do Nordeste e de outras regiões do País, que acorrem ao encontro da figura mítica e complexa do Padre Cícero Romão Batista (1844-1934).

Esses por sua vez, encontram nas terras caririenses do Ceará, um “oásis” para se abastecerem de toda a sacralidade que habita esse espaço, através das igrejas, museus, cruzeiros, monumentos, praças e imagens que representam a própria pessoa do Padre Cícero. Esse movimento, por sua vez, compreende o universo simbólico/religioso de nossos interlocutores,

sem falar em toda uma gama de tradições e oralidades que nos serviram de ferramentas para compreensão desse processo que, pretendíamos abordar aqui, em nosso estudo.

O trabalho versou sobre as práticas desses romeiros, com a materialidade, que entra em contato com a sacralidade, a qual, não apenas habita os espaços já considerados sagrados, mas toda uma atmosfera que colabora para que esta dimensão, ultrapasse limites e ritos. Para o romeiro de Juazeiro, o que existe são hierarquias, entre as coisas sagradas e sacralizadas, isso só é possível devido a temporalidade que as romarias proporcionam, tanto na dimensão da própria urbanidade, como também, na cosmologia dos peregrinos que, do ponto de vista simbólico, compreende todo esse movimento, através dos ritos que estabelecem a materialidade, como um dos focos primordiais de suas práticas.

A categoria “lembança”, não se trata apenas de um sentimento, ou de uma recordação, muito mais do que isso, ela compreende toda a materialidade que os romeiros se utilizam como ferramenta comunicativa da experiência de “gozo e penitência” (PAZ, 2011) que eles vivem, em Juazeiro do Norte, tanto durante a romaria, como antes ou depois, ou seja, os objetos adquiridos no espaço ritual de Juazeiro, tornam-se elementos chaves para compreensão mais aprofundada de um fenômeno que arrasta anualmente as terras caririenses no sul do Ceará, um quantitativo que ultrapassa dois milhões de romeiros (CORDEIRO, 2010).

Desta forma, a categoria lembrança é nativa, pois especifica as coisas adquiridas em Juazeiro. Porém dentro desse aspecto, duas novas categorias nos apresentam a compreensão deste processo, por uma lado, as materialidades sagradas que são expressas como todo o conjunto de objetos que estão diretamente relacionadas ao rituais pré-estabelecidos na romaria, a partir da própria cosmologia do catolicismo e, por outro lado, a de materialidades sacralizadas que, abrange todos os objetos que são incorporados pelas dinâmicas sociais e culturais dos romeiros que a sacralizam, levando em consideração também uma hierarquização entre os dois polos.

Esses rituais são diversos, como vimos na descrição que apresentamos neste trabalho, são expressões de uma religiosidade marcada por elementos da realidade prática desses sertanejos, que não se intimidam de realizar seus ritos, diante do público, sem nenhum acanhamento. São esses ritos que, por sua vez, sacralizam o lugar, ou seja, a dinâmica romeira, com seus símbolos e diversidade de elementos, possibilita que a espacialidade da própria cidade se torne um espaço disponível para o ritual. Por isso, abordamos o título do trabalho trazendo em questão a cidade que, na cosmologia do romeiro, torna-se santuário, onde qualquer local é passível de uma performance ritual como relatamos no segundo capítulo.

Os rituais desenvolvidos pelos romeiros são reflexos de uma caminhada interminável, eles caminham pela manhã, a tarde ou a noite, não estão muito preocupados com confortos, o que se destaca em sua ritualidade é a mistura de gozo e penitência (PAZ, 2011). O ato de consumir está inserido nas duas dimensões, pois o romeiro sente a obrigação de levar uma “lembrança” para os seus, ao mesmo tempo a junção de sentimentos e emoções, prover as motivações necessárias para que tudo tenha um significado prático e livre, embora todo esse processo perpassa pela subjetividade, onde a praticidade só tem relevância, quando está conectado com essa dimensão.

Desta forma, o ritual nos permitiu uma leitura específica dessa realidade que pretendíamos compreender, neste contexto religioso. O que percebemos é que o fenômeno religioso de Juazeiro do Norte, está muito direcionado a uma cultura que leva em consideração símbolos e significados do cotidiano dessas pessoas. Por este motivo, não podemos desconsiderar que os aspectos pelos quais os romeiros realizam sua peregrinação se assemelham a uma dinâmica cultural que, aproxima o divino de sua realidade, embora que o que se sobressai de um modo geral é um grande emaranhado (CARVALHO, 1998) que só reforça ainda mais, a densidade do fenômeno em torno desta mesma realidade, os ciclos concêntricos.

Embora, existindo esses ciclos, não quer dizer que não transcenda essa realidade, até porque, a dimensão da romaria está diretamente ligada a uma temporalidade que permite ao romeiro, romper com seu cotidiano e vivenciar momentos de intensa sociabilidade com outros, em um mesmo local, em um determinado tempo. Esta sociabilidade é o que faz com que os romeiros desenvolvam sistemas como, a dádiva (MAUSS, 2003) que permite que eles intercambiem esse ritual, onde coisas são trocadas como sinal e sociabilidade entre os romeiros e seus familiares.

É interessante, nesse processo, que a compra desses objetos não é abrupta, sem nenhuma reflexão. Os romeiros no próprio período de organização de sua viagem já estabelecem que tipos de objetos serão contemplados com seus recursos, que dependendo se sua condição será ou não adquirido, primeiro para seu próprio lar, em seguida para os seus familiares e amigos. Como foi analisado, em todo o nosso trabalho, não são apenas objetos religiosos que são contemplados, diante disso, o foco é direcionado pelos próprios interlocutores, são as perspectivas que eles nos apresentaram ao definir, todo o conjunto como “lembranças”.

As perspectivas de nossos interlocutores, nos levaram a compreender que os objetos dentro do contexto ritual são transformados. Nas dinâmicas das romarias de Juazeiro, esses objetos se distinguem pelo fato de já está compondo um determinado patamar. As ruas de Juazeiro estão repletas de comércios dos mais distintos, oferecendo uma variedade de objetos

que se diversificam de perspectiva, a partir das hierarquias, uma característica marcante no trabalho etnográfico e que na minha concepção define essa realidade estudada é que o romeiro, encontra no comércio da romaria uma grande mistura de “trechos” (MILLER, 2013) que são devidamente selecionados, a partir das duas categorias que estão intrinsecamente em ação, em todo o processo que abordamos.

Um determinado estabelecimento que comercializa imagens de santos, pode estar oferecendo canecas de alumínio, bijuterias, panelas ou redes. Esse dinamismo nos orienta a entender que, a perspectiva comercial das materialidades dos romeiros comprova a aplicabilidade das duas categorias que identificamos e especificamos, tanto quanto o estabelecimento que ele frequenta, quanto a dinâmica simbólica estão em conexão com a realidade prática, a qual percebemos nas ruas centrais de Juazeiro. Nesses comércios o que prevalece é a própria conjuntura típica das feiras livres das cidades de interior, onde as coisas são expostas na rua, sem nenhum acanhamento, e isso favorece que a ritualidade se interconecte a materialidade. Por esse perfil, os bens materiais não podem ser simplesmente vistos do ponto de vista econômico (APPADURAI, 2008), mas também, pelo âmbito da cultura. Mesmo que a romaria cause uma ruptura com a realidade dessas pessoas, existem elementos que lhes são comuns.

Diante de toda a discussão entendemos que, conceitualmente o que melhor define essa materialidade é a ideia de uma categoria intermediária. Desta forma, toda materialidade que envolve o consumo de objetos sacralizados, em Juazeiro do Norte, constitui como que um conectivo que compreende uma relação intersubjetiva entre romeiros e o sagrado. A panela que veio de Juazeiro do Norte é tratada de forma diferente das demais, não é a mesma coisa com as demais e assim como, os outros utensílios. Obtivemos falas de interlocutores neste sentido, confirmando categoricamente, que não se trata apenas de preços ou oferta, porém por motivações subjetivas.

Os romeiros têm suas próprias motivações para visitarem Juazeiro do Norte, mesmo que subjetivas, diretamente associadas a suas experiências cotidianas. Essa materialidade configura, como que, o “substantivo” para o preenchimento das lacunas que só o ritual, não consegue preencher. As experiências passam por um processo em que se incorpora ao rito, a partir da necessidade do dia a dia dessas pessoas. A materialidade faz parte da existência humana, está em todos os lugares, em todos os momentos, estamos o tempo todo admirando-as (MILLER, 2013), recorrer a esses aspectos é muito mais do que, simplesmente representação, eles intermediam um processo de contato com o sagrado.

Essas categorias que abordamos são resultado de um movimento de “contágio”, onde as coisas que são advindas de Juazeiro do Norte são sacralizadas pela espacialidade sagrada, já que a cidade toda é um santuário na cosmologia dos romeiros. Na observação participante nos ficou evidente que, os romeiros estabelecem essa relação com a materialidade fazendo com que ela se insira no contexto da romaria, também como um ritual, por isso, nossos interlocutores, especialmente os fretantes chegaram a nos afirmar que em seus cronogramas, o dia das compras está previamente estabelecido, para que assim, os integrantes possam ter uma programação financeira básica.

A preocupação com as compras é uma constante, entre todos esses integrantes. Está intrinsecamente vinculado a dinâmica da romaria ter a possibilidade de adquirir objetos, não apenas como recordação, mas que se sacralizam, a partir da perspectiva de sagrado que os romeiros compreendem. Desta forma, entender esses materiais como sacralizados é totalmente diferente de o considera-los como sagrados. Nosso estudo não pretendeu afirmar que, por exemplo, uma panela é sagrada, porém refletir que a espacialidade da cidade de Juazeiro é sagrada e que na cosmologia do romeiro tudo que venha daquele lugar se sacraliza, chegamos a essa dimensão, pelas falas dos interlocutores, pelo contato com o universo simbólico e as imagens bíblicas que se atribui ao local (CAMPOS 2013) e com a própria santidade do Padre Cícero.

O padre Cícero é um santo que pisou naquele solo, pois ali viveu, fez milagres e assim por diante, são essas características que o tornam poderoso e são constantemente enfatizadas pelos nossos interlocutores. A prova da santidade do religioso e da cidade, estão interligadas, pelo fato da presença do Padrinho e de seus milagres, inclusive a própria cidade, seu comércio e o movimento de pessoas, em torno do fenômeno religioso é resultado desta “santidade milagreira” que, entende não apenas o Padre, mas toda a dinâmica da cidade, como resultante desse processo. São estes romeiros que atestam tal questão, pois no final de contas, o que sobressai é a própria ação dos romeiros, tanto no processo criativo da dinâmica religiosa, como também, na resignificação da relação material que se constitui nesse santuário.

REFERÊNCIAS

- APPADURAI, Arjun. **Mercadorias e a Política de Valor**. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A Vida Social das Coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. **O Joazeiro Celeste: tempo e paisagem na devoção ao Padre Cícero**. São Paulo: Attar, 2007.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus**. 2. Ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. São Paulo: Edusp, 2007.
- _____. **Esboço de uma Teoria da Prática**. In: ORTIZ, Renato (Org). Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- _____. **O Poder Simbólico**. Lisboa: DÍEFEL, 1989. P. 7-16
- BRAGA, Antônio M. Costa. **Padre Cícero: sociologia de um padre, antropologia de um santo**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- CAMPOS, Roberta Bivar C. **Como Juazeiro do Norte se Tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, ethos de misericórdia e identidade do lugar**. Revista Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, Vol.28, n.1- 2008. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872008000100008&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 01 ago. 2020.
- _____. **Quando a Tristeza é Bela: o sofrimento e a constituição do social e da verdade entre os Ave de Jesus- Juazeiro do Norte/CE**. Recife. Ed. Universitária da UFPE, 2013.
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XXI**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- CORDEIRO, Domingos Sávio. **Narradores do Padre Cícero: muito mais a contar**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. **Entre chegadas e partidas: dinâmicas das romarias em juazeiro do norte**. Tese (doutorado DO Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2010.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- DOUGLAS, Mary; ISHERWOOLD, Baron. **O Mundo dos Bens**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2006.
- DUMOULIN, Annette; GUIMARÃES, Ana Teresa. **Romeiros/as e Romarias em Juazeiro do Norte: protagonismo de uma liturgia popular, uma visão antropológica**. Revista de Cultura

- Teológica, Vol. 17, n. 67- Abr/jun 2009. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15451>. Acesso em agosto 2020.
- DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008.
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- _____. **O Sagrado e o Profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008
- ELLER, Jack David. **Introdução a Antropologia da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2018.
- ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FAVRET-SAAD, Jeanne. **Ser Afetado**. Revista Caderno de Campo, Vol. 13, n. 13- março de 2005. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>. Acesso em agosto de 2018.
- GEARY, Patrick. **Mercadoria Sagradas: A circulação de relíquias medievais**. In: APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida Social das Coisas: As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. – Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTCA, 2008.
- GODELIER, Maurice. **O Enigma do Dom**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1981.
- HARRIS, Marvin. **El Desarrollo de la Teoría Antropológica: Uma história de las teorías de la cultura**. Siglo Ventuuno ed. México, 1978.
- JEUDY, Henri Pierre. **Espelho das Cidades**. Rio de Janeiro: Casa das Palavras, 2005.
- LEVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**. Lisboa: Edições 70, 1978
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Nayfy, 2003.
- MCCRACKHEN, Grant. **Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo in Raeclassicos: Cultura e consumo: uma explicação teórica da estrutura e do movimento do significado cultural dos bens de consumo**, 2007.
- MILLER, Daniel. **Treco, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- NASCIMENTO JUNIOR, Joaquim Izidro do. **Como Pensam os Mortos: ideologia moderna, catolicismo e espiritismo kardecista em Juazeiro do Norte/CE**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Recife, 2017.
- NETO, Lira. **Padre Cícero: poder fé e guerra no Sertão**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOBRE, Ediane. **Teatro de Deus: As beatas do Padre Cícero e o Espaço Sagrado de Juazeiro**. 1.ed. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O Trabalho do Antropólogo**. - São Paulo: UNESP, 2006.

PAZ, Renata Marinho. **Para Onde Sopra o vento: A Igreja Católica e as Romarias de Juazeiro do Norte**. 1 ed.- Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.

REESINK, Edwin; REESINK, Mísia Lins. **Entre Romeiros e Turistas: a busca do turismo religioso como alternativa econômica em um município do Sertão Baiano**. Revista Estudos de Sociologia, Vol. 13, n. 1- 2007. Disponível em <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/viewFile/235386/28377>. Acesso em setembro de 2020.

REESINK, Mísia Lins. **A Antropologia, Os Católicos e a Noção de Deus**. Revista Religião e Sociedade, Vol. 25, n. 1- , 2005.

_____. **Rogai Por Nós: a prece no catolicismo brasileiro à luz do pensamento maussiano**. Revista Religião e Sociedade, Vol. 29, n. 2- 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/rs/v29n2/v29n2a03>. Acesso em junho de 2018.

_____. **Para Uma Antropologia do Milagre: Nossa Senhora seus devotos e o regime de milagre**. Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos e Pesquisas em Humanidades da Universidade Federal da Bahia, Vol. 18, n. 44- maio/agosto de 2005. Disponível em <https://rigs.ufba.br/index.php/crh/article/view/18527/11903>. Acesso em setembro de 2020.

SAHLINS, Marshall. **O Pessimismo sentimental e a Experiência Etnográfica: Porque a cultura não é um objeto em via de extinção**. Revista Mana, Vol. 03, n. 1-1997. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002. Acesso em agosto de 2018.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies: an introduction**. London and New York: Routledge. (2003) p.25-50.

SILVA, Amanda Priscila Souza e. **“FESTA DO CÉU NA TERRA”**: uma análise de experiências musicais nas romarias de Juazeiro do Norte, CE. Dissertação de Mestrado do Programam de Pós- Graduação em Antropologia da UFPE. Recife, 2017.

ULF Hanners. **Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana**. Petrópolis: Vozes, 2015.

VELHO, Otávio. **Besta Fera: recriação do mundo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2007.